

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO – FAU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO – DEHA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

O INÍCIO DA VERTICALIZAÇÃO EM MACEIÓ –AL: UM ESTUDO
TIPOLÓGICO DOS EDIFÍCIOS MULTIFAMILIARES EM ALTURA (1960-1970)

MARIA ELISA MOREIRA ALVES

MACEIÓ, 2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO – FAU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO – DEHA

MARIA ELISA MOREIRA ALVES

O INÍCIO DA VERTICALIZAÇÃO EM MACEIÓ –AL: UM ESTUDO
TIPOLÓGICO DOS EDIFÍCIOS MULTIFAMILIARES EM ALTURA (1960-1970)

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e
Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas
como requisito final para obtenção do grau de
Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

ORIENTADOR: PROF. DR. ALEXANDRE MÁRCIO TOLEDO

MACEIÓ, 2012

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

- A474i Alves, Maria Elisa Moreira.
 O início da verticalização em Maceió-AL : um estudo tipológico dos edifícios multifamiliares em altura / Maria Elisa Moreira Alves. – 2012.
 204 f., [7] f. de mapas em folha dobrada : il. color.
- Orientador: Alexandre Márcio Toledo.
 Dissertação (mestrado em Arquitetura e Urbanismo : Dinâmicas do Espaço Habitado) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2012.
- Bibliografia: f. 162-167.
 Apêndices: f. 168-204, [7].
1. Arquitetura – Edifícios residenciais. 2. Edifícios multifamiliares Maceió (AL).
 3. Tipologia (Arquitetura). 4. Verticalização. I. Título.

CDU: 728.1(813.5)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO – FAU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO

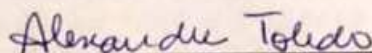
MARIA ELISA MOREIRA ALVES

**O início da verticalização em Maceió-AL: um estudo
tipológico dos edifícios multifamiliares em altura
(1960-1970)**

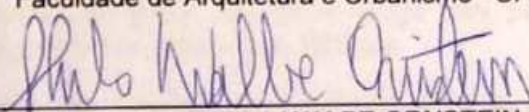
Dissertação de mestrado apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da
Universidade Federal de Alagoas como requisito
final para obtenção do grau de Mestre em
Arquitetura e Urbanismo.

APROVADA EM: 05 de Novembro de 2012.

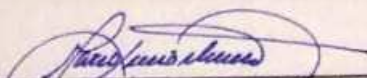
BANCA EXAMINADORA



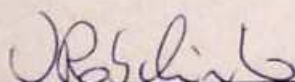
Prof. Dr. ALEXANDRE MÁRCIO TOLEDO
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo –UFAL



Prof. Dra. SHEILA WALBE ORNSTEIN
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo -USP



Prof. Dra. MARIA LÚCIA GONDIM OITICICA
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo -UFAL



Prof. Dra. VERONICA ROBALINHO CAVALCANTE
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo- UFAL



“Foi Deus quem me deu o trabalho a ser feito, foi Deus quem me deu energia para cumpri-lo...”

1 coríntios 15:10

AGRADECIMENTOS

À Deus em primeiro lugar, sobre tudo e todos, pela graça da vida, pela saúde e pelos meios concedidos a mais uma jornada, foi Ele quem me deu força para concluí-la. Muito obrigada, meu Deus!

Aos meus pais, em especial a D. Fátima, mãe amada, pelos cuidados e esforços orientados ao meu crescimento pessoal e profissional, sempre me apoiando com palavras de ânimo e confiando na minha vitória.

À toda minha família, cada um contribuiu com apoio incentivo e pensamento positivo sempre, em especial a minha irmã Nina, por me encorajar a lutar pelos meus objetivos. À minha vovó, Marieta, por seu cuidado e amor incondicional. À Belzinha, que sempre consegue me fazer sorrir nos momentos difíceis.

Ao professor e orientador Dr. Alexandre Toledo, a quem devo agradecer de forma especial por ter se mostrado incansável em transferir seus conhecimentos e experiências. Obrigada, por sua competente orientação!

Aos colegas e amigos do DEHA, pela convivência e troca de experiências. Aos amigos do gEPA, em especial ao Henrique, Yasmin, Sofia e Camila pelo apoio irrestrito e informações que me foram bastante úteis, me ajudando no extenso levantamento cadastral dessa dissertação, obrigada pessoal!

As professoras Dra. Lúcia Oiticica, Dra. Verônica Robalinho e Dra. Sheila Ornstein, pela atenção em participar da minha banca e pelas críticas e sugestões valiosas fornecidas por ocasião do exame de qualificação. Muito obrigada!

Ao Cartofilista Fernando Lôbo, pela gentileza em ceder imagens encantadoras da linda Maceió de outrora. Aos funcionários da SMCCU por permitir o acesso aos seus arquivos para consulta. Aos funcionários da Biblioteca Pública de Maceió pela paciência e grande ajuda nas pesquisas. Ao meu cunhado, por me ajudar com a formatação deste trabalho. A amiga Mila, pela generosidade em me ajudar com algumas fotografias dos edifícios.

A todos os meus amigos, pela renúncia dos momentos de convivência que esta dissertação consumiu e em especial a minha parceira de trabalho diário, Dani, pela tranquilidade e compreensão nos momentos em que precisei estar ausente. A todas as demais pessoas que contribuíram de alguma forma para a conclusão deste trabalho.

A CAPES pelo apoio financeiro.

RESUMO

Mais tardio que em outras cidades do país, apenas na década de 1960 surgem os primeiros edifícios multifamiliares em altura na capital alagoana, mas é a partir da década de 1970 que essa tipologia de habitação começa a se multiplicar na cidade de Maceió-AL, influenciados, sobretudo, pelo setor imobiliário e pela determinação política da classe burguesa que via no edifício alto um símbolo de modernidade, progresso e “status” - concretização no espaço de seu poder - e uma busca da superação do “nosso atraso” com relação às grandes metrópoles brasileiras que desde a década de 1920 vinham produzindo essa tipologia. No entanto, qual a configuração da tipologia habitacional adotada nos primeiros edifícios multifamiliares em altura construídos na cidade de Maceió? Essa dissertação tem por objetivo compreender a tipologia arquitetônica dos primeiros edifícios multifamiliares que surgiram na cidade de Maceió –AL durante as décadas de 1960-1970, considerando aspectos formais e funcionais dos edifícios e apartamentos. Para tanto, realizaram-se levantamentos cadastrais na Secretaria de Controle e Convívio Urbano (SMCCU), resultando em 30 edifícios, distribuídos em sete bairros da cidade. As análises subdividiram-se em duas etapas: (1) tipologia dos edifícios, observando a relação lote x malha urbana, aspectos volumétricos e configuração interna. (2) tipologia do arranjo espacial interno do apartamento, observando número de ambientes, dimensionamento e geometria; e tipologia do arranjo espacial interno, observando a ligação entre os setores e a conexão desses setores com o exterior. Com relação à volumetria dos edifícios observou-se que os edifícios partem sempre de um prisma retangular com operações de adição e subtração, com pilotis e afastados dos limites dos lotes. A utilização de área livre para lazer não se concretizou no universo de edifícios por inexistência de demanda, pois essa atividade era realizada nos espaços públicos da cidade. As análises dos apartamentos comprovam que a tipologia mais encontrada foi a de três dormitórios e dois banheiros com dependência de empregada. Verificou-se predominância de plantas rebatidas e de varandas; existência de hall na entrada das suítes e cozinhas ligadas aos corredores do setor íntimo; nítida separação entre cozinha e serviço e integração entre sala de estar e jantar; grande diferença nas áreas das salas, com menor variação nos dormitórios.

Palavras chave: Edifícios multifamiliares. Tipologias. Verticalização.

ABSTRACT

Later than in other cities of the country, but in the 1960s there were the first multifamily buildings in the capital of Alagoas in height, but is from the 1970s that this type of housing starts multiplying in the city of Maceió-AL, influenced Above all, the real estate sector and the political determination of the bourgeois class who saw the tall building a symbol of modernity and progress "status" - achievement within their power - and a quest for overcoming "our delay" with respect to large Brazilian cities since the 1920s had been doing this typology. However, what the configuration of the housing typology adopted in the first multifamily buildings in height built in Maceió? This thesis aims to understand the architectural typology of the first multifamily buildings that appeared in Maceió-AL during the decades of 1960-1970, considering formal and functional aspects of buildings and apartments. Therefore, cadastral surveys were conducted in the Department of Control and Urban Gathering (SMCCU), resulting in 30 buildings in seven districts of the city. Analyses subdivided into two steps: (1) type of buildings, observing the relationship batch x city, aspects and volumetric internal configuration. (2) type of spatial arrangement inside the apartment, noting the number of environments, scaling and geometry, and topology of the internal spatial arrangement, noting the link between sectors and these sectors connection with the outside. Regarding the volumetric buildings observed that buildings always start of a rectangular prism with operations of addition and subtraction, and with pillars remote from the boundaries of the lots. The use of free area for leisure did not materialize in the universe of buildings for lack of demand, since this activity was carried out in public spaces of the city. The analyzes show that the apartments over the typology was found three bedrooms and two bathrooms with maid. A predominance of plants batting and balconies; existence of the entrance hall of the suites and kitchens attached to the inner corridors of the sector; clear separation between kitchen and service and integration between living room and dining; big difference in the areas of rooms, with less variation in the dorms.

Keywords: Multifamily buildings. Types. Verticalization.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO 1- REFERENCIAL TEÓRICO	29
1.1- CONCEITUANDO O EDIFÍCIO MULTIFAMILIAR	29
1.2- BREVE HISTÓRICO DO EDIFÍCIO MULTIFAMILIAR NO BRASIL	30
1.2.1 - O edifício multifamiliar nas décadas de 1910-1920	31
1.2.2 - O edifício multifamiliar nas décadas de 1930-1940	33
1.2.3 - O edifício multifamiliar nas décadas de 1950-1980	38
1.3 - TRANSFORMAÇÕES NOS ARRANJOS ESPACIAIS DA HABITAÇÃO	43
1.3.1 - Setor íntimo	44
1.3.2 - Setor social	45
1.3.3 - Setor de serviço	45
1.3.4 - Sobreposição de setores	48
1.4 - TIPO, TIPOLOGIA E TOPOLOGIA	49
1.4.1 - Noções de tipo na arquitetura	49
1.4.2 - Noções de tipologia na arquitetura	51
1.4.2.1 - Variações tipológicas nos edifícios multifamiliares	52
1.4.3 - Noções de topologia na arquitetura	57
1.5 - CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO 1	58
CAPÍTULO 2- PROCEDIMENTO METODOLOGICOS	59
2.1 - UNIVERSO DA PESQUISA	59
2.2 - RECORTE TEMPORAL	59
2.3 - LEVANTAMENTO CADASTRAL	60
2.4 - CARACTERIZAÇÃO DO UNIVERSO DE ESTUDO	61
2.5 - ESTAPAS DE ANÁLISE	65
2.5.1 - Análise tipológica dos edifícios	65
2.5.2 - Análise tipológica dos apartamentos	66
CAPÍTULO 3 – O EDIFÍCIO	68
3.1 - RELAÇÃO LOTE E MALHA URBANA	68
3.1.1 - Ocupação do lote	68
3.1.1.1 - Lotes com mais de um bloco de edifício	69
3.1.1.2 - Lotes com blocos isolados	71
3.1.2 - Posicionamento do lote na malha urbana	74
3.1.2.1 - Lotes de meio de quadra	75
3.1.2.2 - Lotes de esquina	78
3.1.3 – Elementos de acesso e proteção	81
3.2 - CONFIGURAÇÃO EXTERNA	84
3.2.1 – Volumetria	84
3.2.1.1 - Prisma retangular alongado	85
3.2.1.2 - Prisma retangular quadrado	86
3.2.1.3 - Prismas retangulares justapostos	87
3.2.1.4 – Prismas retangulares escalonados	87
3.2.2 - Elementos compositivos de fachada	88
3.2.2.1 - Elementos verticais	88
3.2.2.2 - Elementos horizontais	95

3.2.2.3 - Componentes climáticos -----	97
3.2.2.4 - Varanda -----	101
3.2.2.5 - Base, corpo, coroamento -----	102
3.2.3 - Materiais utilizados na fachada -----	107
3.3 - CONFIGURAÇÃO INTERNA -----	113
3.3.1 - Número de apartamentos por andar -----	113
3.3.2 - Espaços de uso comum -----	114
3.3.2.1 - Circulação vertical das escadas -----	114
3.3.2.2 - Circulação vertical e horizontal -----	117
3.3.3 - Área de Lazer -----	119
3.4 - CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO 3 -----	122
 CAPÍTULO 4 – O APARTAMENTO -----	 125
4.1 - TIPOLOGIA DOS ARRANJOS ESPACIAIS -----	125
4.2 - ASPECTOS FUNCIONAIS -----	129
4.2.1 - Quantidade de ambientes -----	129
4.2.1.1 - Setor íntimo -----	129
4.2.1.2 - Setor social -----	135
4.2.1.3 - Setor de serviço -----	139
4.2.2 - Dimensionamento dos ambientes -----	143
4.3 - GEOMETRIA DOS SETORES E AMBIENTES -----	146
4.4 – TOPOLOGIA -----	151
4.4.1 - Ligação entre os setores -----	151
4.4.2 - Conexão ambientes/exterior -----	155
4.5 - CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO 4 -----	158
 CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	 160
 REFERÊNCIAS -----	 170
APÊNDICES -----	176

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fig. 1 - Avenida da Paz, centro. Postal usado – datado 19.03.66 -----	21
Fig.2 - Centro da cidade no final da década de 1960. -----	21
Fig.3- Pajuçara em meados da década de 1970 -----	23
Fig.4- Praia da Pajuçara na década de 1970, Edifícios Donina Carneiro e Jangada. -----	23
Fig.5- Foto aérea da cidade de Maceió no final da década de 1970 -----	23
Fig.6- Foto aérea de Maceió atual. -----	23
Fig.7- Praia da Ponta Verde, início da década de 1970. -----	24
Fig.8- Bairro da Ponta Verde no final da década de 1970. -----	24
Fig.9- Visão panorâmica do bairro da Ponta Verde no ano de 1977. -----	25
Fig.10- Início da verticalização na Ponta Verde, 1970. -----	25
Fig.1.1 - Edifício localizado na cidade do Rio de Janeiro, 1939.-----	32
Fig.1.2 - Edifício na Rua Barão de Capanema, São Paulo, 1972.Planta tipo. -----	40
Fig.3.1- Edifício Jangada constituído por dois blocos de edifícios. -----	69
Fig.3.2- Detalhe dos dois blocos de edifícios do edifício Jangada. -----	69
Fig.3.3- Edifício Armando Lobo constituído por três blocos de edifícios. --	69
Fig.3.4- Detalhe do bloco de edifício do edifício Armando Lobo. -----	69
Fig.3.5- Pilotis do edf. Jangada. -----	70
Fig.3.6- Pilotis do edf. Veleiro, garagem. -----	70
Fig.3.7- Área verde, edf. Armando Lobo. -----	71
Fig.3.8- Área verde, acesso ao edf. Armando Lobo. -----	71
Fig.3.9- Subsolo do edf. Atlântida. -----	72
Fig.3.10- Sala de recepção no pilotis do edf. Atlântida. -----	72
Fig.3.11- Salão de jogos e festas no pilotis do edf. Atlântida -----	72
Fig.3.12- Adaptação de playground no pilotis do edf. Atlântida. -----	72
Fig.3.13- Subsolo do edf. Solar Graciliano Ramos -----	73
Fig.3.14- Áreas não edificadas do lote como área pavimentada e ajardinada para uso coletivo no edf. Solar Graciliano Ramos. -----	73
Fig.3.15- Garagem do edifício São Carlos. -----	73
Fig.3.16- Garagem do edifício Barroca. -----	73
Fig.3.17- Sala de recepção no pilotis do edf. Barroca -----	73

Fig.3.18- Salão de festas no pilotis do edf. Barroca. -----	73
Fig.3.19- Garagem no pilotis do edf. Arthur Vital. -----	74
Fig.3.20- Garagem no pilotis do edf. Mykonos. -----	74
Fig.3.21- Esquema lotes de meio de quadra. -----	74
Fig.3.22- Esquema lotes de esquina. -----	74
Fig.3.23- Acesso ao edf. São Carlos pela Av. Duque de Caxias. -----	75
Fig.3.24- Acesso ao edf. São Carlos pela Rua Des. Artur Jucá. -----	75
Fig.3.25- Acesso ao edf. Núbia pela Av. Duque de Caxias. -----	75
Fig.3.26- Acesso ao edf. Núbia pela Rua Des. Artur Jucá. -----	75
Fig.3.27- Acesso ao edf. Tatiana pela Av. Duque de Caxias. -----	75
Fig.3.28- Acesso ao edf. Tatiana pela Rua Silvério Jorge. -----	75
Fig.3.29- Acesso ao edf. Fragata pela Av. Senador Robert Kenedy. -----	75
Fig.3.30- Acesso ao edf. Fragata pela Rua Desportista Humberto Guimarães. -----	75
Fig.3.31- Acesso ao edf. Veleiro pela Av. Senador Robert Kenedy. -----	77
Fig.3.32- Acesso ao edf. Veleiro pela Rua Desportista Humberto Guimarães. -----	77
Fig.3.33- Acesso ao edifício Barroca pela Rua Desportista Humberto Guimarães. -----	77
Fig.3.34- Acesso ao edifício Barroca pela Rua Mário de Gusmão. -----	77
Fig.3.35- Canteiro ajardinado da Av. Senador Robert Kennedy. -----	78
Fig.3.36- Praça Gogó da Ema e vista para o mar. -----	78
Fig.3.37- Única rua de acesso ao edifício Armando Lobo, Rua Goiás. ----	78
Fig.3.38- Rua Albuquerque Lins, sem possibilidade de acesso ao edifício Armando Lobo. -----	78
Fig.3.39- Acesso ao edf. Biarritz pela Rua Mário de Gusmão. -----	79
Fig.3.40- Acesso ao edf. Biarritz pela Rua Dr. Pompeu Sarmiento. -----	79
Fig.3.41- Acesso do pedestre ao edifício Solar Graciliano Ramos pela Rua Desportista Humberto Guimarães. -----	79
Fig.3.42- Acesso ao subsolo do edifício Solar Graciliano Ramos pela Rua Mário de Gusmão. -----	79
Fig.3.43. Acesso do pedestre ao edifício Solar Graciliano Ramos pela Rua Mário de Gusmão. -----	80
Fig.3.44- Acesso ao subsolo do edf. Solar Graciliano Ramos pela Rua Francisco Laranjeira, atualmente desativado. -----	80
Fig.3.45- Presença de gradis no edifício São Mateus. -----	81
Fig.3.46- Presença de gradis no edifício Mykonos. -----	81
Fig.3.47- Presença de muro no edifício Atlântida. -----	82
Fig.3.48- Presença de muro no edifício Biarritz. -----	82

Fig.3.49- Presença mista de muro e gradis no edifício Mansão Leonardo da Vinci. -----	82
Fig.3.50- Presença mista de muro e gradis no edifício Tatiana. -----	82
Fig.3.51- Guarita central no edf. São Carlos. -----	82
Fig.3.52- Guarita de canto no edf. Lennie Nichols. -----	83
Fig.3.53- Guarita de esquina no edf. Nina. -----	83
Fig.3.54- Guarita interna do edf. Costa Verde -----	83
Fig.3.55- Guarita interna no mesmo ambiente da recepção do edf. Costa Verde. -----	83
Fig.3.56- Esquema da planta baixa do edf. Solar Graciliano Ramos. -----	88
Fig.3.57- Fachada escalonada do edf. Solar Graciliano Ramos -----	88
Fig.3.58- Edf. Antônio Luiza, saque nos armários. -----	89
Fig.3.59- Edf. Mykonos, saque nos armários. -----	89
Fig.3.60- Fachada Frontal do Edf. Tatiana. -----	89
Fig.3.70- Detalhe do saque dos armários. -----	89
Fig.3.71- Fachada lateral do Edf. Benedito Bentes. -----	90
Fig.3.72- Detalhe do saque do banheiro -----	90
Fig.3.73- Escada exteriorizada do edf. Costa Verde. -----	90
Fig.3.74- Fachada lateral do Edf. Solar Graciliano Ramos -----	91
Fig.3.75- Detalhe do saque da escada. -----	91
Fig.3.76- Edf. Praia Verde, varandas na fachada lateral. -----	92
Fig.3.77- Detalhe do saque da varanda. -----	92
Fig.3.78- Edf. Status, varandas com saques. -----	92
Fig.3.79- Edf. Kanandú, varandas com saques. -----	92
Fig.3.80- Edf. Versalhes, varandas de canto. -----	93
Fig.3.81- Edf. Lennie Nichols, varandas de canto. -----	93
Fig.3.82- Edf. São Carlos, sala com saque. -----	94
Fig.3.83- Edf. Donina Carneiro, sala com saque -----	94
Fig.3.84- Edf. Jangada, pilares compõe a fachada. -----	94
Fig.3.85- Edf. Atlântida, pilares compõe a fachada. -----	94
Fig.3.86- Edf. São Carlos, prolongamento da laje dos pavimentos. -----	95
Fig.3.87- Edf. São Carlos, detalhe prolongamento da laje dos pavimentos. -----	95
Fig.3.88- Fachada frontal dos Edf. Lagoa Mar com demarcações -----	96
Fig.3.89- Fachada frontal dos Edf. Jangada com demarcações horizontais. -----	96

Fig.3.90- Fachada frontal do edifício Porto da Barra. -----	97
Fig.3.91- Detalhe da composição da varanda. -----	97
Fig.3.92- Fachada frontal do edifício Barroca. -----	98
Fig.3.93- Detalhe do peitoril inclinado. -----	98
Fig.3.94- Detalhe do peitoril ventilado do Edf. Tatiana. -----	99
Fig.3.95- Detalhe do peitoril ventilado do Edf. Tatiana. -----	99
Fig.3.96- Fachada frontal do Edf. Donina Carneiro antes da reforma. -----	99
Fig.3.97- Fachada frontal do Edf. Donina Carneiro pós-reforma. -----	99
Fig.3.98 - Detalhes da fachada Posterior do Edf. Atlântida -----	100
Fig.3.99- Detalhes da fachada Posterior do Edf. Atlântida -----	100
Fig.3.100- Fachada lateral do Edf. Solar Graciliano Ramos. -----	100
Fig.3.101- Detalhe dos brises, Ed. Solar Graciliano Ramos -----	100
Fig.3.102- Varanda confinada no Edf. Benedito Bentes. -----	101
Fig.3.103- Varanda confinada no Edf. Saveiro -----	101
Fig.3.104- Varanda em balanço, Edf. Atlântida. -----	102
Fig.3.105- Ed. Varanda em Balanço Edf. Versalhes. -----	102
Fig.3.106- Edifício Núbia (1970), base e corpo. -----	103
Fig.3.107- Edifício Jangada (1970), base e corpo. -----	103
Fig.3.108- Edifício Barroca (1973), base e corpo. -----	103
Fig.3.109- Edifício Tatiana (1975), base e corpo. -----	103
Fig.3.110- Edifício Arthur Vital (1975), base e corpo. -----	103
Fig.3.111- Edifício Mykonos (1977), base e corpo. -----	103
Fig.3.112- Fachada frontal Edf. Atlântida. -----	104
Fig.3.114- Ed. Detalhe coroamento Edf Atlântida. -----	104
Fig.3.115- Coroamento do edf. Lagoa Mar. -----	104
Fig.3.116- Coroamento do Edf. Lennie Nichols -----	105
Fig.3.117- Coroamento do Edf. Lennie Biarritz. -----	105
Fig.3.118- Edf. Lennie Nichols com base, corpo e coroamento. -----	105
Fig.3.119- Base com dois pavimentos do edf. Lennie Nichols. -----	105
Fig.3.120- Fachada Frontal Edf. São Carlos nas cores ocre e azul. -----	107
Fig.3.121- Revestimento utilizado no peitoril do Edf. São Carlos. -----	107
Fig.3.122- Fachada posterior do Edf. São Carlos na cor ocre. -----	107
Fig.3.123- Fachada frontal do Edf. Saveiros, bicromatismos nas cores branco e marrom -----	108

Fig.3.124- Fachada frontal do Edf. Tatiana, bicromatismos nas cores branco e azul. -----	108
Fig.3.125- Fachada frontal do Edf. Praia Verde, bicromatismos nas cores branco e preto. -----	109
Fig.3.126- Detalhe da fachada do Edf. Praia Verde, cores branco e preto	109
Fig.3.127- Fachada frontal do Edf. Lagoa Mar, revestida em concreto na cor ocre. -----	109
Fig.3.128- Detalhe da Fachada frontal do Edf. Lagoa Mar, revestida em concreto na cor ocre. -----	109
Fig.3.129- Fachada frontal do Edf. Barroca, revestida em concreto na cor ocre, cerâmica na cor preta e pintura na cor branco. -----	110
Fig.3.130- Revestimento em concreto utilizada na varanda do edf. Barroca. -----	110
Fig.3.131- Detalhe das varandas do Edf. Barroca, revestida em concreto na cor ocre, com leves ranhuras. -----	110
Fig.3.132- Fachada frontal do Edf. Núbia. -----	111
Fig.3.133- Detalhe da fachada do Edf. Núbia: planos salientes, cerâmica decorada e cerâmica natural. -----	111
Fig.3.134- Detalhe das varandas do Edf. Porto da Barra. -----	111
Fig.3.135- Fachada frontal do Edf. Veleiro. -----	112
Fig.3.136- Fachada Posterior do Edf. Veleiro. -----	112
Fig.3.137- Fachada frontal do Edf. Atlântida. -----	112
Fig.3.138- Detalhe das esquadrias do Edf. Atlântida. -----	112
Fig.3.139- Planta do pavimento do edf. Porto da Barra, com dois apt/andar rebatida. -----	114
Fig.3.140- Planta do pavimento do edf. Benedito Bentes, com quatro apt/andar rebatida. -----	114
Fig.3.141- Planta do pavimento do edf. Tatiana, com escada exteriorizada central. -----	115
Fig.3.142- Planta do pavimento do edf. Arthur Vital, com escada exteriorizada central. -----	115
Fig.3.143- Escada de canto, Edf. Kanandú. -----	115
Fig.3.144- Planta do pavimento do edf. São Carlos, com escada confinada interiorizada. -----	116
Fig.3.145- Planta do pavimento do edf. Barroca, com escada confinada interiorizada. -----	116
Fig.3.146- Planta do pavimento tipo do edf. Porto da Barra, escada e áreas em comum como eixo de divisão simétrica. -----	116
Fig.3.147- Detalhe do pavimento tipo do edf. Jangada, sem ligação entre eles. -----	118
Fig.3.148- Detalhe do pavimento tipo do edf. Tatiana, sem ligação entre eles. -----	118
Fig.3.149- Detalhe pavimento tipo do edf. Barroca. -----	118
Fig.3.150- Pavimento tipo do edf. Benedito Bentes. -----	119
Fig.3.151- Detalhe do pavimento tipo do edf. Armando Lobo. -----	119

Fig.3.152- Jardins do edf. Barroca. -----	120
Fig.3.153- Jardins no acesso do edf.Barroca. -----	120
Fig.3.154- Mezanino com área livre e vista para o mar do edf. Barroca. ---	120
Fig.3.155- Salão de festas do edf. Barroca -----	120
Fig.3.156- Piscina no pavimento térreo do edf. Costa Verde -----	120
Fig.3.157- Piscina no pavimento térreo do edf. Armando Lobo. -----	120
Fig.3.158- Apoio com churrasqueira e áreas livres pavimentadas no edf. Solar Graciliano Ramos. -----	121
Fig.3.159- Áreas livres não edificadas com tratamento de paisagismo. ----	121
Fig.3.160- Quadra de esportes no edf. Armando Lobo. -----	121
Fig.3.161- Apoio com salão de festas no edf. Armando Lobo. -----	121
Fig.3.162- Playground no edf. Armando Lobo. -----	122
Fig.3.163- Espaço de convivência no edf. Armando Lobo. -----	122
Fig.4.1- Separação nítida entre os três setores funcionais: íntimo, social e serviço. Ed. Porto da Barra. -----	126
Fig.4.2- Planta com tipologia caixa inserida. apt do Edifício Antônia Luiza, 1975. -----	127
Fig.4.3- Planta com tipologia caixa inserida.Apt do Edifício São Carlos, 1960. -----	127
Fig. 4.4-Planta com tipologia sala de estar central.apt do Edifício Mansão Leonardo da Vinci, 1975 -----	128
Fig.4.5-Planta com tipologia sala de estar central. apt do Edifício Mansão São Tomé, 1976.-----	128
Fig.4.6- Setor íntimo do apartamento edf. Antônia Luiza.-----	129
Fig.4.7- Setor íntimo do apartamento edf. Biarritz.-----	129
Fig.4.8- Setor íntimo do apartamento do edf. Costa Verde -----	129
Fig.4.9- Planta baixa do edf. Status, com 4 dormitórios -----	130
Fig.4.10- Planta baixa do edf. Benedito Bentes, com 2 dormitórios -----	130
Fig.4.11- Planta baixa do apartamento 35 do edf. Mykonos. Sem presença de suíte. -----	132
Fig.4.12-. Planta baixa do apartamento 40 do edf. Costa Verde. Sem presença de suíte. -----	132
Fig.4.13- Dormitórios do apartamento do edf. São Carlos, com mesma área e geometrias -----	133
Fig.4.14- Planta baixa setorizada do edf. Biarritz. -----	134
Fig.4.15- esquema (1) da planta baixa do edf. Biarritz. -----	134
Fig.4.16- esquema (2) da planta baixa do edf. Biarritz. -----	134
Fig.4.17- Planta baixa do edf. Tatiana (1975) -----	135
Fig.4.18- Setor social do edf. Antônia Luiza. -----	136

Fig.4.19- Setor social do edf. Barroca. -----	136
Fig.4.20 Planta baixa do edf. Versalhes. -----	138
Fig.4.21- Planta baixa do edf. Status. -----	138
Fig.4.22- Planta baixa do Edf. São Tomé -----	139
Fig.4.23- Setor de serviço do edf. Arthur Vital. Variação de ambientes recorrentes no setor de serviço. -----	139
Fig.4.24- Setor de serviço do edf. Leonardo da Vinci. Variação de ambientes recorrentes no setor de serviço. -----	139
Fig.4.25-Separação nítida entre os cômodos da cozinha e serviço do apartamento quarto e sala do edf. Costa Verde. -----	141
Fig.4.26- Separação nítida entre os cômodos da cozinha e serviço do apartamento de dois quartos do edf. Mykonos. -----	141
Fig.4.27- Planta baixa setorizada do apartamento do Edf. São Carlos -----	142
Fig.4.28- Esquema da planta baixa do mesmo apartamento -----	142
Fig.4.29- Esquema da planta baixa do apartamento do edf. Tatiana. Setor íntimo em formato de “L”. -----	147
Fig.4.30-Esquema da planta baixa do apartamento do edf. Porto da Barra. Setor íntimo em formato de “L”. -----	147
Fig.4.31- Esquema da planta baixa do apartamento do edf. Saveiro. Setor íntimo em formato de “I”. -----	148
Fig.4.32- Detalhe da suíte do edf. Armando Lobo. Suíte em formato retangular. -----	148
Fig.4.33- Detalhe da suíte do edf. Status. Suíte em formato de “T”. -----	148
Fig.4.34.Distribuição freqüente no setor íntimo; dormit. maiores em forma de “L” e os menores em formato retangular. -----	149
Fig.4.35- Detalhe da sala de estar em formato “L” do apt. do edf. Barroca. -----	150
Fig.4.36- Detalhe da sala de estar em formato “T” do apt. do edf. Biarritz	150
Fig.4.37- Detalhe da sala de estar em formato retangular do apt. do edf. Saveiro. -----	150
Fig.4.38- Forma geométrica retangular da varanda do edf. Atlântida. -----	150
Fig.4.39- Forma geométrica trapezoidal da varanda do edf. Barroca. -----	150
Fig.4.40- Detalhe do setor de serviço em formato “L” do apt. do edf. Jangada. -----	151
Fig.4.41- Detalhe do setor de serviço em formato retangular do apt. do edf. Leonardo da Vinci. -----	151

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Fragmento do mapa da cidade de Maceió. -----	22
Mapa 2.1 - Bairros da cidade de Maceió, onde se localizam os edifícios multifamiliares (1960-1970) -----	64

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.1 - Classificação tipológica e formas de organização.Fonte: SCHENEIDER, 1998, p. 12-1, adaptado. -----	54
Quadro 2.1: Relação dos edifícios não identificados – não analisados--	63
Quadro 2.2: Relação dos edifícios em sequência cronológica. -----	63
Quadro 3.1- Classificação tipológica com relação a ocupação dos edifícios no lote. -----	68
Quadro 3.2- Esquema de posicionamento dos edifícios no lote. -----	70
Quadro 3.3- Síntese do posicionamento do lote na malha urbana -----	80
Quadro.3.4- Classificações tipológicas do volume dos edifícios -----	84
Quadro 3.5- Tipos de peitoris ventilados. -----	98
Quadro 3.6 - Síntese dos elementos compositivos de fachada -----	106
Quadro.3.7- Classificação tipológica número apt/andar. -----	113
Quadro.4.1- Classificação tipológica do arranjo espacial dos apartamentos. -----	125
Quadro.4.2- Classificação tipológica do arranjo espacial dos apartamentos -----	126
Quadro.4.3- Variações de ambientes observadas na suíte. -----	131
Quadro.4.4- Variações de ambientes observadas no setor social -----	136
Quadro.4.5- Variações de ambientes observadas no setor serviço. -----	140
Quadro4.6- Formas geométricas recorrentes nos apartamentos em estudo. -----	147
Quadro.4.7- Variações observadas quanto aos acessos ao apartamento. -----	152
Quadro 4.8- Variações observados na ligação entre os setores social/serviço. -----	154
Quadro4.9- Variações observados na ligação entre os setores íntimo/serviço -----	155

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico.2.1 - Relação de edifícios por bairro. -----	64
Gráfico.2.2 - Relação de número de dormitórios por apartamento. -----	65
Gráfico 2.3 - Relação de número de apartamentos por andar. -----	65
Gráfico.4.1- Porcentagem dos números de dormitórios. -----	130
Gráfico.4.2- Porcentagem do número de suítes. -----	133
Gráfico.4.3- Porcentagem do número de varandas. -----	137
Gráfico.4.4- Porcentagem do número de dependências. -----	141
Gráfico 4.5- Porcentagem da conexão setor social x exterior. -----	156
Gráfico.4.6- Porcentagem da conexão dormitório principal x exterior. --	157
Gráfico.4.7- Porcentagem da conexão cozinha x exterior. -----	157
Gráfico.4.8- Porcentagem da conexão serviço x exterior. -----	158

LISTA DE TABELAS

Tabela.4.1- Área por setores e ambientes dos apartamentos com 2 dormitórios	143
Tabela.4.2- Área por setores e ambientes dos apartamentos com 3 dormitórios	144
Tabela.4.3- Área por setores e ambientes dos apartamentos com 4 dormitórios	146

INTRODUÇÃO

VERTICALIZAÇÃO RESIDENCIAL NO BRASIL: O CASO DE MACEIÓ-AL.

Nos fins do século XIX e início do século XX, no mundo inteiro, o advento da Revolução Industrial impulsionou o crescimento das cidades. Como consequência, surgiram inúmeros problemas como a evolução irregular da malha urbana, a carência de habitação e a desigualdade social. Amparada pelo desenvolvimento tecnológico, a habitação multifamiliar tornou-se aos poucos um importante modelo de moradia da cidade contemporânea, principalmente nas grandes cidades (CHACON, 2004).

No Brasil, é em meio às grandes transformações econômicas, sociais e físicas ocorridas ao longo das primeiras décadas do século XX que se tem início o processo de verticalização de uso residencial no país.

A cidade passa a concentrar população e atividades, requerendo novas configurações espaciais. O desenvolvimento tecnológico decorre de novas necessidades: estruturas de concreto e a consequente provisão de cimento, além da disseminação dos elevadores. O capital imobiliário, em fase de constituição, exige a multiplicação do solo urbano (verticalização) [...] (SOMEKH, 1997).

O adensamento vertical, no que se refere aos edifícios comerciais e residenciais, ao longo do século XX, não visou apenas à otimização dos investimentos imobiliários, mas também a representação simbólica da modernização urbana, por meio da imagem do “arranha-céu” enquanto marco do progresso da cidade e de sua inserção no contexto internacional (SOMEKH, 1997).

[...] ao longo do século XX intensificou-se o processo de disseminação internacional de modelos ideológicos, europeus e norte-americanos, que transmitiam idéias de “progresso” e “modernidade” como forma de exportar seus padrões de consumo, por meio da divulgação de novos modos de vida nos países de economia periférica. Nas grandes cidades

brasileiras, sempre houve uma grande receptividade a esse movimento: a ânsia de modernidade induzia a valorização dessas novidades. Imagens marcantes desse processo, de grande peso simbólico, envolviam também uma mudança radical nos padrões de urbanização: o arranha-céu e o automóvel, fenômenos tipicamente norte-americanos (SOMEKH, 1997, p).

Porém, segundo Reis Filho (1973), a verticalização residencial foi aceita inicialmente com bastante relutância no Brasil, e só se multiplicaria nas décadas de 1930 e 1940, constituindo uma grande inovação no setor residencial com o surgimento dos edifícios multifamiliares em altura. Nestor Goulart (1997), afirma o mesmo: “[...] é com a aceleração do processo de industrialização no país, que os edifícios multifamiliares começaram a se multiplicar no Brasil nas décadas de 1930 a 1940”.

A verticalização, tida como uma realidade nas cidades de grande e médio porte apresenta razões que ultrapassam a simples necessidade de atendimento às demandas habitacionais, indo ao encontro da falta de espaço nos aglomerados urbanos. Representa também uma forma de apropriação do capital e da especulação imobiliária que confere diferentes graus de status aos seus moradores, valorização e lucro para seus agentes promotores e uma nova dinâmica urbana para a cidade (VILLA, 2008, p.25). Em outras palavras: produzem-se apartamentos e vendem-se “status” e “qualidade de vida”.

Mais tardio que em outras cidades do país apenas na década de 1950 surgem os primeiros edifícios verticais em altura na cidade de Maceió – AL, mais precisamente em 1958 se iniciou a construção dos primeiros exemplares de edifícios com mais de quatro pavimentos-tipo, tendo como pioneiro o edifício Brêda localizado no centro da cidade de Maceió-AL para fins comerciais¹. O fim da sua construção e inauguração data do início da década de 1960, coube ao desenhista Walter Cunha² e a firma de Waldomiro Brêda (Walbreda), o projeto de arquitetura e de construção respectivamente, deste exemplar da arquitetura alagoana. O edifício é associado às idéias de “progresso” que começavam a se instalar na capital alagoana.

¹ Sobre o edifício comercial Breda, Silva (1991, p. 34) comenta: “até hoje é um marco visual da cidade”.

² Até a década de 1960 havia poucos arquitetos trabalhando na cidade de Maceió, portanto, eram desenhistas e engenheiros que projetavam os edifícios da cidade. Walter Cunha era um desenhista radicado na época na cidade de Maceió.

Os belos sobrados da época passaram a compartilhar o cenário com uma novidade - o Edifício comercial Brêda - com 10 andares, o qual passou a ser um ponto de encontro entre namorados que subiam até o último andar para apreciar a bela paisagem da cidade. O elevador também era novidade nesse período, o que aumentava ainda mais o entusiasmo e a frequência de pessoas subindo e descendo desse edifício (GOMES, 2006).

Outro prédio em altura também de autoria de Walter Cunha, construído pela firma Walbreda, em maio de 1960, foi o edifício Sede do Banco Econômico da Bahia, que também serve de marco visual para o centro da cidade. Além dessas edificações verticais, Amaral (2009, p. 98) afirma que na década de 1960, na Praça Sinimbu, novas edificações alteram a dinâmica do lugar, em substituição às antigas construções. Como o edifício do Tribunal Regional Eleitoral –TRE, em substituição à antiga sede, destacando-se da vizinhança por sua verticalidade.

É ainda na década de 1960, que surgem os primeiros edifícios multifamiliares em altura: o edifício São Carlos, de autoria também do desenhista Walter Cunha e o edifício Lagoa-Mar³, de autoria inicial do desenhista Israel Barros. Projetos que desenvolveriam a formação de novos hábitos e formas de morar para a população, destacando-se da produção residencial realizada até então e representando o progresso tão almejado pela população local (fig.1 e fig.2).

3 O edifício Lagoa-Mar data de 1964, a respeito desse edifício, Silva (1991, p.103) comenta que para o lançamento desse empreendimento, foram abertos – pela firma GIBOC - contratos cuja garantia estava na participação dos compradores, que deveriam manter o investimento com recursos próprios. O projeto de autoria do desenhista Israel Barros teve alguns problemas, o que leva os investidores a retrocederem nos negócios. Coube à firma GIBOC a alternativa de repasse da construção. Diante da situação caótica, os proprietários resolveram alterar a proposta inicial e o novo projeto foi executado pelo escritório do arquiteto Acácio Gil Borsoi, em Recife, tendo como colaborador o arquiteto Marcos da Rocha Vieira, pernambucano radicado em Maceió.

Fig. 1 - Avenida da Paz, centro. Postal usado – datado 19.03.66



. Fonte: Mercator, 2011.

Fig.2 - Centro da cidade no final da década de 1960. Edifício São Carlos ao fundo.

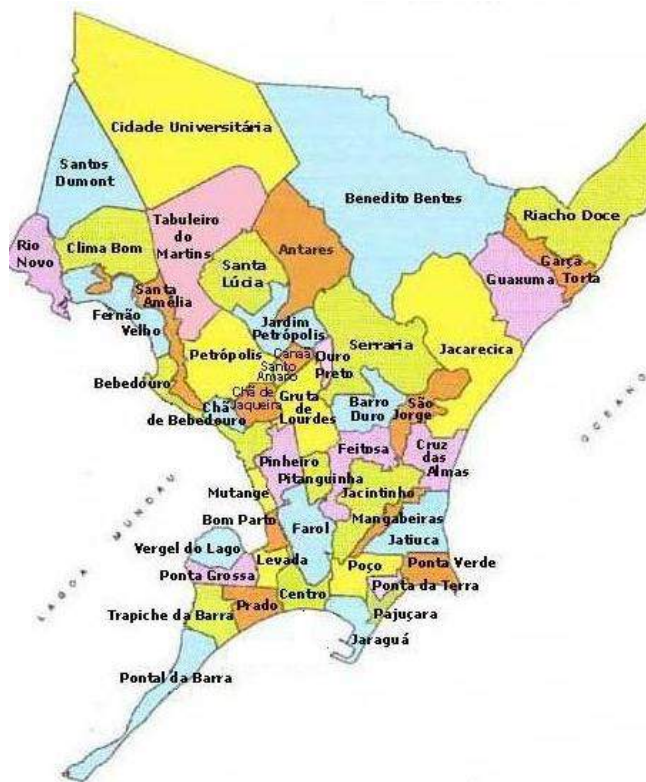


Fonte: Fernando Lôbo, 2011.

Observa-se que a ocupação dos edifícios em altura se concentra, até este período, entre os bairros do Centro e do Farol. Isso se deve possivelmente ao fato desses bairros possuírem na época infra-estrutura completa de serviços públicos, escolas, comércio variado, lazer e entretenimento, praças e por este motivo serem os preferidos pela população local.

A partir da década de 1970, os edifícios multifamiliares em altura começam a se multiplicar na capital, influenciados, sobretudo, pelo setor imobiliário e pela determinação política da classe burguesa que via no edifício alto um símbolo de modernidade, progresso e status - concretização no espaço de seu poder - e uma busca da superação do “nosso atraso” com relação às grandes metrópoles brasileiras que desde a década de 1920 vinham produzindo esta tipologia arquitetônica. Estes fatores influenciaram diretamente na concepção da produção arquitetônica local e na definição desta nova tipologia habitacional.

Mapa 1: Fragmento do mapa da cidade de Maceió



Porém, a implantação da indústria química Salgema⁴ na Avenida Assis Chateaubriand, por volta da década de 1970, acelerou o processo de ocupação em direção às áreas litorâneas situadas ao norte da cidade - ocupando bairros como Pajuçara e Ponta Verde - impulsionando a expansão urbana para esta área da cidade (fig.3 e fig.4). Sendo considerado “o primeiro grande fato imobiliário de Maceió”, a partir daí a cidade começou a receber gente de outras regiões do país (SILVA, 2008).

⁴ No início da década de 1970, descobre-se uma riqueza no subsolo alagoano: sal-gema. Nesta década, portanto, é instalado na cidade de Maceió o pólo cloroquímico (Salgema Indústrias Químicas), maior jazida do país.

Fig.3- Pajuçara em meados da década de 1970. Verticalização ao fundo.



Fonte: Fernando Lobo, cartofilista, 2011.

Fig.4- Praia da Pajuçara na década de 1970, Edifícios Donina Carneiro e Jangada.



Fonte: Fernando Lobo, cartofilista, 2011.

De acordo com Normande (2000) em 1975 com a “descoberta” de Alagoas no cenário turístico do Brasil e até internacionalmente, a cidade de Maceió passou a se expandir com maior intensidade em direção ao litoral Norte. Com isso, a paisagem urbanística da orla marítima começou a mudar gradativamente, recebendo novos moradores. Foi, portanto, a partir dos anos de 1970, mais precisamente no ano de 1975, que a cidade começou a conhecer a construção em série dos edifícios, que atualmente dão à faixa litorânea um dos seus traços característicos (fig.5 e fig.6)

Fig.5- Foto aérea da cidade de Maceió no final da década de 1970.



Fonte: Mercator, 2011.

Fig.6- Foto aérea de Maceió atual.



Fonte: googleimagens.com.br. Acesso em: 12.07.12

Na década de 1970, os edifícios Jangada, Barroca e Praia Verde foram os pioneiros no litoral da cidade, dando formação a tipologia de habitação que seria predominante na faixa litorânea da década seguinte (fig.7 e fig.8).

Fig.7- Praia da Ponta Verde, início da década de 1970.



Fonte: MISA, 2011.

Fig.8- Bairro da Ponta Verde no final da década de 1970.

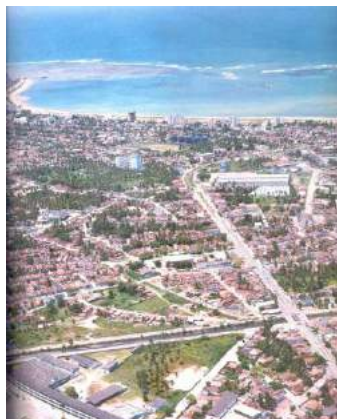


Fonte: Mercator. Ref-11.

Os edifícios multifamiliares se contrapunham às casas de veraneio de alto padrão que se localizavam desde a década de 1960 nos primeiros loteamentos que foram sendo ocupados nesta faixa litorânea, não sendo, portanto, a única tendência de edificação residencial desta época (fig.9 e fig.10).

Todas essas transformações ocorridas na cidade de Maceió não correspondem apenas às alterações na paisagem urbana, mas principalmente alterações no modo de viver dos habitantes, em especial no que se refere aos arranjos espaciais dessas moradias.

Fig.9- Visão panorâmica do bairro da Ponta Verde no ano de 1977.



Fonte: desconhecida.

Fig.10- Início da verticalização na Ponta Verde, 1970.



Fonte: Fernando Lobo, cartofilista, 2011.

PROBLEMA DE PESQUISA

O presente trabalho trata, portanto, do arranjo espacial desses edifícios multifamiliares, produzidos na cidade de Maceió-AL. Consiste em um estudo acerca da qualidade do projeto da habitação local, abordando, particularmente, a tipologia dos edifícios multifamiliares em altura e apartamentos construídos nesta cidade entre as décadas de 1960 a 1970 - desde o surgimento do primeiro edifício multifamiliar em altura, O Edifício São Carlos, até o fim da década seguinte - momento em que a cidade passa por mudanças significativas geradas pelo início do crescimento imobiliário.

São deixados aqui alguns questionamentos, a partir do qual este trabalho iniciou: Qual a configuração da tipologia habitacional dos edifícios multifamiliares e apartamentos na cidade de Maceió no período em estudo? Qual é a origem do cenário desta modalidade de habitação? Quais variações tipológicas eles apresentam? Quais mudanças de programa e dimensionamento ocorridos? Em quais bairros foram construídos esses edifícios?

IMPORTÂNCIA E JUSTIFICATIVA DO TEMA

A cidade de Maceió-AL (1960-1970) passou por um acelerado processo de transformação da sua paisagem urbana motivado, além de outros, pela substituição de residências unifamiliares por edifícios multifamiliares em vários bairros da cidade - sendo bastante visível o seu processo de expansão - o que o torna exemplar contemporâneo da arquitetura. Estudos já foram realizados sobre a consequência desse processo do ponto de vista ambiental e do ponto de vista da infra-estrutura urbana, porém, pouco se estuda sobre os arranjos espaciais desta tipologia de habitação. A lacuna ainda não preenchida acerca desta temática se torna um ponto relevante de interesse a ser estudado.

Existe uma série de fatores como a localização, vizinhança, status, dentre outros macroatributos que influenciam de forma efetiva na hora da escolha e decisão de compra do usuário. Porém, o apartamento em si é o bem de consumo que é comprado e vendido, portanto, o arranjo espacial da habitação, ou seja, a tipologia do imóvel representa sem dúvida uma linha de estudo relevante, uma vez que possui vínculo com comportamentos, hábitos, costumes, enfim, necessidades e preferências particulares.

A partir do quadro apresentado, observa-se a importância de compreender melhor a dinâmica e trajetória das tipologias dos edifícios multifamiliares e dos arranjos espaciais dos edifícios e apartamentos, neste trabalho, aqueles voltados para o mercado imobiliário da cidade de Maceió-AL (1960-1970). Conhecer a habitação multifamiliar é fundamental para quem trabalha projetando e construindo essa tipologia de habitação. Mesmo com todas as implicações que este tipo de habitação pode ter para a cidade e para o cidadão, ela é pouco estudada.

Acredita-se que a análise das características tipológicas dos arranjos espaciais dos edifícios multifamiliares em altura da Cidade de Maceió-AL poderá auxiliar a entender os principais motivos metodológicos das atividades projetivas no período em estudo, além de poder relacionar a mudança dos aspectos projetuais com o contexto que possibilitou a sua ocorrência.

OBJETIVOS

Objetivo geral

O presente trabalho tem como objetivo geral compreender a tipologia arquitetônica dos primeiros edifícios multifamiliares que surgiram na cidade de Maceió –AL durante as décadas de 1960-1970, considerando aspectos formais e funcionais dos edifícios e apartamentos.

Objetivos específicos

- Sistematizar informações referentes aos edifícios multifamiliares datados das décadas de 1960-1970;
- Identificar tipologias arquitetônicas recorrentes nos edifícios e apartamentos;
- Detectar mudanças que ocorreram na tipologia dos edifícios e apartamentos durante o período em estudo;
- Analisar a configuração externa e interna dos edifícios, assim como os aspectos de área, forma e programa dos apartamentos.

ESTRUTURA DO TRABALHO

A presente dissertação estrutura-se em cinco capítulos:

No capítulo 1 discute-se o contexto dos edifícios multifamiliares no cenário nacional, buscando compreender até que ponto as posturas arquitetônicas adotadas nessas cidades influenciam na produção arquitetônica presente nos edifícios multifamiliares da cidade de Maceió-AL (1960-1970). Para tanto são discutidos o contexto das cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Recife. Discute-se ainda sobre as transformações ocorridas nos arranjos espaciais dos apartamentos e a relação com as mudanças nos perfis das famílias brasileiras; apresenta-se também o conceito de tipologia arquitetônica assim como as variações tipológicas adotadas nos edifícios

multifamiliares; finalizando com os conceitos e aplicações da topologia na arquitetura.

No capítulo 2 apresentam-se, os caminhos seguidos durante a pesquisa, mostrando o detalhamento das etapas e suas respectivas fases, bem como os métodos adotados nas análises tipológicas. Foram traçados métodos distintos para a análise tipológica do edifício e do apartamento.

O capítulo 3 é composto pelas análises relativas aos edifícios, identificando-se a forma de ocupação dos edifícios no lote, o posicionamento dos lotes na malha urbana, assim como a relação dos edifícios com o ambiente externo: a rua; analisa-se também a sua configuração externa, descrevendo os elementos compositivos e os materiais utilizados na fachada; por fim analisam-se os espaços de uso comum encontrados nos arranjos espaciais desses edifícios.

O capítulo 4 é composto pelas análises relativas aos apartamentos, destinando-se à identificação tipológica e análises funcionais e topológicas dos seus projetos arquitetônicos; classificou-se as tipologias dos edifícios; caracteriza-se a quantidade de ambientes, a geometria dos setores e ambientes bem como seus respectivos dimensionamentos; por fim, analisa-se as formas de interconexões entre os ambientes, assim como sua ligação com o exterior.

CAPÍTULO 1- REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo apresenta-se o conceito de edifício multifamiliar; discute-se o contexto dos edifícios multifamiliares no cenário nacional - surgidos a partir da primeira metade do século XX - procurando entender como estes fatos influenciaram algumas posturas arquitetônicas adotadas nos edifícios multifamiliares da cidade de Maceió, AL. Em seguida, discute-se sobre a mudança do perfil da família tradicional brasileira e a consequência dessa mudança nas transformações ocorridas no arranjo espacial da habitação. Discorre-se ainda sobre a noção de tipo e tipologia, apresentando os diferentes níveis e maneiras de classificar a tipologia na arquitetura, assim como se discute sobre a topologia como fator preponderante no processo de apreensão das interconexões entre as partes e o todo arquitetônico.

1.1 CONCEITUANDO O EDIFÍCIO MULTIFAMILIAR

A limitada disponibilidade de moradias junto com a crescente valorização do lote urbano ocasionaram a produção das **habitações coletivas**, que se contrapunham à moradia isolada no lote urbano, pertencentes exclusivamente a um proprietário. Apesar de a habitação coletiva ter surgido, no Brasil, como uma promessa de solução para a crise de habitação, como possibilidade de moradia para muitos, logo, o apartamento viria a se tornar a habitação preferida da elite social, chamada de **casa de apartamentos**.

[...] a casa de apartamentos, representava um modelo a ser desenvolvido e reproduzido por toda a cidade, modelo que os incorporadores buscavam cada vez mais valorizar, desvinculando-o de sua condição de habitação coletiva e aproximando-o das vantagens das casas isoladas, com o atrativo de aliar gabarito elevado à ascendência social do proprietário (VAZ, 2002, p. 68).

Além deste conceito – **casa de apartamentos** – num longo caminho percorrido, várias denominações foram dadas a esta tipologia de habitação,

como: **estalagem, prédio de apartamentos, arranha-céu**⁵. Até a década de 1930, o termo **edifício** era restrito exclusivamente aos prédios de escritórios. O termo usado neste trabalho, **edifício multifamiliar**, é o termo contemporâneo utilizado como referência aos edifícios de apartamentos.

Sônia Chacon (2004, p.15) define o edifício multifamiliar como um conjunto de unidades residenciais privadas, dotadas de compartimentos habitáveis (sala e/ou quarto), um compartimento destinado à cocção dos alimentos (cozinha) e um compartimento destinado à higiene pessoal (banheiro), interligadas por uma circulação comum horizontal⁶, que caracteriza um pavimento. Os pavimentos se interligam por, obrigatoriamente, uma circulação vertical (escadas, certamente, e elevadores, possivelmente), podendo apresentar serviços coletivos nos pavimentos e nos acessos.

Num outro nível, António Baptista Coelho (2007) define o edifício multifamiliar como uma tipologia de habitação que tem vantagens de agregação numa comunidade alargada, criando espaços de convivência comum, que geram possibilidade de integração entre seus moradores, além de oferecer uma economia de custos aos mesmos. Em coletivo, essa tipologia, oferece um conjunto de serviços e atividades que são difíceis, caras ou mesmo impossíveis de proporcionar a uma habitação isolada.

1.2 BREVE HISTÓRICO DO EDIFÍCIO MULTIFAMILIAR NO BRASIL

1.2.1 O edifício multifamiliar nas décadas de 1910-1920

Veríssimo e Bittar (1999, p. 21), afirmam que “o espaço geométrico cria vida com a integração entre o homem e a casa”, mostrando que o espaço de morar não é um ambiente estanque. Evoluiu e se modificou com o passar do tempo, uma vez que o homem também evoluiu e se modificou. A habitação representa, portanto, um conjunto de fatores arquitetônicos, culturais,

⁵ Vale salientar que alguns autores denominam edifícios em altura que possuem elevador como meio de circulação vertical como arranha-céu, embora nada se comparem aos arranha-céus surgidos em Nova Iorque.

⁶ Nesse caso quando existe mais de um apartamento por andar.

econômicos, psicológicos, sócio-demográficos, que estão em constante mutação.

A lenta e gradual mudança de hábitos e costumes, aliada a outros fatores, como o aumento da população urbana, fez com que a sociedade buscasse novas formas de moradia e de viver. A valorização do lote urbano, junto com o aumento da necessidade de moradia fizeram com que algumas grandes cidades brasileiras sofressem a partir da década de 1920 um intenso processo de verticalização das residências (CHACON, 2004, p. 23). Os edifícios multifamiliares balanceavam o custo da terra no preço total da moradia, uma vez que proporcionavam o surgimento de várias moradias em apenas um lote urbano; além disso introduzia novos espaços de morar e um novo estilo de vida para uma população em processo de transformação.

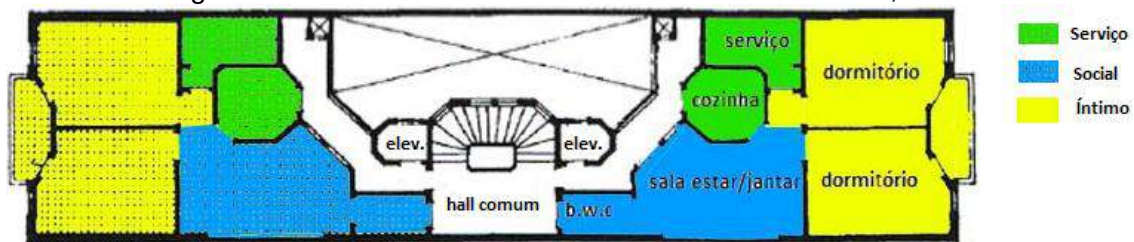
A princípio, a idéia de morar em uma edificação com vários pavimentos, foi pouco aceita no país, pois, a nova proposta de moradia ameaçava costumes já estabelecidos que remontavam aos tempos coloniais. A moradia vertical representava, portanto, uma verdadeira revolução em relação às formas de habitação até então predominantes.

Inicialmente os edifícios verticais residenciais eram rejeitados pela classe média, que os associava aos cortiços. Essa tendência começou a mudar ao surgirem, principalmente no entorno da avenida São João, alguns edifícios de modelo parisiense. A reversão nos costumes de moradia foi marcada pela possibilidade de se contar com fachadas elaboradas e materiais de acabamento de alta qualidade nas áreas comuns, o que fez com que esses primeiros prédios de moradia coletiva em São Paulo passassem a ser chamados de “palacetes” (MARINS In SEVCENKO, 1998, p. 188)

Nos primeiros apartamentos, a solução espacial interna procurava repetir o mesmo programa – solução de planta- das residências unifamiliares isoladas, com seus corredores, salas e saletas, tentando reproduzir seus ambientes de origem (fig.1.1). Chacon (2004, p. 27) descreve a organização espacial interna dos primeiros apartamentos localizados na cidade do Rio de Janeiro:

[...] apresentavam características específicas, destacando-se a presença de quartos independentes, e unidades habitacionais de tamanhos e números de compartimentos diversos, de unidades habitacionais incompletas. Não havia, em geral, uma planta tipo, mas plantas diferentes para cada andar.

Fig.1.1 - Edifício localizado na cidade do Rio de Janeiro, 1939.



Fonte: Adaptado de Chacon, 2004.

Sobre a edificação multifamiliar na cidade do Rio de Janeiro, Chacon (2004, p. 27) comenta ainda que a implantação dessa tipologia de habitação seguia a seguinte configuração: construção na testada do lote, ocupação de toda a largura do lote, com paredes laterais cegas, vãos e aberturas na frente e nos fundos. E era muito comum misturarem funções residenciais e comerciais na mesma edificação. De acordo com Villa (2008, p. 33), essa mistura de funções comerciais e residenciais, ocorreu da mesma forma na cidade de São Paulo, podendo ser considerado uma tendência da época: “observa-se que na década de 1910 e 1920, a grande maioria dos edifícios de apartamentos construídos apresentava algum tipo de comércio no pavimento térreo e, nos demais pavimentos, habitações” tratavam-se, neste período de edifícios verticais com menores proporções de até 3 pavimentos, sem a utilização do elevador, como deslocamento vertical.

Villa (2008, p. 35) analisando a organização interna dos primeiros edifícios localizados na cidade de São Paulo, afirma:

[...] nota-se certa mescla de referencias durante as primeiras décadas. De um lado temos uma incipiente referencia francesa quando observa-se, em outros casos, certa setorização das áreas íntima, social e de serviços, alguma estanqueidade de cômodos e, em alguns casos, já uma idéia de modernidade da habitação através do uso de equipamentos e serviços na casa e da forma de utilização dos espaços.

Para Nádia Somekh (1997), essas décadas correspondem ao primeiro período de verticalização no Brasil, correspondendo ao início do dinamismo metropolitano. Da mesma maneira assinala a chegada do que então entende-se por Modernidade. A diminuição do poder aquisitivo, o aumento da população urbana e a saturação das zonas centrais, tornaram o apartamento uma opção atraente de residência de aluguel, sobretudo a partir do final da década de 1920, caracterizando o “período rentista da verticalização.”

1.2.2 O edifício multifamiliar nas décadas de 1930 – 1940

A partir dos anos 1930, com o crescente emprego do concreto armado, o edifício de apartamentos começou a se colocar como alternativa para a moradia coletiva, solução que até então vinha sendo descartada pela classe média (SOMEKH, 1997, p. 144). Com o aperfeiçoamento do elevador e o desenvolvimento das tecnologias do concreto armado e da construção metálica em altura, surgiram elementos indissociáveis do processo de transformação urbana, possibilitando o processo de verticalização que cairia no cenário preferencial para a existência moderna nas grandes cidades (SEVCENKO, 1998, p. 8).

A forte ligação com o processo de verticalização de Nova Iorque, cujo primeiro edifício vertical em altura fora projetado e construído entre 1832 e 1907 (SEGAWA, 1999, p. 63), faz com que os arquitetos no Brasil, impressionados com os novos ideais modernistas e inspirados no desenvolvimento industrial iniciassem a construção dos primeiros edifícios verticalizados em altura no país e, conseqüentemente, modificação do espaço urbano. Na época houve certa discussão sobre a necessidade ou não dos edifícios verticais em altura, uns sendo contra, outros a favor do processo:

(...) Os arranha-céu no Brasil provêm de um erro profundo. É injustificável e lamentável numa terra rica de espaço esse sistema de construções que em outras cidades, em Nova Iorque, por exemplo, tem sua razão de ser. No Rio de Janeiro a existência dos arranha-céu não têm sentido. (...) É uma imitação. As formas de arte não resultam de uma vontade. Não há forma de arte intencional. E, por isso mesmo, os vossos arranha-céus que não correspondem a uma necessidade, que não surgem espontaneamente da terra, são necessariamente uma expressão falsa de

arte. Penso muito que, de um modo geral, a Arquitetura do Rio é quase uma ofensa à paisagem” (Luigi Pirandello, 1932 *apud* Segawa, 1999, p. 63).

(...)Li a entrevista de Pirandello (...) e recordo-me das suas palavras a propósito dos arranha-céus. Se não me engano ela fala da necessidade de se criar no Rio uma arquitetura que se conforme com a linha da paisagem. Tanto melhor, não seria o caso de se construir edifícios da altura do Pão de Açúcar ou do Corcovado? Creio mesmo que embora se fizessem aqui edifícios de duas ou três vezes maiores que os de Nova Iorque a linha da paisagem nada sofreria. A própria natureza dá o exemplo a seguir (...) Acho que a observação de Pirandello é idiota: com uma paisagem tão grandiosa o Rio permite e exige mesmo que seus edifícios sejam altos (Blaise Cendrars, 1932 *apud* Segawa, 1999, p. 63).

Assim, em acirradas disputas sobre o mérito de verticalizar ou não, as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo ensaiavam a construção dos seus primeiros exemplares de edifícios multifamiliares em altura.

A conquista do gabarito elevado e o alcance visual da paisagem formaram fatores que logo se vincularam ao sucesso social e financeiro dos ocupantes das unidades residenciais localizadas nos pavimentos superiores das edificações. A partir de então os apartamentos mais valorizados eram aqueles situados nos andares mais altos⁷ (CHACON, 2004, p. 25).

De acordo com Nestor Goulart (1997), com a aceleração do processo de industrialização no país, os edifícios multifamiliares começaram a se multiplicar no Brasil nas décadas de 1930 a 1940. Segundo Mindlin (2000) o Edifício Esther (1938), localizado na cidade de São Paulo, foi o primeiro edifício multifamiliar em altura no Brasil, surgindo paralelamente ao modernismo. O edifício possui função mista: residencial e comercial, causando uma grande repercussão na arquitetura por ser uma forma de habitação inovadora e diferente. De autoria de Álvaro Vital e Adhemar Marinho, sua estrutura independente permitiu projetar plantas diferentes para cada pavimento tipo.

Luiz Mauro Passos (1998) comenta que a partir de 1930, mais do que uma categoria econômica, a industrialização se apresentava como uma representação coletiva do desejado ingresso do Brasil no patamar dos países

⁷ De acordo com Tramontano (1998, p. 65) esse processo foi o inverso acontecido em Paris, onde: “quanto mais pobre se é, mais alto se mora”, ficando o pavimento térreo reservado para o proprietário do edifício, com acesso a quintais e pátios internos, em especial nos edifícios verticais que não possuíam elevador.

civilizados. Assim, tudo que a ela se relacionava conotava modernidade, como o crescimento urbano, os arranha-céus e também os edifícios multifamiliares. Esses últimos, voltados para o mercado da classe média, se apresentava como o modo de habitação moderno, tanto por seu modo de produção standard como por proporcionar um estilo de vida adequado aos novos tempos.

Passos (1998), discutindo sobre o novo ambiente que se formava na cidade de Belo-Horizonte na década de 1930, como uma das cidades que presenciava o “surto de industrialização e concentração urbana”, afirma:

[...] Com o novo ambiente que se formava em Belo-Horizonte a partir do final dos anos 30, pode-se compreender o encantamento e as enfáticas manifestações de admiração – mas também de inquietação – pelos arranha-céus e pelas novas formas de habitação que se construíam então na cidade.

A partir dos anos de 1930, quando os primeiros arquitetos modernistas passaram a introduzir racionalidade nos projetos, essas edificações conheceram alterações profundas. Foi a partir de então que as plantas interiores destes projetos arquitetônicos passaram a se constituir da tripartição em setores social, íntimo e de serviços. Filiados à estética modernizadora se observará os apartamentos destinados às famílias modernas, variando o tamanho da célula e nível do equipamento, desde os maiores até os mais reduzidos. Quanto mais alta a classe social, também mais alto seria o nível do equipamento e do apartamento. Villa (2008) afirma: “destinado às pessoas que moravam só, já se podia observar também os primeiros apartamentos de um dormitório ou Kitchenette, que oferecia aos moradores uma moradia transitória.”

[...] será preciso esperar o final da década de 1920 e início de 1930, para se encontrar alguns traços de modernidade claramente europeia e, posteriormente, norte-americana nos apartamentos, como a forma de implantação do edifício no lote, a presença de equipamentos de conforto moderno. São as décadas de 1940 e 1950 que definitivamente irão estabelecer uma maneira de morar francesa (TRAMONTANO,1998).

Paralelamente ao aumento da construção de edifícios multifamiliares, percebe-se já ao longo dos anos 1940, a consolidação da preferência por uma

maneira de morar nas alturas. De acordo com Ribeiro (1989), na década de 1940, a cidade de São Paulo, por exemplo, viveu um processo de intensa renovação urbana marcada, por um lado, pela expansão e reforma viária e embelezamento e, por outro, por uma febre imobiliária que se caracterizou pela especulação. Neste cenário, consolidou-se uma nova modalidade de empreendimento: a incorporação destinada às classes de renda alta. Este processo marca a migração de muitos dos antigos proprietários – rentistas, do mercado do aluguel para o mercado da incorporação.

A partir da Lei do Inquilinato de 1942, que congelava os valores dos aluguéis, as imobiliárias passaram a vender as unidades residenciais, ao invés de alugá-las. Segundo Rosseto (2002, p.28), houve uma reestruturação do mercado baseado na propriedade do imóvel, na qual a moradia ganhou outras características não presentes no modo de produção para renda; popularizou-se o prédio de apartamentos como forma de ganhar mais solo e cada etapa de produção e cada decisão destinava-se à obtenção de renda e lucro.

A produção da habitação como mercadoria, em que se estabelecem relações de compra e venda, é essencialmente diferente da anterior, marcada pelos proprietários e inquilinos. Em outras palavras, a partir desta nova lógica do mercado, a produção deveria resultar em uma mercadoria diferente da oferecida anteriormente. A partir de então, segundo Rosseto (2002), o processo de comercialização era montado segundo estratégias para obtenção de lucro na qual o resultado fixo poderia variar desde que maximizasse o capital investido, levando a tipologias com maior densidade construtiva – os apartamentos menores.

Na década de 1940, os edifícios multifamiliares, impunham no cenário brasileiro, uma nova forma de habitar e de se relacionar com o espaço doméstico. O surgimento desta tipologia de habitação, qualificada por muitos, como o habitat característico das metrópoles modernas começava a ganhar força na paisagem das grandes cidades, em contraponto com as tradicionais casas da época.

[...] tudo faz crer que a casa de apartamento vencerá. Para o futuro será a residência ideal. É confortável, limpa e sadia. Quase sempre no centro. O bungalow está perdendo o coração. O arranha-céu, cheio de andares,

cômodo, elegante, sinuoso, moderno, abrigando dezenas de casas, é bem a construção do nosso século. (ANDRADE, 1974, p.36)

Os edifícios em altura, no Brasil, eram vistos a partir de então como sinônimo indispensável de progresso e modernidade. Um artigo sobre um edifício alto do final da década de 40, na cidade de Belo Horizonte, comprova o fato:

Belo Horizonte já está tomando realmente um aspecto de grande metrópole. Aí estão seus inúmeros arranha-céus atestando essa verdade. Já possuímos na capital mineira um edifício mais alto que o maior do Rio, o que frisamos com um certo desvanecimento. Um dos índices mais positivos, porém, do vertiginoso e crescente progresso de Belo Horizonte nesta última década é, sem dúvida, o aparecimento dos prédios de apartamentos, próprios das grandes metrópoles. PASSOS(1998)

Portanto, morar em um edifício alto, neste período era simbolo de um estilo de vida metropolitano, significava participar desse progresso crescente e vertiginoso das metrópoles, o que implicitamente se sustentava como status social.

Como referência da metrópole moderna, na cidade de São Paulo, os edifícios multifamiliares destinados à classe média e alta passaram a ser projetados por alguns dos grandes nomes da arquitetura modernista brasileira, principalmente os programas de três dormitórios. A maior incidência entre os edifícios de apartamentos nos anos de 1940 foi a da planta reduzida da tipologia francesa com um programa básico de sala, dormitórios (2 ou 3), banheiro e cozinha, apresentando na maioria dos casos, cômodos de empregados – dormitório e banheiro -, e entradas separadas para as áreas social e de serviço. Essa organização espacial, que de certa forma começou a se repetir mais intensamente nessa década, porém, foi ao longo das décadas de 1950 e 1960 se tornando mais recorrente, chegou nos anos 1970 já completamente consolidada (VILLA, 2008, p.40).

A respeito dos distintos acessos social e de serviço nos arranjos espaciais dos apartamentos, bem característicos neste período, Carlos Lemos (1996, p.76), comenta: “estas circulações separadas entre padrões e

empregados fizeram com que o Brasil se tornasse o primeiro e único país a possuir esta medida segregadora em seu programa projetual.”

1.2.3 O edifício multifamiliar nas décadas de 1950 – 1980

De acordo com Moreira e Freire (2007) nos anos 1950, o Recife iniciou o processo de transformação de sua paisagem, com o espraiamento da mancha urbana e a verticalização do Centro. Seguindo o exemplo do Rio de Janeiro e São Paulo de décadas antes, residências unifamiliares começaram a ser substituídas por edifícios multifamiliares, um processo que se intensificou nas décadas seguintes. A introdução do edifício residencial em altura na cena arquitetônica pernambucana a partir dos anos 1950 desafiou os arquitetos a propor soluções para uma sociedade que adquiria novos hábitos. Os autores afirmam ainda que um dos principais desafios residiu na transição das casas unifamiliares para os edifícios de apartamentos, que rapidamente se tornariam o tipo predominante de moradia para as classes médias e altas locais na cidade.

Em Recife, o edifício alto além de sintetizar a imagem de progresso almejada pelas elites locais foi também conveniente em uma cidade com pouca superfície disponível. Os arquitetos Acácio Gil Borsoi e Delfim Amorim adaptaram princípios modernistas da escola carioca e do modernismo europeu às condições climáticas e construtivas da região e propuseram soluções engenhosas que tornaram-se paradigmas da arquitetura residencial local.

O edifício residencial multifamiliar no Recife já surgiu moderno e a contribuição desses arquitetos foi fundamental. Um dos primeiros edifícios altos a despontar na Avenida Boa Viagem foi o Edifício Califórnia, de Acácio Gil Borsói, projetado em 1953. Com uma planta hexagonal, ele associava um volume mais baixo comercial com uma torre residencial que mesclava apartamentos de 1, 2 e 3 quartos. Na mesma Avenida foi erguido o edifício Acaiaca, projeto de Delfim Amorim e Lúcio Estelita, de 1957. Com apartamentos de 2 e 3 quartos, o edifício foi resolvido por meio de um volume único retangular com os cantos chanfrados e com fachadas laterais revestidas de azulejos como proteção às intempéries. Esses dois edifícios são

experimentações em busca do edifício em altura residencial adaptado às condições locais, mas acredita-se que as melhores sínteses só seriam alcançadas posteriormente, na segunda metade da década de 1960 (MOREIRA E FREIRE, 2007).

No quadro nacional da produção de apartamentos nos anos de 1950 e 1960 pode-se observar a relação estabelecida entre o arquiteto e o incorporador. Rossetto (2002) mostra que o papel do arquiteto neste processo era estabelecer a melhor equação entre tecnologia, legislação de uso e ocupação, a fim de se obter lucro com o melhor aproveitamento do solo, no qual o projeto resultasse em mercadoria de venda fácil. Já que o incorporador assumia as funções de gestão do trabalho, o arquiteto tinha um papel parcial, restringindo-se a entregar o produto encomendado, sobre o qual não tinha o controle, visto como um prestador de serviços para o incorporador. Segundo Lemos (1979), o estabelecimento do “modo moderno” de morar foi equacionado, em São Paulo, de acordo com as conveniências do mercado e dos empresários.

Nos anos 60 e 70 em Belo Horizonte, as transformações da sociedade e da paisagem urbana verificadas nas décadas anteriores se consolidaram, ganhando uma maior abrangência e intensidade (PASSOS, 1998, p.119). Vale ressaltar que durante os anos de 1970 e 1980, a influência de importantes mudanças sócio-políticas gerou novos rumos à produção das construções. Em 1965, a implementação do BNH (Banco Nacional de Habitação) gerou um significativo impulso na habitação. A sua criação tinha, entre outras aspirações, a de combater o grande déficit habitacional do país. Plambeu (1979, p.311), observa, entretanto, como a criação de agências estatais de promoção e financiamento de programas habitacionais, como o BNH, também estimulou os empreendimentos imobiliários de grande porte, privilegiando-os e fornecendo à iniciativa privada recursos financiados necessários a sua realização.

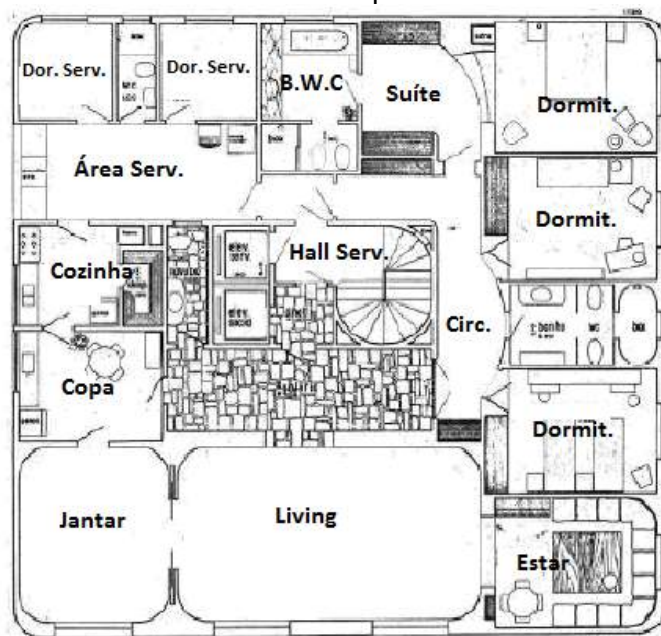
Talvez a modalidade habitacional mais contemplada pelas ações do BNH tenha sido o edifício multifamiliar, cuja grande aceitação, ocorrida na década de 1960 recebe, na década seguinte, um significativo impulso pelo financiamento estatal (VILLA, 2008, p. 44). Essa situação contribuiu para o crescimento do número e do porte dos edifícios multifamiliares e, conseqüentemente, para a implantação de processos de produção em larga

escala, baseados na padronização dos elementos e das rotinas construtivas (PASSOS,1998, p.120).

Bruand (1991, p. 21), comenta que na década de 1960, os edifícios multifamiliares representavam a segunda tipologia arquitetônica mais praticada do país, construídos, na época, única e exclusivamente pela iniciativa privada. Os seus interiores repetiam o princípio de organização da casa isolada: estanqueidade entre cômodos, entre áreas, entre circulações, tratava-se de uma superposição de residências.

Durante a década de 1970, segundo Villa (2008, p. 45), nestes anos de transformação econômica e social, foi oferecida, uma gama bastante ampla de edifícios de apartamentos no mercado de São Paulo. A diversidade atestava de um lado o enorme poder do mercado imobiliário em condicionar necessidades, já que, para garantir o lucro do empreendimento, buscava estimular demandas por meio de apelos publicitários. De outro, demonstrava o sucesso da modalidade habitacional, já bem aceita pela sociedade (fig.1.2).

Fig.1.2 - Edifício na Rua Barão de Capanema, São Paulo, 1972.
Planta tipo.



Fonte: Adaptado de Villa, 2008.

Os apelos publicitários, na década de 1970 davam destaque aos edifícios multifamiliares dotados de áreas verdes, playground e salão de festas: o suficiente para minimizar o estresse da vida na metrópole (TRAMONTANO,

1998). A escolha pela moradia em edifícios, pelas classes de mais alta renda, podem estar associadas também ao apelo publicitário surgido na década de 1970, que mostrava os edifícios multifamiliares como um local imune aos efeitos da violência que assolava as grandes metrópoles. Chacon (2004, p. 51) comenta ainda que outros fatores explicam a preferência das famílias mais abastadas pelos apartamentos, como: a difusão do automóvel, encurtando distâncias, assim como a ascensão social.

Para Moreira e Freire (2007), na cidade do Recife, as décadas de 1960 e 1970, representam a consolidação dessa modalidade de habitação, onde arquitetos como Acácio Gil Borsoi, Delfim Amorim e Wandenkolk Tinoco, após breves observações sobre os problemas advindos dos edifícios multifamiliares em altura para o contexto local, melhor sintetizaram a busca em agregar valores da casa térrea para o apartamento. Edifícios como o Mirage (1967) de Borsoi e o Barão do Rio Branco (1969) de Amorim foram grandes marcos da arquitetura pernambucana. Nesses edifícios os arquitetos lançaram mão de uma série de elementos que se tornaram característicos da escola pernambucana como a divisão do bloco em base, corpo e coroamento; os jogos dinâmicos de planos e volumes, tirando partido das varandas e armários que sacavam do volume; o emprego de artifícios de adaptação climática, como o peitoril ventilado, cobogós e elementos vazados e a preocupação com arremates e detalhes construtivos.

Na década de 1970, as grandes cidades brasileiras, viram consolidar-se com um quadro bastante definido das tipologias básicas de apartamentos disponíveis no mercado imobiliário. A diversidade de áreas das unidades ainda era grande. Já os programas e as soluções projetuais seguiam, na maioria dos casos, basicamente quatro configurações: apartamentos de um dormitório ou tipo Kitchinettes; apartamentos de dois e três dormitórios subdivididos em menores – que apresentavam um modelo reduzido de sala, cozinha, área de serviço, dormitório de empregada (ou não), banheiro e dormitórios – e os maiores- com o mesmo programa, entretanto com a presença da suíte, copa e, principalmente, salas com áreas mais amplas; e o apartamento de quatro ou mais dormitórios – com o programa amplo (VILLA, 2008).

Outro fenômeno constatado se refere à diminuição das áreas dos apartamentos a partir da década de 1970, tornando-se mais evidente nas

décadas de 1980 e 1990. São inúmeras as causas dessa diminuição de área, no entanto entende-se que o interesse de lucratividade por parte dos investidores, assim como, o grande número de apartamentos destinados à classe de menor renda, são fatores decisivos nessa diminuição de área.

Villa (2000, p. 6) comenta que os bairros das grandes cidades foram inundados por lançamentos de apartamentos pequenos que insistiam em abrigar famílias nucleares inteiras em áreas cada vez menores. O quarto de empregada desapareceu, ou, em casos mais extremos, passou a constituir uma terceira – e minúscula – opção de dormitório, dando origem a uma tipologia hesitante, na qual podia-se, supostamente, alterar a função e o status do cômodo, apesar de suas dimensões não pararem de diminuir. A tipologia do “terceiro opcional”, como ficou conhecida, começava a garantir, no mercado imobiliário, o lugar de destaque absoluto que ocuparia ao longo de toda a década de 1980, em apartamentos para todos os bolsos. Segundo Tramontano (1998, p. 279):

[...] por um lado, é verdade, um empobrecimento generalizado da população após tantas crises, pacotes e planos econômicos. Por outro, um real e constante aumento do número de consumidores que não possuem as mesmas fortunas da elite de então, mas que se dispõem a empenhar-se financeiramente para obter a tão sonhada casa própria, abrindo, para isso, magras carteiras. O mercado imobiliário – tanto o de unidades particulares quanto o de unidades públicas – reagiu oferecendo casas e apartamentos cada vez menores e desprovidos de equipamentos, na esperança de chegar a um produto pelo qual o consumidor-alvo pudesse pagar.

Na contramão da redução de área ocorrida nos apartamentos de um, dois e três dormitórios, a área das unidades de quatro dormitórios aumentou significativamente. Em meio às pontuais crises econômicas ocorridas no país durante as décadas de 1980, a produção de grandes apartamentos caros manteve boa parte das incorporadoras e vendedoras no mercado. Oferecia-se um produto caro à parcela da população que sofria menos com as crises, e que mantinha, portanto, poder de compra. A atividade imobiliária, do período de 1983 a 1986 nos aponta um redirecionamento da produção de empreendimentos habitacionais para setores de mais alta renda, concentrando a produção em bairros mais valorizados (CARDOSO, 1996).

1.3 TRANSFORMAÇÕES NOS ARRANJOS ESPACIAIS DA HABITAÇÃO

Para o ser humano, a habitação significa muito mais que simplesmente um núcleo territorial, que um arranjo espacial. A habitação representa um conjunto de fatores arquitetônicos, culturais, econômicos, psicológicos, sócio-demográficos, que estão em constante mutação. Segundo Douglas Brandão (2006), a saúde e o bem-estar das pessoas, assim como as atitudes humanas e valores, são relativos e mutáveis. O autor afirma que o significado de habitação, de lar, de casa, de apartamento, varia de pessoa para pessoa, entre grupos sociais e através das culturas.

Sônia Chacon (2004) comenta que a função “abrigo” pode ser destacada como a função básica da casa, proporcionando várias possibilidades de proteção. É também o espaço permanente das atividades condicionadas a cultura dos seus moradores, ligadas aos hábitos e práticas sociais que, ao longo de todo o século XX, geraram modificações no modo de morar, com a introdução, consolidação e disseminação das edificações multifamiliares. As mudanças observadas foram basicamente em decorrência das alterações das necessidades e dos usos dos compartimentos privativos projetados, que acompanharam as profundas transformações na composição do grupo familiar e nas relações entre seus membros.

Para Marcelo Tramontano (1993) além das transformações na composição do grupo familiar, com o surgimento de novas concepções familiares não tradicionais, três grandes fatores devem ser considerados como responsáveis pelas mudanças significativas observadas nos arranjos espaciais: (1) os novos papéis desempenhados pela mulher e sua mudança de perfil; (2) o advento do home office (coexistência do morar e trabalhar no mesmo espaço); e (3) o surgimento de novas mídias e tecnologias.

O estudo da moradia levará sempre a um resultado de natureza dinâmica, com significados que abrangem várias áreas de conhecimento, isso ocorre porque a moradia deve atender a diferentes necessidades, diferentes famílias, diferentes estilos de vida. Porém, de acordo com Tramontano (1993) quando se trata de edifícios multifamiliares, o que se verifica na tipologia habitacional destes apartamentos é uma racionalidade na sua forma de

organização, a tripartição em setores íntimo/social/serviço. Esses setores funcionais constituem a moradia padrão da sociedade brasileira, mas encontra-se em constante processo de mudanças.

1.3.1 Setor íntimo

O setor íntimo que inclui os ambientes destinados ao uso da convivência familiar, composto por dormitórios, banheiros e circulação, também sofreu modificações profundas, em especial no que se refere às dimensões e números de peças. De acordo com Verríssimo e Bittar (1999), para várias camadas da população, o quarto é a sala de visitas, escritório, sala de estudos, local de trabalho e, ocasionalmente, lugar de descanso. A diminuição do espaço útil, inversamente proporcional a esse aumento de atividades, requer malabarismos na concepção dos novos interiores.

[...] Para minimizar os efeitos das áreas reduzidas dos dormitórios, o mobiliário moderno se adequou permitindo, inclusive, a superposição de funções para este ambiente antes tão definido. Hoje é comum encontrarmos nos quartos, principalmente dos jovens, atividades de estudo, lazer e descanso, dividindo seu espaço com a televisão, o telefone, os livros, aparelhos de som, de ginástica, etc [...] (CHACON, 2004).

Para Brandão (2002), atualmente é quase imperativo que ao menos um dormitório possua um banheiro privativo (a suíte) para servir ao casal, preservando sua intimidade e conforto, mesmo que, os outros dormitórios sofram um encolhimento maior. Segundo Tramontano (1993), a incidência das suítes surgiu na década de 1970. De acordo com o autor, os brasileiros costumam ser mais generoso que franceses ou japoneses, multiplicando pela casa o número de vasos sanitários. Além dos reservados para uso da família, um para a empregada doméstica e um eventual para as visitas – o lavabo.

1.3.2 Setor social

O setor social que abrange os ambientes destinados ao contato com as visitas, fora do convívio familiar, também sofreu modificações com o passar do tempo. Como exemplo, Chacon (2004), cita o caso das salas de jantar: nas casas unifamiliares esse cômodo era perfeitamente demarcado com alvenarias e portas que definiam seus espaços e suas funções. Ao serem transportadas para o apartamento sofreram cortes em suas dimensões, perderam a imponência com a agitação da vida moderna e integraram-se ao espaço da sala de estar.

1.3.3 Setor de serviço

O setor de serviço que engloba os espaços destinados às atividades domésticas, como cozinhas, copas, despensas e dependências de empregados, sofreu grandes transformações com a diminuição da força de trabalho doméstico, em decorrência da diminuição dos espaços para limpeza, do desenvolvimento dos eletrodomésticos e do custo efetivo dos serviços desses trabalhadores. Para Chacon (2004): “outra mutação dentro dos arranjos espaciais pode ser observada com a modernização dos eletrodomésticos, que simplificou as atividades exercidas na cozinha, acarretando a diminuição desse ambiente, como também suprimindo o uso da antiga copa”. A respeito dessa mudança, Veríssimo e Bittar (1999) comentam:

[...] é a presença da mulher que determina as mudanças representativas na melhoria dos interiores da casa brasileira. Na primeira metade do século XX, com a dona de casa passando a utilizar também o espaço da cozinha, mesmo que apenas para fiscalizar o trabalho, este cômodo ganha novos materiais de acabamentos e, cada vez mais equipamentos. Ainda segundo estes autores, no Brasil, as inovações para a cozinha atingem seu apogeu nos anos 70. Além dos equipamentos, novos materiais de revestimento, novas decorações de cozinhas, pela “necessidade de modernizar um espaço que a mulher do final do século vai voltar a ocupar, não servil e obediente, mas participante social e economicamente.

De acordo com Tramontano (1995), foi a partir da segunda metade da década de 1930, que as habitações passaram a conhecer os primeiros facilitadores da vida das donas de casa: o ferro elétrico de passar roupas, os refrigeradores elétricos, aspiradores de pó, enceradeiras e batedeiras. Na década de 1950, surge outro facilitador da vida moderna, a máquina de lavar roupas. Logo surgiram os demais equipamentos como liquidificadores, secadores, fornos e exaustores popularizando-se e definindo o espaço de cozimento numa área menor e bastante racionalizada. O autor afirma ainda: “o ato de preparar uma refeição, que já chegou a ocupar, na história da culinária dias inteiros, utilizando-se de diversos cômodos, tende a realizar-se em poucos minutos, em apertados e otimizados metros quadrados.”

Ao longo da história da edificação residencial no país, o setor de serviço foi o que mais sofreu modificações, podemos encontra-lo em dimensões dilatadas com o fogão à lenha instalado, nas casas coloniais, como também em poucos metros quadrados nas casas populares do século XIX. No final deste século, as famílias urbanas começaram a receber os benefícios da água potável distribuída por redes públicas e do gás como combustível para as luminárias e fogões, provocando alterações na distribuição do espaço destinado à cocção dos alimentos (VERÍSSIMO E BITTAR, 1999).

A área das cozinhas brasileiras, principalmente as de apartamentos, estão cada vez mais reduzidas e não apresentam condições ideais de conforto, desconsiderando o seu usuário e as questões culturais que envolvem nossa sociedade. Apesar de os arquitetos tentarem impor um modelo “moderno”, importado de grandes centros, é fácil verificar que nossa cozinha, mais do que preparo de alimento, congrega outras atividades pertinentes à família, provavelmente como herança de nossa formação histórica, pois ao longo dos séculos, nela ocorreram momentos de integração da família brasileira. (TRAMONTANO, 2000).

Nos apartamentos modernos, habitualmente, as cozinhas antecedem as áreas de serviço, normalmente destinadas à lavagem e secagem das roupas, formando quase um mesmo ambiente, repleta de máquinas e acessórios que simplificam os trabalhos, e que em nada nos lembram as lavanderias das casas coloniais, com seu espaço reservado para quicar roupas ao sol (CHACON, 2004).

Às dependências de empregados posicionam-se contíguas às áreas de serviços dos apartamentos, compostas de um quarto e um banheiro. Veríssimo e Bittar (1999) afirmam que, embora alterada economicamente a relação patrão-empregado, as relações sociais antigas persistem, e a divisão de moradia (casa-grande) e alojamento de empregados (senzala) vai persistir por todo o século XX.

As dependências de empregados localizadas no setor de serviço também sofreram deslocamento com a possibilidade de reversibilidade para os setores social ou íntimo, possibilitando a diversidade de uso desse cômodo. Para Elza Berquó (1989) “esse cômodo mesmo possuindo áreas exíguas é cobiçada em algumas famílias que agregam sob o mesmo teto enteadas e enteados, noras e genros, pais e sogros, numa composição familiar complicada, mas comum na atualidade”.

1.3.4 Sobreposição de setores

São esses invariavelmente os setores que constituem os arranjos espaciais dos apartamentos (setor íntimo/social/serviço), porém de acordo com Chacon (2004) num apartamento de classe social baixa registra-se a superposição desses setores, como por exemplo, social-serviço, onde num mesmo espaço (a cozinha), a família pode usufruir momentos de lazer, recebendo amigos, ou mesmo a superposição social-íntimo representada pelo sofá-cama na sala de estar, sendo essa superposição bastante difundida pela classe média.

Em contraponto, o apartamento com menor superposição de funções, onde existem cômodos específicos para cada atividade, representa sem dúvida a marca de uma boa situação social. É o que justifica a relação extensa de cômodos presentes nos programas dos apartamentos voltados para a classe social de maior renda. Muitas vezes são pequenos espaços, tais como closets, lavanderias, despensas, lavabos, entre outros, mas que demarcam atividades, caracterizam funções e proporcionam status aos moradores.

De acordo com Chacon (2004), no final do século XX, com as mudanças ocorridas no núcleo familiar, que ditaram novas necessidades, o fenômeno da superposição de funções surge com mais frequência, uma vez que a

diminuição gradativa das áreas úteis dos cômodos é um fato marcante ao longo do século XX.

Uma pesquisa desenvolvida pelo Núcleo de Estudo sobre Habitação e Modos de Vida (Nomads), da Universidade de São Paulo (USP), demonstrou que a área de sala das unidades residenciais sofreu uma perda de 37,8% de sua área total ao longo dos últimos 50 anos, enquanto a área dos quartos foi reduzida em 50,26% e na da cozinha a perda foi de 13,46%.

A fim de compensar a redução das áreas, entra no programa dos edifícios de luxo, a partir da década de 1970, equipamentos relacionados ao lazer coletivo, como piscinas, playground e quadras de esportes, iniciando um processo de valorização da esfera coletiva do edifício. Esses equipamentos disseminaram-se rapidamente nos anos seguintes, estendendo-se às classes menos abastadas. O sucesso desta tendência deve-se ao crescimento do individualismo, do cuidado com o corpo, notadamente relacionado ao lazer coletivo, na visão dos investidores, além do aumento da violência, tais equipamentos passam a substituir a esfera pública e afastam o risco que esta vem apresentar. Contribuem também para esta proteção os dispositivos de segurança, muros, câmeras e guaritas, que começam a configurar novos limites entre o espaço público e privado. Além disso, esses equipamentos garantiam status aos moradores a um baixo custo para os empreendedores (TRAMONTANO, 1998).

A respeito das áreas voltadas ao lazer, Coelho (2007) comenta que é fundamental tornar o exterior residencial útil, portanto equipado, apelativo, adequadamente projetado e executado e, também, naturalmente convivial, porque afinal o convívio na vizinhança é motivo e consequência de muitas atividades exteriores, desde o recreio infantil, ao simples, mas fundamental, lazer.

1.4 TIPO, TIPOLOGIA E TOPOLOGIA

1.4.1 Noções de tipo na arquitetura

A obra arquitetônica pode ser vista tanto por sua manifestação artística, como objeto único e original; quanto por sua produção, enquanto objeto produzido em série, essa última visão se enquadra na concepção de produção

dos edifícios multifamiliares, que por apresentarem semelhanças nas suas formas e ou função, podem ser agrupados em diferentes tipos.

A primeira noção de tipo arquitetônico tem origem na cultura acadêmica francesa, com J.N.Durand. Esse arquiteto definia o tipo como a “estrutura interna da forma arquitetônica” e como o “processo metodológico do projeto baseado na articulação de elementos e partes em planta e em fachada” (MONTANER, 2001, p.110).

Foi outro acadêmico - Quatremere de Quincy - que, no seu Dictionaire Historique de L'architecture (Paris, 1832) fez uma distinção clara entre “tipo” e “modelo”. Definiu “tipo” como a “idéia genérica, platônica, arquetípica”, como a “forma básica da arquitectura”, e “modelo” como “aquilo que se pode repetir com rigor, como um carimbo que possui uma série de caracteres recorrentes” (MONTANER, 2001, p.110).

A palavra ‘tipo’ não representa tanto a imagem de uma coisa a copiar ou a imitar perfeitamente, mas sim a ideia de um elemento que, por si mesmo, deve servir de regra. [...] O ‘modelo’, entendido de acordo com a evolução prática da arte, é um objeto que deve repetir-se tal como é; o tipo é, pelo contrário, um objecto em função do qual se pode conceber obras que não se assemelham nada entre si. No modelo tudo é dado e preciso; no tipo tudo é mais ou menos vago. Assim, a imitação dos tipos não tem nada que o sentimento ou o espírito não podem reconhecer [...].

Assim sendo, o tipo diferencia-se de um modelo por seu caráter “diferenciador”. O modelo pode ser copiado, construído e repetido quantas vezes possível a ponto de nenhuma de suas variáveis (forma e tamanho) serem modificadas, mas o “tipo” não se submete a mesma ordem. O tipo é o resultado de uma abstração, ele não sugere uma forma definida, mas um esquema de articulações espaciais.

Giulio Carlo Argan (1984), considerou a definição de Quincy tão clara que resolveu recupera-la e desenvolve-la tempos mais tarde no seu artigo Sobre o Conceito de Tipologia Arquitectónica. Argan (1969) define ainda o tipo como a confirmação de um esquema – esquema que não nasce como hipótese de resposta a uma determinada exigência prática e funcional, mas como “redução de uma série de variantes formais a uma suposta estrutura comum.”

Portanto, o tipo resulta de um processo de seleção de comparação entre vários edifícios, em que nestes, são separadas as características que se repetem, denominadas por alguns teóricos de “variantes”. Seria ainda, um esquema de distribuição de elementos relacionados com uma época, uma função específica e ainda uma ideia de espaço.

Os tipos arquitetônicos são resultados de um agrupamento de projetos – edifícios, casas- seguindo critérios de semelhança entre formas e funções, assim sendo, no processo formativo, o tipo não é formulado a priori, mas extraído de um conjunto de exemplares. O tipo casa pátio, por exemplo, pode ser didaticamente representado como o resultado de uma sobreposição das casas com pátio interno existentes. De acordo com Argan (2001, p. 66), o nascimento de um tipo é, portanto condicionado ao fato de já existir uma série de edifícios que têm entre si uma evidente analogia formal e funcional.

Para se apreender essas analogias a fim de se encontrar o “tipo”, no processo de comparação e sobreposição dos projetos, deve-se isolar os caracteres específicos de cada projeto, conservando unicamente os elementos presentes em todas as unidades de série. O tipo é reconhecido, portanto, pela generalidade, esquematicidade e subjetividade de uma série de obras arquitetônicas, podendo ser deduzido a partir de edificações construídas, originando-se de analogias e interseções de determinados padrões e de suas estruturas constitutivas, especialmente em relação a suas organizações espaciais.

Assim sendo, o tipo pode ser compreendido como um “[...] modo de organização do espaço e de prefiguração da forma [...], isto é, constitui uma unidade significativa deduzida de uma série de exemplares e, a partir dele, podem ser concebidas obras que não se assemelham” (ARGAN *apud* CENIQUEL, 1990).

1.4.2 Noções de tipologia na arquitetura

Uma vez que, os edifícios podem apresentar formas análogas, a análise tipológica é imprescindível para a compreensão das formas comuns de vários projetos. Mas o que significa tipologia? Para se ter uma noção do termo tipologia é imprescindível reconhecer a distinção entre tipo e tipologia. Aldo

Rossi (2001, p.27), define o tipo como a própria idéia de arquitetura, aquilo que está mais próximo de sua essência e a tipologia o seu modelo analítico. Deste modo, toda arquitetura pode ser enquadrada em uma análise tipológica, assim como a cidade, quando nesta se identificam determinados elementos constitutivos.

Na concepção de Aymonino (*apud* MONTANER, 2001), o termo tipologia é entendido como um instrumento e não como uma categoria, é um método de análise de projeto que envolve a relação entre o todo e as partes da unidade construtiva. A análise tipológica traduz-se em como uma mesma categoria de construção pode assumir formas diferentes para desempenhar a mesma função.

Entretanto, para Argan (2001), o processo de formação de uma tipologia não se resume a métodos estatísticos ou classificatórios, o mesmo se apresenta como um processo que tem propósitos formais definidos, onde seu objetivo é: “fornecer um guia tipológico ao arquiteto ao longo de todo o percurso de seu processo ideativo”.

Portanto, as tipologias podem ser consideradas como as soluções em conjuntos que tenham características idênticas. Para Pedro (2000), são as respostas que ocorrem com uma frequência elevada num determinado universo constituem as características tipológicas. Portanto, as características tipológicas, podem resultar da ocorrência elevada da mesma combinação de várias características, por exemplo: 2 dormitórios, 2 apartamentos por andar, Lofts, entre outros.

Outros estudos afirmam que a tipologia arquitetônica é o resultado da evolução das circunstâncias e conceitos de uma época, portanto, as tipologias arquitetônicas estarão sempre em constante mutação. De acordo com Chacon (2004) as formações tipológicas são o resultado das transformações ocorridas na história, tanto dos fatos socioeconômicos, como principalmente, da sociedade e da cultura.

Passos (1998) parece concordar com a definição de Sônia Chacon quando afirma que as formações tipológicas são características de determinados períodos, bem como são encontradas frequentemente em certas áreas urbanas. Essas formações tipológicas são em geral reproduzidas em um grande número de edifícios, mas também transformadas ao longo do tempo,

seja por variações de aspectos particulares, seja por mudanças radicais dos paradigmas projetuais.

A tipologia de uma determinada arquitetura revela, portanto, a norma e os valores estéticos acumulados, resultantes de fatores culturais que condicionaram a formação da norma estética e que, também, regem a sua permanente transformação (COLQUHOUN, 1974). O estudo tipológico arquitetônico expressa, a evolução de constituição da paisagem construída, ajudando a caracterizar seu papel estético (CHACON, 2004, p. 121).

1.4.2.1 Variações tipológicas nos edifícios multifamiliares

As tipologias arquitetônicas podem ser definidas em diferentes níveis. Em um balanço da arquitetura brasileira nos anos 90, Serapião (2001), apresentou quinze diferentes categorias de tipologias de arquitetura que vão desde as residências unifamiliares a terminais de transportes. Os edifícios multifamiliares, objeto de estudo deste trabalho, representa a segunda das quinze categorias de tipologias estabelecidas pelo autor: 1. residências unifamiliares; 2. habitação coletiva ou edifícios de apartamentos; 3. institucionais; 4. comerciais; 5. administrativos; 6. industriais; 7. religiosos; 8. hospitalares; 9. antigos de valor histórico; 10. para eventos, esporte e lazer; 11. culturais; 12. escolas; 13. hotéis; 14. restaurantes; e 15. terminais de transporte.

Passando-se a um nível maior de especificidade e tomando-se apenas o caso dos edifícios multifamiliares, Brandão e Heineck (2004) afirmam que consideram nas suas análises de tipologia, “a forma geral do apartamento, circulação interna, além de critérios de distribuição e interconexão”. Além desses aspectos, segundo os autores, é possível analisar a tipologia de um apartamento observando na planta o seu conteúdo programático (cômodos existentes, número de dormitórios e banheiros, dentre outros). Douglas Brandão (2002) considera dentro dos seus parâmetros de análise, já descritos acima, a oferta de tipologias de apartamentos no Brasil bastante diversa - onde classificou mais de 80 tipologias de apartamentos distintas.

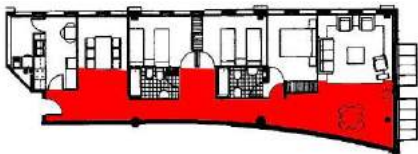
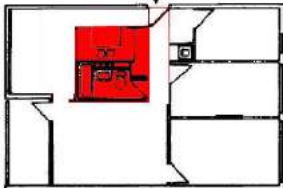
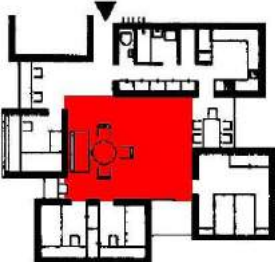
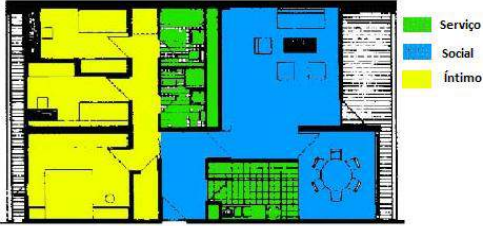
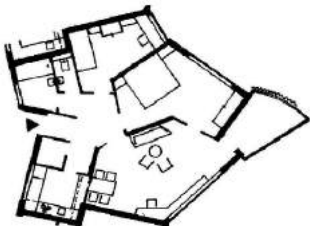
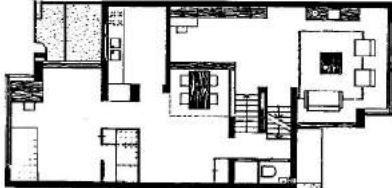
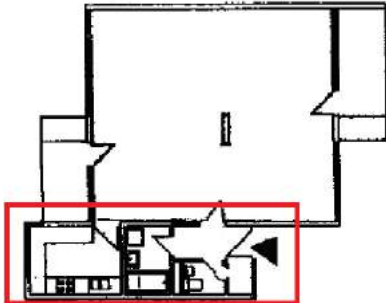
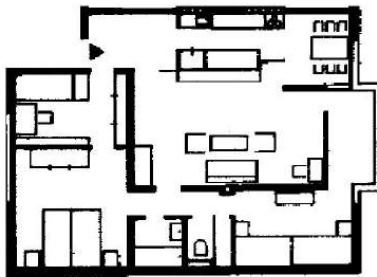
Marcelo Tramontano (2000), de acordo com seus parâmetros de análise, parece discordar da “diversidade de tipologias” constatada por Brandão (2002).

Nos seus estudos sobre a evolução das habitações contemporâneas, Tramontano (2000), agrupou os apartamentos em seis tipologias. No agrupamento da primeira até a quarta tipologia, os apartamentos são classificados de forma simplificada com base no número de dormitórios (variável de 01 a 04 dormitórios); a quinta tipologia se refere aos flats; os duplex e lofts entram como uma sexta tipologia. Afirma ainda que a evolução da tipologia de apartamentos não acompanha a transformação ocorrida no perfil da família e que muitos projetos apresentam pequenas diferenças apenas de layout, acabando todos por seguir o mesmo modelo tripartido em zonas social, íntima e de serviço.

Tramontano (1995) salienta que muitos profissionais de arquitetura ao projetarem habitações se mantêm arraigados aos tradicionais moldes vigentes, seja a tripartição burguesa social-íntimo-serviço, seja o padrão “moderno de habitação” com a centralização da cozinha e a bipartição dia-noite. Esses modelos foram originalmente concebidos para a família nuclear, em um momento em que esta tipologia familiar surgia como absolutamente dominante. Portanto, Tramontano (2000), ao estudar a evolução da habitação contemporânea na cidade de São Paulo, estabelece uma série de críticas aos modelos habitacionais oferecidos na metrópole e considera essa análise extensiva ao restante do país.

No que concerne à organização espacial interna do apartamento - como a forma geral do apartamento, circulação interna, além de critérios de distribuição e interconexão – não se deve deixar de mencionar a classificação apresentada por Scheneider (1998), que classifica as plantas em oito categorias distintas (quadro 1.1):

Quadro 1.1 - Classificação tipológica e formas de organização.

 Barcelona, 1988-92. tipo corredor: organiza-se segundo um eixo. Os cômodos e/ou unidades habitacionais são distribuídas linearmente ao longo de um eixo	 Urtenen, Suíça, 1964- 65. tipo caixa inserida ou com core central: apresenta um núcleo central composta pelos cômodos cozinha e banheiro inserida em seu interior.
 Alemanha, 1962. sala de estar central: o desenho da moradia se desenvolve em torno da sala de estar. A comunicação entre os demais cômodos é estabelecida por meio deste ambiente.	 Stuttgart, 1969-71. separação das áreas funcionais: as zonas funcionais são claramente separadas. Esse tipo de habitação é mais recorrente no Brasil e se caracteriza em zona social, íntima e de serviço.
 Stuttgart, 1954-59 orgânica: a compartimentação da unidade habitacional é projetada com base no estudo das circulações desenvolvidas pelos usuários durante a execução das atividades domésticas e de uso dos espaços. Busca-se evitar o uso de corredores/hall de circulação quando possível	 Delft, 1976. fluida: os cômodos são basicamente divididos pela demarcação do mobiliário, é recorrente a omissão de paredes divisórias. Assim sendo, de um único cômodo é possível observar o maior número de cômodos.
 Zurique, 1989-1991. flexível: é freqüente em apartamento cujo arranjo físico prevê um núcleo fixo de instalações, liberando os demais espaços para divisões e utilizações variadas.	 Alemanha, 1957. circuito: caracteriza-se por apresentar cômodos com mais de um acesso, favorecendo as relações funcionais e espaciais entre os distintos cômodos.

Fonte: Adaptado de SCHENEIDER, 1998, p. 14-15.

Gobbo e Rossi (2002) expõem uma definição mais ampliada de tipologia arquitetônica, no que se refere ao arranjo espacial. Para isso as autoras utilizam três parâmetros de análise: 1. Organização espacial que incluem a organização interna das plantas - baseadas nas oito possibilidades de tipologias apresentadas por Scheneider (1998) e as possibilidades de posicionamento dos edifícios no terreno (tipos de implantação); 2. Econômicos, através de uma avaliação de custos dos espaços projetados, assim como a influencia da forma do edifício; 3. Legislação urbanística e edilícia em vigor na cidade, onde estão os índices urbanísticos que controlam a elaboração do projeto.

Num outro nível de detalhamento observam-se os trabalhos realizados por Scheneider (1998); Chacon (2004); Gobbo e Rossi (2002); e Passos (1998), que consideraram em seus trabalhos as formas e volumetrias dos edifícios multifamiliares, bem como seu posicionamento no terreno – tipos de implantação. Scheneider (1998) classifica os edifícios multifamiliares encontrados em diversos países, em nove tipologias distintas, são elas: 1. os blocos delimitadores de quadras ou quarteirões; 2. edificações em vazios urbanos irregulares; 3. edifícios de esquina; 4. edifícios apoiados em muros corta-fogo; 5. vilas-urbanas; 6. blocos lineares isolados; 7. torres residenciais; 8. edifícios-colina; e, 9. blocos isolados com volumetria livre.

Chacon (2004) reconheceu algumas tipologias de edifícios multifamiliares - empregados com regularidade na cidade do Rio de Janeiro, mais precisamente no bairro Botafogo – constituindo as expressões do mercado imobiliário. As tipologias classificadas foram: 1. casas de apartamentos; 2. edifícios Chácara; 3. edifícios modernos sobre pilotis; 4. edifícios-corredor; 5. edifícios-torre, recuados sobre pilotis; 6. edifícios-torre, isolados sobre pilotis; 7. lâminas sobre embasamento; 8. torres em lotes condominais; 9. pequenos edifícios; 10. lâminas com área de lazer.

Gobbo e Rossi (2002) tratam das características da tipologia dos edifícios de apartamentos na cidade do Rio de Janeiro no período de 1990 a 2001. Os autores mostram quatro tendências tipológicas: 1. os condomínios fechados; 2. os edifícios residenciais altos; 3. os edifícios em bloco; 4. os empreendimentos do tipo Flat Service ou Residence Club.

Passos (1998) observou algumas formações tipológicas na cidade de Belo Horizonte no período de 1939-1976, considera que essas formações são características de alguns períodos e reproduzidas em um grande número de edifícios, mas que também são transformados ao longo do tempo, por variações de aspectos particulares ou por mudanças nos paradigmas projetuais. O autor considera três fases de formações tipológicas: cubo-futurista (1939-1955); racional-plasticista (1953-1962) e funcional-tecnista (1962-1976).

1.4.3 Noções de topologia na arquitetura

A primeira noção de topologia foi definida pelo matemático alemão Listing, o qual a definiu como sendo “a teoria das características modais dos objetos, ou das leis de conexão, de posições relativas e de sucessão de pontos, linhas, superfícies, corpos e suas partes, ou agregados no espaço, sempre sem considerar os problemas de medidas ou quantidade” (LISTING *apud* O’CONNOR; ROBERTSON, 2000).

O termo topologia cuja etimologia significa: *logos* (estudo), *topos* (lugar), pertence ao campo da geometria. De acordo com Sperling (2008, p.40) ao estudo da topologia interessa menos a forma, que estaria vinculada à topografia e mais as relações existentes entre os pontos desta forma. Nesse sentido, a topologia vem sendo estudada com frequência nas investigações de obras da arquitetura contemporânea, preservando seu sentido a essência fundamental dessa área da geometria, ou seja, o estudo das propriedades geométricas e não de suas características formais.

Para Aguiar (2009, p.2), enquanto a geometria revela um aspecto manifesto e percebido dos objetos – ela tem uma forma, é vista em pontos, linhas e superfícies – a topologia é menos visível. De fato as características topológicas – decorrentes do arranjo espacial – de um objeto arquitetônico, seja ele edifício ou situação urbana, são invisíveis em sua totalidade. A topologia está escondida; imersa em relações espaciais. A planta arquitetônica é uma explícita descrição geométrica que carrega uma implícita descrição topológica.

A topologia trata da proximidade, interconexão e continuidade entre os espaços possíveis de serem aplicados a qualquer ponto ou regiões de um objeto geométrico. Portanto, a leitura do arranjo espacial de uma habitação pode ser desenvolvida por meio do seu estudo topológico, ou seja, por meio das conexões e interconexões entre os seus ambientes.

As relações, tanto visuais quanto de acessibilidade, estabelecidas entre os distintos lugares e/ou cômodos de uma habitação, revelam o modo de utilização do/dos espaços. Para além da forma, o arranjo espacial é preponderante para a construção dessas relações que são implicitamente recheadas de fragmentações e continuidades espaciais. Deste modo, pode-se afirmar que a dimensão comportamental humana no espaço habitacional está intimamente vinculada à distribuição espacial dos cômodos. O aberto e o fechado, as sequências espaciais, as proximidades e distanciamentos, o manejo do espaço, são relações que podem de algum modo, sob algum aspecto, serem entendidas topologicamente.

Aguiar (2002, p.3) afirma ainda que a ordenação topológica transcende à ordenação geométrica e se refere ao modo de utilização da edificação. Trata-se de fato de uma ordem topológica [...]. Topologicamente o que conta é a condição relacional, a articulação ou inflexão, a proximidade ou distanciamento, enfim, o modo como os espaços de uma edificação se relacionam ou se articulam.

Ao tratar o espaço como um todo formado por partes conectadas é possível desvendar sua gramática, ou seja, seus elementos constituintes e suas interconexões. Alinhando o aspecto topológico aos conceitos arquitetônicos de topologia, pode-se então identificar tanto os elementos fixos de uma planta arquitetônica quanto a pluralidade de soluções para um projeto.

1.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO 1

Desde a década de 1920, os edifícios multifamiliares tem sido uma solução usual de moradia nas grandes cidades brasileiras, constituindo uma tipologia que tem originado novas possibilidades de habitação para uma população em processo de mudança.

Entre as décadas de 1940 e 1960, consolidam-se dois padrões de habitação vertical, o primeiro, de apartamentos para alugar, em que se reproduzia uma versão reduzida da casa térrea de então, o segundo destinados às famílias mais ricas, com programas semelhantes aos palacetes da época. Com as mudanças no núcleo familiar e nos modos de vida da população, chega-se a um modelo básico de habitação, apresentando um programa baseado na família nuclear com salas de estar/jantar, dormitórios, banheiros, cozinha, serviço, dependência completa de empregados, além de entradas separadas sociais e serviço.

Na década de 1970, as inovações tecnológicas como os equipamentos de uso doméstico contribuíram para uma reorganização do modo de vida, acarretando na diminuição da mão de obra doméstica e consequentemente dos espaços de serviço, na busca pelo desenho da “habitação ideal”, os demais setores também se reformularam, buscando atender com economia as necessidades da família nuclear brasileira. A fim de compensar as perdas das áreas, surgem os primeiros espaços destinados ao lazer coletivo nesta tipologia de habitação, disseminando-se rapidamente nos anos seguintes.

Na arquitetura, o tipo é um elemento que deve servir de regra ao projeto, concebendo obras que não se assemelham entre si, é a confirmação de um esquema que nasce da redução de uma série de variantes formais a uma suposta estrutura comum. Enquanto a tipologia se refere ao processo de análise das soluções arquitetônicas que possuem formas e funções análogas, são as respostas que ocorrem com frequência elevada num determinado universo.

Por fim, viu-se que a topologia trata da proximidade, interconexão e continuidade entre os espaços, portanto, a leitura do arranjo espacial de uma habitação pode ser desenvolvida por meio do seu estudo topológico, mais precisamente por meio das conexões e interconexões entre os seus ambientes.

CAPÍTULO 2- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho consiste em um estudo exploratório, visto que o tema se caracteriza por ser bastante abrangente, possuindo vários fatores de influência; assume também características de análise qualitativa, descritiva e comparativa. Neste capítulo apresentam-se a caracterização do objeto de estudo, as etapas de análise tipológicas, geométricas e topológicas.

2.1 UNIVERSO DA PESQUISA

A pesquisa tem como universo os edifícios multifamiliares em altura da cidade de Maceió aprovados na SMCCU (Secretaria Municipal de Controle e Convívio Urbano) nas décadas de mil novecentos e sessenta e mil novecentos e setenta e construídos na cidade. Consideram-se, neste trabalho, edifícios multifamiliares em altura aqueles que possuem mais de quatro pavimentos e que utilizam o elevador como meio de deslocamento vertical.

2.2 RECORTE TEMPORAL

Optou-se pela produção arquitetônica das décadas de 1960 e 1970, por três motivos principais:

1. A década de 1960 foi o período de surgimento dos primeiros edifícios multifamiliares em altura na cidade de Maceió. Nessa década e início da seguinte, os projetos dos edifícios possuíam grande influência de profissionais formados pela escola de arquitetura de Pernambuco, uma vez que ainda não existiam na cidade profissionais formados pelo curso da Universidade Federal de Alagoas-UFAL;

2. Durante a década de 1970, a cidade de Maceió passou por mudanças significativas na sua paisagem, geradas pelo início do crescimento urbano - referentes aos edifícios multifamiliares em altura - que aconteceu na cidade. No

entanto, existe uma lacuna ainda não preenchida acerca desta produção arquitetônica, tornando-se um ponto de interesse a ser estudado;

3. Em 1974 ocorreu a criação do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, com arquitetos egressos a partir do ano de 1978. Porém, observa-se que nesse período, alguns desses egressos já projetavam edifícios em altura.

2.3 LEVANTAMENTO CADASTRAL

Esta etapa se refere ao levantamento cadastral de todas as plantas, fotos e informações referentes aos projetos de edifícios multifamiliares datados das décadas de 1960 e 1970. Os dados referentes ao universo da pesquisa foram coletados, primeiramente, no CIC (Coordenação de Informação de Cartografia) da Secretaria Municipal de Controle e Convívio Urbano (SMCCU) da cidade de Maceió. A coleta de dados consistiu em obter as informações gráficas de cada edifício (planta baixa) e uma catalogação das características gerais do mesmo, organizando-as em tabelas.

Esta etapa do levantamento cadastral realizou-se junto a atividade do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do grupo de pesquisa gEPA da Universidade Federal de Alagoas, com projeto de pesquisa intitulado: “Avaliação do desempenho ambiental e funcional de unidades habitacionais unifamiliares e multifamiliares em Maceió – AL ”

Durante a coleta de dados, fotografaram-se as plantas baixas do pavimento tipo de cada edifício de apartamento, assim como a sua implantação. Devido ao péssimo estado de conservação das plantas e visando uma melhor precisão de detalhes para a análise dos dados, digitalizaram-se as imagens (fotografias) do pavimento tipo de cada edifício com o auxílio do programa AutoCAD.

Além disso, realizaram-se visitas *in-loco* aos edifícios em estudo, para obtenção da imagem das suas fachadas, dado que complementa o levantamento de dados de cada edifício. Em alguns casos, os arquivos encontrados na SMCCU apresentavam inconsistências, nesses casos essa visita possibilita o acesso a alguns edifícios que possuem plantas incompletas.

Os dados dos edifícios foram organizados em formato de fichas, para cada edifício da amostra, com suas respectivas plantas baixas e fotografias.

Realizaram-se ainda levantamentos de imagens da época (1960-1970), em bibliotecas especializadas: Instituto Histórico e Geográfico da cidade de Maceió (IHG) e Museu da Imagem e do Som (MISA) da cidade de Maceió, para complementação de informações sobre a cidade de Maceió no período em estudo (1960-1970).

2.4 CARACTERIZAÇÃO DO UNIVERSO DE ESTUDO

O conjunto da produção arquitetônica, representada pelos edifícios multifamiliares datados da década de 1960 e 1970 totalizam um universo de 35 exemplares:

1. 31 projetos de edifícios que possuem cadastro de aprovação junto à Secretaria Municipal de Controle e Convívio Urbano da Cidade de Maceió (SMCCU);
2. 04 edifícios que foram reconhecidos na paisagem urbana da cidade e por motivo desconhecido não constam nos registros da SMCCU.

Poderá haver algum outro projeto, datado desta época, mas que não está relacionado por falta de registro ou por não ter sido identificado durante as visitas de reconhecimento. É importante ressaltar que dos 31 projetos de edifícios catalogados na SMCCU, 5 deles não foram identificados na paisagem urbana da cidade (quadro 2.1), por não terem sido construídos ou por inconsistência do cadastro, por esse motivo não serão analisados neste trabalho.

Quadro 2.1: Relação dos edifícios não identificados – não analisados.

N/R	Nº	Ano	Edifício	Bairro	Pavim.	Apt/ andar	Nº quartos DO* + DE*
282	1	1973	Não identificado	Ponta Verde	10 + pilotis	2	3 DO + DE
139	2	1975	Não identificado	Ponta Verde	8 + pilotis	2	3 DO + DE
630	3	1975	Não identificado	Ponta Verde	8 + pilotis	1	3 DO + DE
830	4	1976	Não identificado	Ponta Verde	_____	2	3 DO + DE
335	5	1978	Não identificado	Pajuçara	6 + pilotis	2	3 DO + DE

Fonte: Autora, 2012.

Os dados da caracterização geral⁸ dos edifícios analisados foram organizados em um quadro com relação a sua abrangência temporal, geográfica e tipológica - que estão relacionados em sequência cronológica - segundo a datação documentada (quadro 2.2).

Quadro 2.2: Relação dos edifícios analisados em sequência cronológica.

N/R	Nº	Ano	Edifício	Bairro	Pavim.	Apt/ andar	Nº quartos DO* + DE*
50	1	1964	São Carlos	Centro	11 +pilotis	2	2 DO + DE
207	2	1964	Lagoa Mar	Farol	13 + pilotis	2	4 DO + DE
S/R	3	1970	Núbia	Centro	8 + pilotis	2	3 DO + DE
477	4	1970	Jangada	Pajuçara	8 + pilotis	2	3 DO + DE
198	5	1973	Barroca	Ponta Verde	13 + pilotis	2	3 DO + DE
161	6	1974	Praia Verde	Ponta Verde	14 + pilotis	2	3 DO + DE
230	7	1975	Tatiana	Jaraguá	13 + pilotis	2	3 DO + DE
304	8	1975	Antônia Luiza	Gr. de Lourdes	6 + pilotis	2	3 DO + DE
440	9	1975	Arthur Vital	Gr. De Lourdes	4 + pilotis	2	3 DO + DE
364	10	1975	Leonardo da Vinci	Farol	12 + pilotis	2	4 DO + DE
S/R	11	1975	Donina Carneiro	Pajuçara	13+ pilotis	2	3 DO + DE
S/R	12	1975	Lennie Nichols	Pajuçara	14+ pilotis + sub.	2	3 DO + DE
140	13	1976	Status	Ponta Verde	10 + pilotis + sub.	1	4 DO + DE
221	14	1976	Maria Isabel	Prado	4 + pilotis	2	3 DO + DE
448	15	1976	Caravela	Ponta Verde	4 + pilotis	2	3 DO + DE
745	16	1976	Atlântida	Ponta Verde	13 + pilotis +sub.	2	3 DO + DE
360	17	1976	Biarritz	Ponta Verde	10 + pilotis +sub.	2	4 DO + DE
617	18	1976	Kanandú	Ponta Verde	10 + pilotis +sub.	1	3 DO + DE
597	19	1976	Solar Graciliano R.	Ponta Verde	17 + pilotis +sub.	2	4 DO + DE
408	20	1976	Versalhes	Ponta Verde	13 + pilotis +sub.	1	3 DO + DE
25	21	1976	Porto da Barra	Ponta Verde	12 + pilotis +sub.	2	3 DO + DE
231	22	1976	Saveiro	Ponta Verde	7 + pilotis	2	3 DO + DE
162	23	1977	Benedito Bentes	Farol	16 +pilotis	4	2 DO + DE
644	24	1977	Nina	Gr. de Lourdes	7 +pilotis + sub.	2	3 DO + DE
199	25	1977	Mykonos	Farol	6 + pilotis	3	2/3 DO+ DE
489	26	1978	Armando Lobo	Farol	6 + pilotis	2	3 DO + DE
301	27	1978	Costa Verde	Ponta verde	8 + pilotis	3	2/1 DO+ DE
500	28	1979	Veleiro	Ponta Verde	5 + pilotis	2	3 DO + DE
378	20	1979	Fragata	Ponta Verde	5+pilotis	3	3DO +DE
S/R	30	1979	Boca da grota	Farol	15 + pilotis	4	3 DO + DE

Fonte: Autora, 2012.

* N/R: número de registro de aprovação na SMCC (Secretaria Municipal de Controle e Convívio Urbano).

* S/R: sem número de registro de aprovação na SMCCU.

* DO: número de dormitórios; DE: dependência completa de empregada – dormitório e banheiro.

* SUB: Subsolo para garagem.

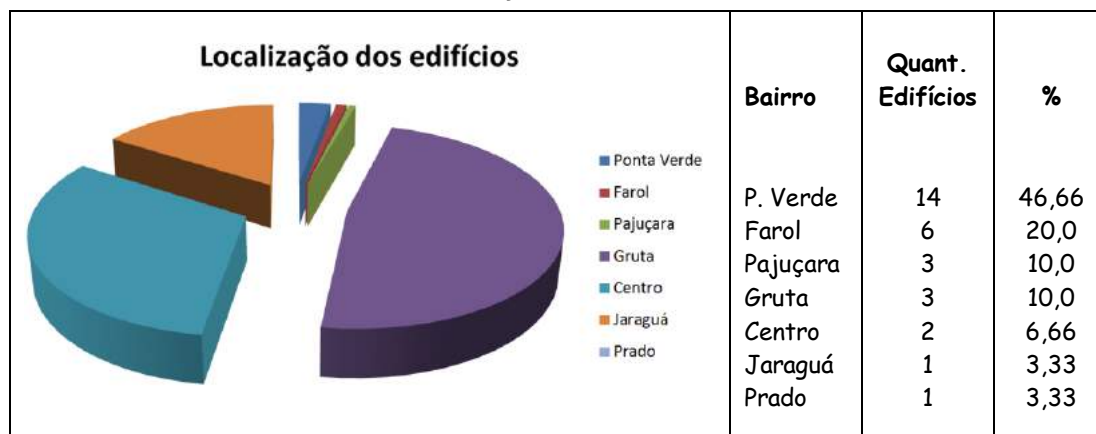
⁸ Serão descritas algumas características gerais dos apartamentos, que se acredita contribuir como base ou referência para as análises tipológicas que serão realizadas neste trabalho.

Os edifícios multifamiliares em altura das décadas de 1960 e 1970 localizam-se em sete bairros da cidade de Maceió: Centro, Farol, Pajuçara, Ponta Verde, Jaraguá, Prado e Gruta de Lourdes (mapa 2.1) (apêndice 02). Observa-se que o bairro da Ponta Verde foi o que mais concentrou esta tipologia de habitação: dos 30 edifícios analisados, a Ponta Verde apresenta 14 edifícios totalizando 46,66% do total de edifícios multifamiliares deste período (gráfico 2.1):



Mapa 2.1 - Bairros da cidade de Maceió, onde se localizam os edifícios multifamiliares (1960-1970)

Gráfico.2.1 - Relação de edifícios por bairro.



Fonte: Autora, 2012.

Quanto ao número de dormitórios, dos 30 edifícios que serão analisados, 23 possuem apartamentos com 1 opção de planta; 5 possuem apartamentos com 2 opções de plantas com mesmo número de dormitórios; 1 possui 3 opções de plantas com números de dormitórios diferentes; e 1 possui 2 opções de plantas com número de dormitórios diferentes (gráfico 2.2). Totalizando 38 opções de plantas, ou seja, tipologias distintas no que se refere a esta variante funcional, que são assim distribuídas: os apartamentos com 3

dormitórios são às que mais predominam, representando 76% do universo; 10,52% é a participação das tipologias de 2 dormitórios e mais 10,52% representada pela tipologia de 4 dormitórios; quanto aos apartamentos de 1 dormitório, obteve-se apenas 1 exemplar (2,63%):

Gráfico.2.2 - Relação de número de dormitórios por apartamento.

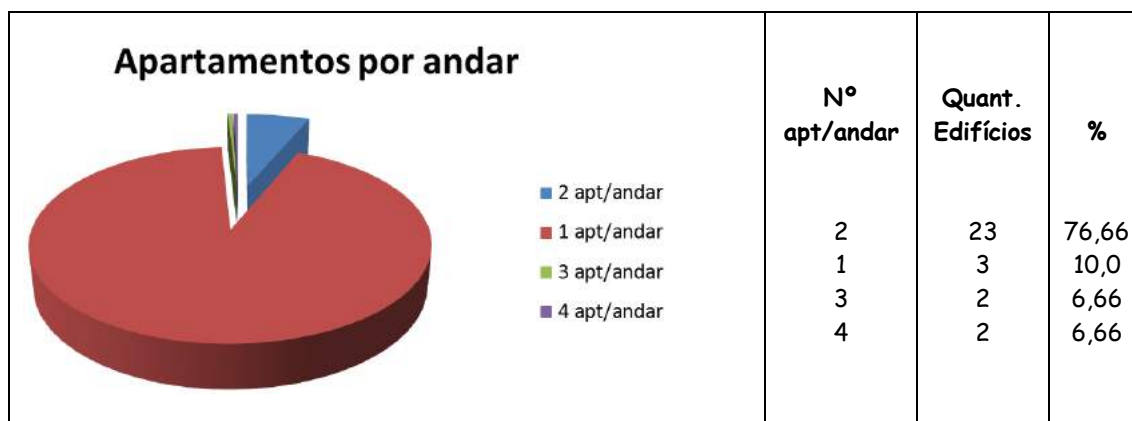


Fonte: Autora, 2012.

O universo demonstra ainda que destas 38 opções de plantas, 37 delas apresentam a existência de uma dependência completa de empregada, ou seja, quarto e banheiro, representando 97,67% do universo. A presença da varanda também é uma variável constante, observou-se este ambiente em 33 apartamentos, representando 81,57% dos apartamentos.

Quanto à organização espacial do pavimento tipo no que se refere ao número de apartamentos por andar, o gráfico 2.3, demonstra esta caracterização. A configuração espacial que predomina é a de 2 apartamentos por andar, representada por 23 edifícios (76,66%); em seguida observa-se que 3 edifícios possuem apenas 1 apartamento por andar representando uma amostra de 10,0%; 2 edifícios tem seu pavimento tipo organizado com 3 unidades de apartamento (6,66%); e os outros 2 edifícios com 4 unidades de apartamentos por andar (6,66%).

Gráfico 2.3 - Relação de número de apartamentos por andar.



Fonte: Autora, 2012.

2.5 ETAPAS DE ANÁLISE

A pesquisa, que fundamenta esse trabalho, organiza-se em duas etapas básicas de desenvolvimento: (1) análise da **tipologia dos edifícios**, observando os seguintes aspectos: relação lote x malha urbana, aspectos volumétricos e configuração interna. (2) análise da **tipologia dos apartamentos**, observando os seguintes aspectos: número de ambientes, dimensionamento e geometria; e análise da **topologia do arranjo espacial interno**, observando a ligação entre os setores e a conexão desses setores com o exterior.

As análises desenvolvidas compreendem aspectos tipológicos, fundamentados nos estudos desenvolvidos por Scheneider (1998), Brandão (2006), Gobbo e Rossi (2002) e Tramontano (1995).

2.5.1 Análise tipológica dos edifícios

Nesta etapa, o procedimento adotado é o de classificar as tipologias dos edifícios no período em estudo com relação à ocupação lote x malha urbana; agrupar os edifícios quanto a sua configuração externa e por fim quanto à sua configuração interna. Portanto, o procedimento divide-se em três etapas principais:

1- Quanto à relação lote x malha urbana, observando os seguintes parâmetros: (A) **Ocupação do edifício no lote**: número de blocos que compõe o conjunto; posicionamento dos blocos no lote- estratégia de implantação; posicionamento da garagem; utilização no pavimento térreo, com ou sem pilotis; existência ou não de jardins no pavimento térreo. (B) **Posicionamento do lote na malha urbana**: tipos de lotes; quantidade de ruas de acessos ao edifício; relação do edifício com a rua.

2- Quanto à configuração externa do edifício, observando os seguintes aspectos: (A) **Volumetria**: partido arquitetônico; formato do edifício. (B) **Elementos compositivos de fachada**: elementos verticais; elementos horizontais; componentes climáticos; partes do edifício. (C) **Materiais utilizados na fachada**: tipos de revestimentos e cores.

3- Quanto à configuração interna do edifício, observando os aspectos relacionados aos: (A) **Números de apartamentos por andar**: plantas rebatidas ou não. (B) **Espaços de uso comum**: circulação vertical das escadas e elevadores; circulação horizontal (halls); existência ou não de área de lazer, piscina, salão de festas, estar de espera.

2.5.2 Análise tipológica dos apartamentos

O procedimento adotado é o de classificar as tipologias de apartamentos oferecidas no período em estudo e agrupar os dados quanto ao seu programa arquitetônico.

1- Classificação das tipologias dos apartamentos: para a classificação das tipologias oferecidas pelas construtoras, será utilizada a classificação já estabelecida por Scheneider (1998), que classifica as plantas em oito categorias distintas (ver quadro 01 – p. 26,27).

2 – Quanto ao programa arquitetônico (BRANDÃO, 2002), analisaram-se os apartamentos com relação a: (A) **Quantidade de ambientes**: setor íntimo: dormitórios sociais, suítes, banheiros, existência ou não de corredor de distribuição, existência ou não de quartos reversíveis, outros ambientes; setor social: salas de estar/jantar, existência de varanda, existência de lavabo, outros cômodos; setor serviço: cozinha, serviço, dependência completa de empregada, despensa, copa, outros cômodos. (B) **Perfil das áreas**: área por

setores; área por cômodos. C - **Geometria**: formato por setores; formato por ambientes.

3 – Quanto à topologia, analisaram-se os seguintes aspectos: (A) **Número de acessos**: um único acesso ao apartamento; dois acessos ao apartamento; (B) **Ligação entre os setores**: Social e Íntimo; social e serviço; Íntimo e serviço; (C) **Conexão com o exterior**.

CAPÍTULO 3- O EDIFÍCIO

Neste capítulo, analisam-se os edifícios multifamiliares em altura, mediante três enfoques: relação do lote com a malha urbana, configurações externas e configurações internas. No primeiro, observaram-se a ocupação do lote, o posicionamento do lote na malha urbana e a relação do edifício com a rua. No segundo observaram-se as volumetrias, os elementos compositivos e os materiais utilizados nas fachadas. No terceiro, observaram-se o: número de apartamento por andar, as circulações vertical e horizontal e espaços em comum.

3.1 RELAÇÃO LOTE E MALHA URBANA

3.1.1 Ocupação do lote

Com relação à ocupação dos edifícios no lote, identificaram-se tipologias distintas: lotes com mais de um bloco de edifício e lotes com edifícios isolados (quadro 3.1).

Quadro.3.1- Classificação tipológica com relação a ocupação dos edifícios no lote.

Classificação	Descrição	Quantidade
Tipologia 1 Lotes com mais de um bloco de edifício.	Edifícios que ocupam lotes com afastamentos lateral, frontal e posterior, sobre pilotis, que funciona como garagem. Com área livre para uso coletivo no pavimento térreo. Possuindo mais de um bloco de edifício.	5 edifícios
Tipologia 2 Lotes com edifícios isolados.	Edifícios que ocupam lotes com afastamentos lateral, frontal e posterior, sobre pilotis, que funciona como garagem e/ou lazer. Possuindo bloco isolado de edifício.	25 edifícios

Fonte: Autora, 2012.

3.1.1.1 Lotes com mais de um bloco de edifício

Na **tipologia 1**, enquadram-se cinco edifícios: Jangada (1970), Benedito Bentes (1977), Armando Lobo (1978), Veleiro (1979) e Fragata (1979). Essa tipologia pode variar com relação ao número de blocos: condomínio constituído por dois blocos de edifícios (fig.3.1 e fig.3.2) e aqueles constituídos por três blocos de edifícios (fig.3.3 e fig.3.4). Com exceção do condomínio Armando Lobo, constituído por três blocos de edifícios, os demais são constituídos por apenas dois blocos, possuindo cada condomínio edifícios com formatos e elementos arquitetônicos semelhantes.

Fig.3.1- Edifício Jangada constituído por dois blocos de edifícios.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.2- Detalhe dos dois blocos de edifícios do edifício Jangada.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.3- Edifício Armando Lobo constituído por três blocos de edifícios



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.4- Detalhe do bloco de edifício do edifício Armando Lobo.



Fonte: Autora, 2012.

Os condomínios são compostos por edifícios que se encontram soltos no lote e soltos do chão - através do uso do pilotis – que funciona como abrigo para garagem e como área livre para uso coletivo no pavimento térreo (fig.3.5 e fig. 3.6). Cada edifício possui seu acesso interno independente, não existindo interligação direta entre os mesmos (quadro 3.2). Os condomínios, não dispõem de área de lazer significativas, tampouco de equipamentos de comércio ou serviço dentro de seus limites.

Fig.3.5- Pilotis do edf. Jangada.



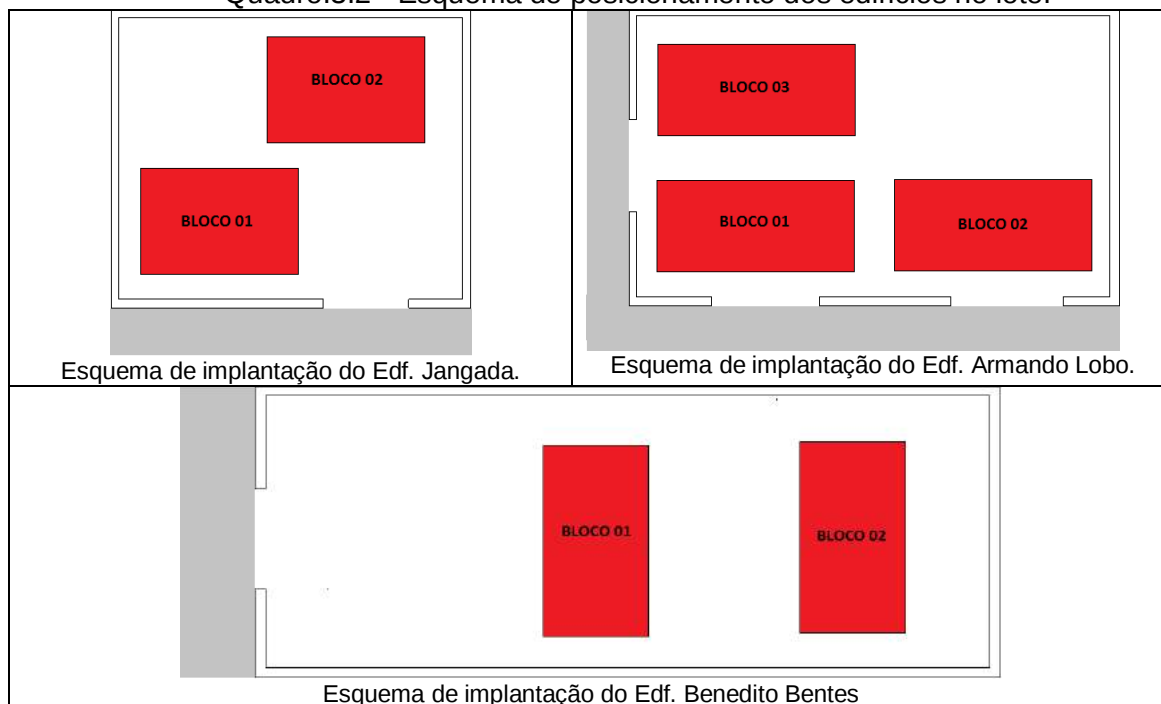
Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.6- Pilotis do edf. Veleiro.



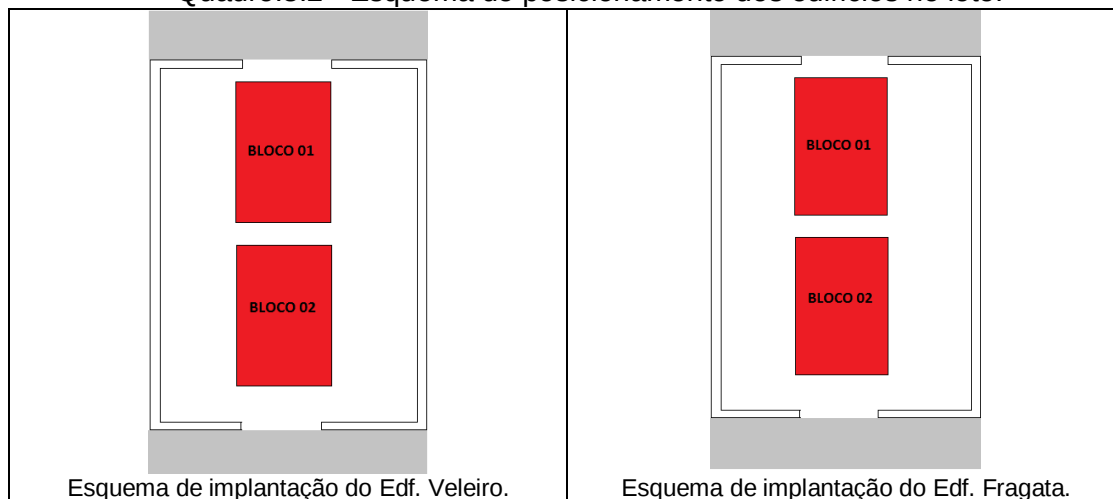
Fonte: Autora, 2012.

Quadro.3.2- Esquema de posicionamento dos edifícios no lote.



Fonte: Autora, 2012 (continua).

Quadro.3.2- Esquema de posicionamento dos edifícios no lote.



Fonte: Autora, 2012 (continuação e conclusão).

As áreas verdes são mínimas, sendo mais significativas no condomínio Armando Lobo (1978) (fig.3.7 e fig.3.8) e Benedito Bentes (1977), nesse último os dois blocos de edifícios se encontram posicionados num nível mais elevado que o da rua, possuindo acesso aos edifícios com escadarias e jardinagem que criam um percurso de entrada, onde se consegue ter uma visão da edificação e uma inserção agradável com relação à paisagem urbana, com presença de vegetação que remete aos jardins e quintais das casas térreas.

Fig.3.7- Área verde, edf. Armando Lobo.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.8- Área verde, acesso ao edf. Armando Lobo.



Fonte: Autora, 2012.

3.1.1.2 Lotes com blocos isolados

Na **tipologia 2**, enquadram-se todos os demais edifícios, a qual subdivide-se em duas subcategorias: edifícios que possuem pavimento de

subsolo destinado a garagem e aqueles que utilizam o pilotis e/ou térreo como garagem.

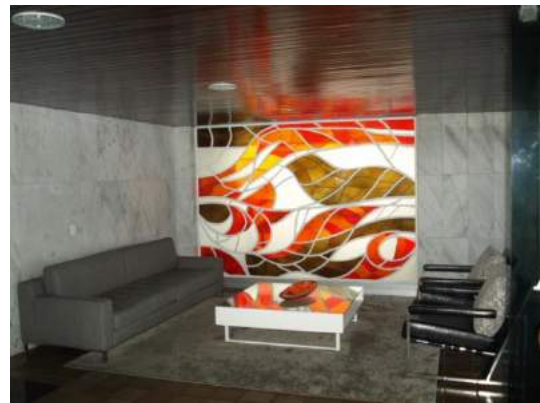
Os edifícios Lennie Nichols (1975), Solar Graciliano Ramos (1976), Versalhes (1976) e Atlântida (1976) são exemplos de edifícios compostos por pavimento de subsolo para garagem, permitindo que o pilotis seja utilizado para outras finalidades - como sala de recepção, salão de festas e adaptação de playground - e as áreas não edificadas do lote como área pavimentada ou ajardinada para uso coletivo (fig.3.9, fig.3.10, fig.3.11, fig.3.12, fig.3.13 e fig.3.14).

Fig.3.9- Subsolo do edf. Atlântida.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.10- Sala de recepção no pilotis do edf. Atlântida.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.11- Salão de jogos e festas no pilotis do edf. Atlântida



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.12- Adaptação de playground no pilotis do edf. Atlântida.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.13- Subsolo do edf. Solar Graciliano Ramos.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.14- Áreas não edificadas do lote como área pavimentada e ajardinada no edf. Solar Graciliano Ramos.



Fonte: Autora, 2012.

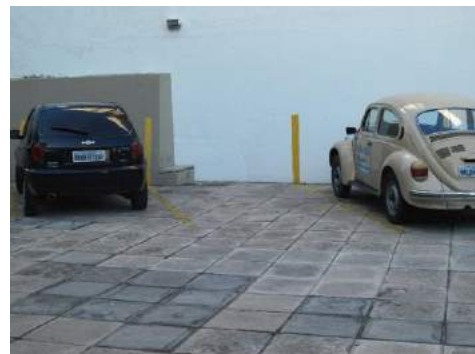
Nos edifícios São Carlos (1964), Barroca (1973) e Mansão Leonardo da Vinci (1975), por exemplo, que possuem terrenos mais amplos, permitindo generosos recuos frontal, laterais e posterior, a garagem dos edifícios se distribui nas áreas não edificadas do lote (fig.3.15 e fig.3.16), permitindo liberdade de uso para o pilotis (fig.3.17 e fig.3.18).

Fig.3.15- Garagem do edifício São Carlos.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.16- Garagem do edifício Barroca.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.17- Sala de recepção no pilotis do edf. Barroca



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.18- Salão de festas no pilotis do edf. Barroca.



Fonte: Autora, 2012.

Nos edifícios Núbia (1970), Antônia Luiza (1975), Arthur Vital da Silva (1975), São Tomé (1976) e Mykonos (1977), localizados em lotes de menores proporções, com pequenos recuos frontal, laterais e posterior, a garagem localiza-se na área do pilotis (fig. 3.19 e fig.20), restringindo o uso desse espaço.

Fig.3.19- Garagem no pilotis do edf. Arthur Vital.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.20- Garagem no pilotis do edf. Mykonos.

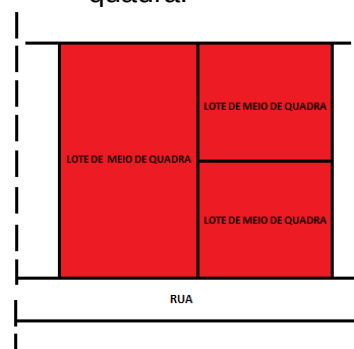


Fonte: Autora, 2012.

3.1.2 Posicionamento do lote na malha urbana

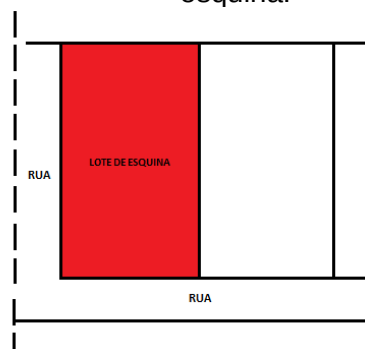
Observaram-se duas variações distintas de posicionamento do lote na malha urbana: os lotes de meio de quadra e os lotes de esquina (fig. 3.21 e fig.3.22).

Fig.3.21- Esquema lotes de meio de quadra.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.22- Esquema lotes de esquina.



Fonte: Autora, 2012.

3.1.2.1 Lotes de meio de quadra

Os lotes de meio de quadra podem ser subdivididos em lotes voltados para uma rua e lotes voltados para duas ruas. A sua maioria são aqueles voltados para uma rua (17 exemplares), permitindo apenas uma possibilidade de rua de acesso ao condomínio, como é o caso do Lagoa Mar (1964), Antônia Luiza (1975), Mykonos (1977), entre outros.

Outros edifícios têm lote voltado para duas ruas paralelas, permitindo a possibilidade de duas ruas de acesso ao condomínio, como é o caso dos edifícios São Carlos (1964) e Núbia (1970), no qual os acessos principais voltam-se para a movimentada Avenida Duque de Caxias, com vista para o mar, enquanto o seu acesso posterior situa-se na pacata Rua Des. Artur Jucá (fig.3.23, fig.3.24, fig.3.25 e fig.3.26).

Fig.3.23- Acesso ao edf. São Carlos pela Av. Duque de Caxias.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.24- Acesso ao edf. São Carlos pela Rua Des. Artur Jucá.



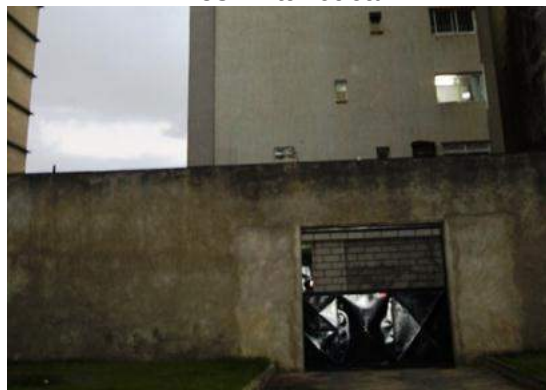
Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.25- Acesso ao edf. Núbia pela Av. Duque de Caxias.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.26- Acesso ao edf. Núbia pela Rua Des. Artur Jucá.



Fonte: Autora, 2012.

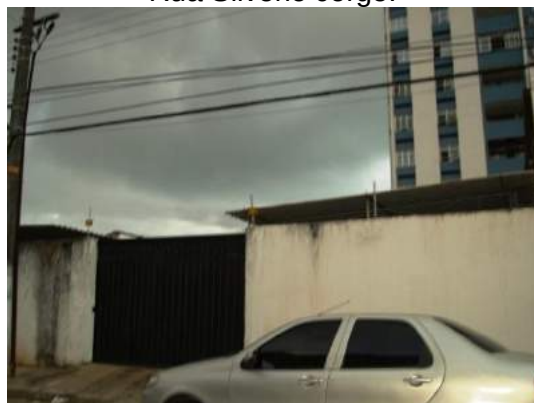
O edifício Tatiana (1975) também possui duas ruas de acesso: o acesso principal volta-se para a Avenida Duque de Caxias, enquanto o posterior volta-se para a Rua Silvério Jorge (fig.3.27 e fig.3.28).

Fig.3.27- Acesso ao edf. Tatiana pela Av. Duque de Caxias.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.28- Acesso ao edf. Tatiana pela Rua Silvério Jorge.



Fonte: Autora, 2012.

Os edifícios Veleiro (1979) e Fragata (1979), implantados em lotes vizinhos, possuem também dois acessos: um voltado para a Avenida Senador Robert Kennedy e outro para a Rua Desportista Humberto Guimarães, sendo a fachada frontal a que se volta para a primeira rua (fig. 3.29, fig.3.30, fig.3.31 e fig.3.32). A respeito dos dois edifícios, é importante comentar ainda que os seus acessos principais, são voltados para o canteiro ajardinado, que percorre a Avenida Senador Robert Kennedy, e para o mar.

Fig.3.29- Acesso ao edf. Fragata pela Av. Senador Robert Kenedy.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.30- Acesso ao edf. Fragata pela Rua Desportista Humberto Guimarães.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.31- Acesso ao edf. Veleiro pela Av. Senador Robert Kenedy.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.32- Acesso ao edf. Veleiro pela Rua Desportista Humberto Guimarães.



Fonte: Autora, 2012.

O Barroca (1973) é outro exemplo de edifício posicionado em lote de meio de quadra com possibilidade de duas ruas de acessos (fig.3.33 e fig.3.34). A fachada principal volta-se para a Rua Desportista Humberto Guimarães, enquanto a posterior volta-se para a Rua Mário de Gusmão. Vale ressaltar que o acesso principal desse edifício volta-se para a Praça Gogó da Ema e para o mar.

Fig.3.33- Acesso ao edifício Barroca pela Rua Desportista Humberto Guimarães.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.34- Acesso ao edifício Barroca pela Rua Mário de Gusmão.



Fonte: Autora, 2012.

Nos lotes de meio de quadra, com duas possibilidades de ruas de acesso, observa-se sempre uma hierarquia entre os acessos, cujo acesso principal e do pedestre volta-se para a rua ou vista mais privilegiada do edifício, normalmente com algum elemento paisagístico agradável, como praça, canteiro urbanizado ou mar (fig.3.35 e fig.3.36).

Fig.3.35- Canteiro ajardinado da Av. Senador Robert Kennedy.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.36- Praça Gogó da Ema e vista para o mar.



Fonte: Autora, 2012.

3.1.2.2 Lotes de esquina

Os edifícios situados em lotes de esquina configuram uma situação urbana específica, que contempla o encontro de ruas distintas, proporcionando grande visibilidade aos edifícios neles situados, podendo ser algumas vezes um marco visual e referencial de localização para os transeuntes. Os lotes de esquina apresentam duas variações: os lotes voltados para duas ruas e aqueles voltados para três ruas.

Seis edifícios de esquina voltam-se para duas ruas: Atlântida (1976), Biarritz (1976), Versalhes (1976), Nina (1977), Costa Verde (1978) e Armando Lobo (1978), observou-se que a exceção do último, onde os acessos ao edifício posicionam-se em apenas uma das ruas (fig.3.37 e fig. 3.38), em todos os demais existem duas ruas de acesso aos edifícios (fig.3.39 e fig.3.40).

Fig.3.37- Única rua de acesso ao edifício Armando Lobo, Rua Goiás.



Fonte: Autora, 2011.

Fig.3.38- Rua Albuquerque Lins, sem possibilidade de acesso ao edifício.



Fonte: Autora, 2011.

Fig.3.39- Acesso ao edf. Biarritz pela Rua Mário de Gusmão.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.40- Acesso ao edf. Biarritz pela Rua Dr. Pompeu Sarmiento.



Fonte: Autora, 2012.

Em contraponto, o edifício Solar Graciliano Ramos (1976), posiciona-se num lote de esquina voltado para três ruas distintas. A fachada principal volta-se para a Rua Desportista Humberto Guimarães, enquanto a fachada posterior volta-se para a Rua Mário de Gusmão, na qual se situam os acessos principal e posterior, respectivamente (fig.3.41, fig.3.42 e fig.3.43). Na terceira rua, Francisco Laranjeira, também existe um acesso ao subsolo da garagem que atualmente encontra-se desativado (fig.3.44).

Fig.3.41- Acesso do pedestre ao edifício Solar Graciliano Ramos pela Rua Desportista Humberto Guimarães.



Fonte: Autora, 2011.

Fig.3.42- Acesso ao subsolo do edifício Solar Graciliano Ramos pela Rua Mário de Gusmão.



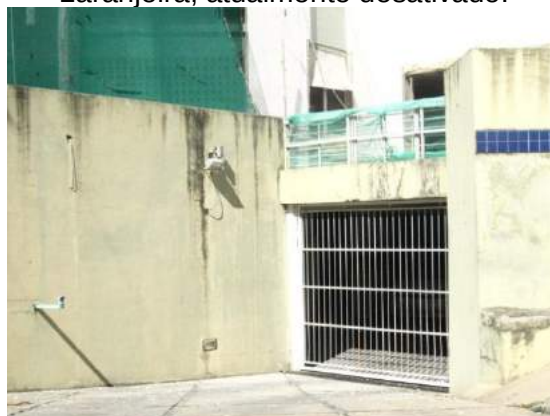
Fonte: Autora, 2011.

Fig.3.43. Acesso do pedestre ao edifício Solar Graciliano Ramos pela Rua Mário de Gusmão.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.44- Acesso ao subsolo do edf. Solar Graciliano Ramos pela Rua Francisco Laranjeira, atualmente desativado.



Fonte: Autora, 2012.

A organização espacial desses edifícios, posicionados em lotes de esquina, aparecem soltos no lote com recuo frontal, laterais e posterior de maneira a proporcionar espaços livres no solo para a criação de áreas de uso comum, com blocos de edifícios que possuem geometria ortogonal.

Realizou-se um quadro síntese (Quadro 3.3) com relação ao posicionamento do lote na malha urbana:

Quadro 3.3 – Síntese do posicionamento dos lotes na malha urbana.

Variações	Subdivisão	Edifícios	Quant.	%
Lotes de meio de quadra	Voltados p/ 1 rua	Lagoa-Mar; Jangada; Praia Verde; Antônia Luiza; Arthur Vital; Leonardo da Vinci; Donina Carneiro; Lennie Nichols; Status; Maria Isabel; Kanandú; Porto da Barra; Saveiro; Benedito Bentes; Mykonos; Boca da Grotá.	17 edifícios	56,66
	Voltados p/ 2 ruas	São Carlos; Núbia; Tatiana; Veleiro, Fragata e Barroca.	6 edifícios	20,0
Lotes de esquina	Voltados p/ 2 ruas	Atlântida; Biarritz; Versalhes; Nina; Costa Verde; Armando Lobo.	6 edifícios	20,0
	Voltados p/ 3 ruas	Solar Graciliano Ramos	1 edifício	3,33

Fonte: Autora, 2012.

3.1.3 Elementos de acesso e proteção

Quando construídos, os edifícios em análise possuíam fluidez entre os espaços internos do lote e a rua, proporcionando comunicação visual e acessibilidade direta entre esses dois elementos. Tratando-se de edifícios projetados sobre pilotis, esse pavimento fora projetado para ser de uso comum, onde a liberdade de ir e vir dentro desse espaço era público. Quando existia guarita, essa posicionava-se no pilotis, limitando o acesso as áreas internas do edifício.

A fluidez entre os edifícios e a rua passa a não ser mais desejada, na medida em que se observa que os gradis e muros tornaram-se exigências nesses edifícios, que não estavam previstos no seu período de concepção e construção, mas que devido a questões de segurança foram adicionados posteriormente (fig.3.45, fig.3.46, fig.3.47, fig. 3.48, fig.3.49 e fig.3.50). Com essa intervenção, os espaços coletivos dos pilotis e áreas livres dos lotes dos edifícios passam a ser de uso restrito aos condôminos, ficando ocultos por trás dos muros e gradis, configurando barreiras físicas que alteram a paisagem urbana.

Fig.3.45- Presença de gradis no edifício São Mateus.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.46- Presença de gradis no edifício Mykonos.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.47- Presença de muro no edifício Atlântida.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.48- Presença de muro no edifício Biarritz.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.49- Presença mista de muro e gradis no edifício Mansão Leonardo da Vinci.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.50- Presença mista de muro e gradis no edifício Tatiana.



Fonte: Autora, 2012.

Além disso, na maioria dos edifícios foram adicionadas as guaritas externas que se posicionam a frente do edifício, juntamente com os muros e/ou gradis. Observaram-se três variações de posicionamento das guaritas externas: as centrais, as de canto e as de esquina (fig.3.51, fig.3.52 e fig.3.53).

Fig.3.51- Guarita central no edf. São Carlos.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.52- Guarita de canto no edf. Lennie Nichols.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.53- Guarita de esquina no edf. Nina.



Fonte: Autora, 2012.

Outros edifícios ainda permanecem com o posicionamento da guarita interna, no pilotis, proposto no projeto original (fig. 3.54 e fig.3.55). É o caso dos edifícios Núbia (1970), Solar Graciliano Ramos (1976), Versalhes (1976), São Mateus (1976) e Costa Verde (1978).

Fig.3.54- Guarita interna do edf. Costa Verde.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.55- Guarita interna no mesmo ambiente da recepção do edf. Costa Verde.



Fonte: Autora, 2012.

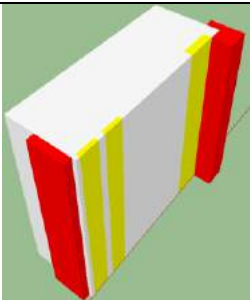
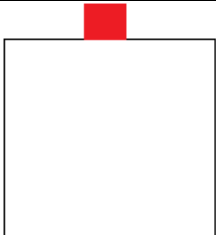
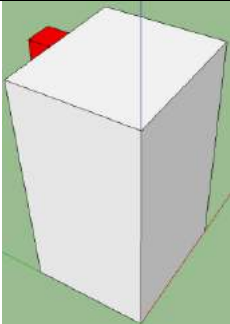
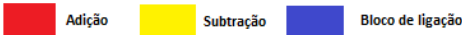
3.2 CONFIGURAÇÃO EXTERNA

3.2.1 Volumetria

Os edifícios aqui estudados apresentam, no geral, uma volumetria despojada de ornamentação, mais voltada para a simplificação racional, cujos volumes resultam da disposição interior do apartamento, além das condições técnicas, prevalecendo composições simétricas e repetição de elementos simples.

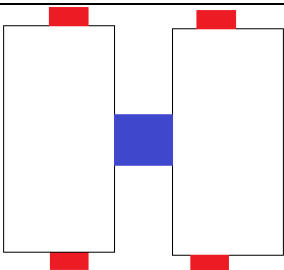
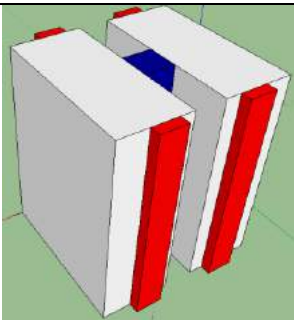
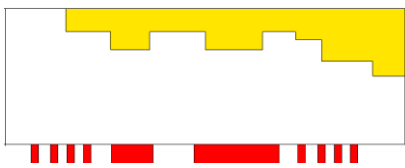
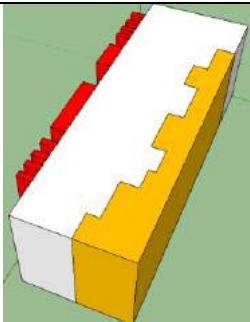
Com relação à volumetria adotada nos edifícios, observa-se que as estratégias de composição partem sempre de um prisma, resultando em quatro tipologias formais distintas: (1) Prisma retangular alongado; (2) Prisma retangular quadrado; (3) Prisma retangulares justapostos; (4) Prisma retangular escalonado.

Quadro.3.4- Classificações tipológica do volume dos edifícios.

Classificação	Imagem planificada	Volumetria	Quantidade
Tipologia 1: Prisma retangular alongado com adições e/ou subtrações			20 edifícios
Tipologia 2: Prisma retangular quadrado com adições e/ou subtrações			6 edifícios
			

Fonte: Autora, 2012 (continua).

Quadro.3.4- Classificações tipológica do volume dos edifícios.

Classificação	Imagem planificada	Volumetria	Quantidade
Tipologia 3 Prismas retangulares justapostos com adições e/ou subtrações.			2 edifícios
Tipologia 4 Prismas retangulares escalonados com adições e/ou subtrações.			2 edifícios
Adição Subtração Bloco de ligação			

Fonte: Autora, 2012 (continuação e conclusão).

As quatro tipologias apresentam organizações volumétricas marcadas pela simetria, eixos ordenadores (resultantes da organização espacial interna), regularidade no tratamento plástico e geometrismo de linhas simples, podendo ser consideradas como tendências recorrentes neste período. Ainda na composição de suas fachadas, os volumes prismáticos costumam tirar partido de elementos verticais e horizontais adicionados ou subtraídos - possibilitando a criação de saques e reentrâncias que dão aos seus projetos um repertório de fachada.

3.2.1.1 Prisma retangular alongado

A **tipologia 1** - volume com prisma retangular alongado - corresponde normalmente aos edifícios compostos por pavimentos que possuem organização interna com um ou com dois apartamentos por andar rebatidos.

Os edifícios Status (1976), Kanandú (1976), Versalhes (1976) e Lennie Nichols (1975) são exemplos com um apartamento por andar que se

enquadram nesta tipologia, os três possuem na fachada frontal a varanda como elemento de adição.

Nos edifícios Status(1976) e Kanandú(1976), observou-se que em uma das fachadas laterais, a área íntima (dormitórios) é composta por um leve saque na volumetria do prisma. Além disso, as salas de jantar dos dois edifícios apresentam também um tímido saque.

Enquadram-se ainda, nessa tipologia, os edifícios São Carlos (1964), Tatiana (1975), Antônia Luiza (1975), Arthur Vital da Silva (1975), Mansão Leonardo da Vinci (1975), Donina Carneiro (1975), Porto da Barra (1976), Saveiro (1976) e Armando Lobo (1978), que possuem dois apartamentos por andar rebatidos, normalmente com áreas nobres voltadas para a fachada frontal.

Nesses edifícios, a adição das varandas é bem recorrente, podendo ser observada, por exemplo, nos edifícios Antônia Luiza, Porto da Barra e Armando Lobo. Outra adição observada é a sala de estar levemente sacada nos edifícios São Carlos e Donina Carneiro.

Nas fachadas menos privilegiadas, observou-se o recurso usual de adição das áreas de serviço, como nos edifícios São Carlos, Tatiana e Mansão Leonardo da Vinci.

3.2.1.2 Prisma retangular quadrado

A **tipologia 2** - volume com prisma retangular quadrado - que corresponde unicamente aos edifícios compostos por dois apartamentos por andar rebatidos no mesmo pavimento tipo, pode ser exemplificada pelos edifícios Jangada (1970), Praia Verde (1974), Atlântida (1976), Biarritz (1976) Nina (1977) e Boca da Grota (1979).

Os únicos elementos de adição nesses edifícios são a varanda, na fachada frontal do edifício Praia Verde e a escada, na fachada posterior do edifício Jangada.

No edifício Nina, observou-se uma subtração no volume prismático quadrado, resultando em um volume em formato de “U”, considerado estratégico no sentido em que se forma um grande vão aberto localizado no

centro do edifício, permitindo que a maioria dos seus ambientes posicione-se no perímetro do edifício.

3.2.1.3 Prismas retangulares justapostos

Na **tipologia 3** - prismas retangulares justapostos - enquadram-se dois edifícios: o Barroca (1973) e o Benedito Bentes (1977), compostos por dois blocos de prismas, interligados por uma torre, na qual se posicionam a área em comum dos dois blocos - escada, hall e elevadores.

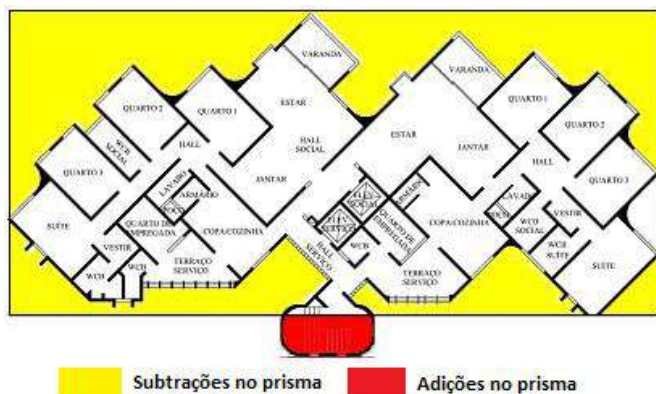
O edifício Barroca é composto por dois blocos de prismas justapostos e deslocados, enquanto o Benedito Bentes, por dois blocos de prismas justapostos e paralelos.

No edifício Barroca, observou-se o saque dos dormitórios, e das varandas, além do leve saque da sala de estar de um dos apartamentos. Além de pequenos saques dos banheiros e dormitórios de serviço. No Benedito Bentes, apenas os banheiros apresentam-se em saques.

3.2.1.4 Prismas retangulares escalonados

Na **tipologia 4** – prismas retangulares escalonados- enquadram-se dois edifícios, o Mykonos (1977), que possui pavimento tipo com apartamentos de tipologia mista– 3 e 2- quartos por andar (fig.3.56 e fig.3.57), e o edifício Solar Graciliano Ramos(1976) que possui pavimento tipo com apartamentos de tipologias diferentes, ambos compondo uma volumetria escalonada (atípica), resultante da subtração e adição de um prisma retangular alongado.

Fig.3.56- Esquema da planta baixa do edf. Solar Graciliano Ramos.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.57- Fachada escalonada do edf. Solar Graciliano Ramos.



Fonte: Autora, 2012.

3.2.2 Elementos compositivos de fachada

3.2.2.1 Elementos verticais

Observa-se em alguns edifícios saques acentuadamente verticais. Os saques verticais mais usuais verificados são provenientes dos arranjos espaciais obtidos no apartamento por meio dos seguintes elementos: armários dos quartos, banheiros, escadas, varandas, sala de estar e estrutura de sustentação.

Os edifícios Praia Verde (1974), Tatiana (1975), Antônia Luiza (1975), Saveiro (1976) Maria Isabel (1976) e Mykonos (1977) são exemplos de edifícios que buscam uma maior expressividade vertical por meio dos saques nos armários dos quartos (fig.3.58 e fig.3.59). Os quatro últimos são edifícios de menor altura, cuja demarcação vertical proporciona efeito de maior verticalidade aos mesmos.

Fig.3.58- Edf. Antônio Luiza, saque nos armários.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.59- Edf. Mykonos, saque nos armários.



Fonte: Autora, 2012.

No edifício Tatiana, o saque dos armários, não somente proporcionou uma forma mais dinâmica e vertical, mas nichos e espaços privilegiados em relação à ventilação e à insolação dos dormitórios (fig.3.60 e fig.3.70). Nesse caso, as saliências dos armários funcionam também como proteção às janelas, que se encontram recuadas.

Fig.3.60- Fachada Frontal do Edf. Tatiana.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.70- Detalhe do saque dos armários.



Fonte: Autora, 2012.

O saque dos banheiros dá a volumetria dos edifícios, em sua maioria, um menor efeito visual quando comparado ao saque dos armários, uma vez que normalmente esse elemento se situa nas fachadas menos privilegiadas do edifício, não recebendo muitas vezes tratamento diferenciado de revestimento e cor (fig.3.71 e fig.3.72). Os edifícios Tatiana (1975), Atlântida (1976) e Benedito Bentes (1977) são exemplos dessa ocorrência.

Fig.3.71- Fachada lateral do Edf. Benedito Bentes.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.72- Detalhe do saque do banheiro



Fonte: Autora, 2012.

A escada exteriorizada, assim como o saque dos banheiros, nem sempre se situam nas fachadas mais visíveis, e embora se posicionem de forma saliente na volumetria de alguns edifícios, nem sempre são percebidas por não receberem um tratamento diferenciado (fig.3.73), é o caso dos edifícios Jangada (1970), Arthur vital da Silva (1975) e Costa Verde (1975).



Fig.3.73- Escada exteriorizada do edf. Costa Verde.

Nos edifícios Antônio Luiza (1975), Solar Graciliano Ramos (1976) e Tatiana (1975), as escadas criam elementos verticais compositivos em fachadas visíveis. No Solar Graciliano Ramos, por exemplo, esse elemento reforça a ideia de imponência, com bordas em formato arredondado, enriquece a volumetria do edifício (fig.3.74 e fig.3.75). As linhas curvas aparecem, mesmo que tímidas, pela primeira vez nos edifícios analisados, por meio desse elemento compositivo de fachada⁹.

Fig.3.74- Fachada lateral do Edf. Solar Graciliano Ramos



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.75- Detalhe do saque da escada.



Fonte: Autora, 2012.

As varandas, em sua maioria, situam-se na fachada principal do edifício - em balanço - e voltadas para a vista mais privilegiada da cidade. As posições principais das varandas nas fachadas frontais dos edifícios são: (1) centrais; (2) de canto.

Com relação às varandas centrais, observaram-se duas situações distintas: em edifícios de dois e um apartamentos por andar. Em alguns casos, quando o edifício possui dois apartamentos por andar, as varandas centrais demarcam a composição simétrica das fachadas. Essa simetria é visível nos edifícios Arthur Vital da Silva (1975), Mansão Leonardo da Vinci (1975), e Armando Lobo (1978).

⁹ Atualmente, o edifício passa por reforma. Na nova proposta, a escada ganhou cor de destaque (preto) que confere maior visibilidade.

Já os edifícios Praia Verde (1974) e Antônia Luiza (1975), também com dois apartamentos por andar, apresentam saque simétrico vertical da varanda, porém com uma diferença: esse elemento compositivo não se situa na fachada principal (fig.3.76 e fig.3.77).

Fig.3.76- Edf. Praia Verde, varandas na fachada lateral.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.77- Detalhe do saque da varanda.



Fonte: Autora, 2012.

Nos edifícios de um apartamento por andar Status (1976) e Kanandú (1976), ambos do mesmo ano e projetados pelos mesmos arquitetos, as varandas sacadas dos dois edifícios se posicionam centralmente na fachada também ressaltada da sala de estar - criando efeitos imponentes de massas escalonadas que proporcionam leveza e reforçam a verticalidade (fig.3.78 e fig.3.79).

Fig.3.78- Edf. Status, varandas com saques.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.79- Edf. Kanandú, varandas com saques.



Fonte: Autora, 2012.

Nos edifícios Lennie Nichols (1975) e Versalhes (1976), verifica-se que a varanda se posiciona no canto do edifício (fig.3.80 e fig.3.81), proporcionando um resultado levemente assimétrico nas fachadas. Por se tratar de edifícios mais estreitos, esses elementos de saque criam a sensação de maior verticalidade e arrematam o canto dos edifícios.

Fig.3.80- Edf. Versalhes, varandas de canto.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.81- Edf. Lennie Nichols, varandas de canto.



Fonte: Autora, 2012.

Em alguns edifícios nos quais a varanda é inexistente, a sala de estar é o elemento de saque na composição da fachada, proporcionando também a ideia de simetria e destaque da verticalidade, similar às varandas centrais. São exemplos os edifícios São Carlos (1964) e Donina Carneiro (1975) (fig.3.82 e fig.3.83). Nos quais, esse elemento é tratado com pano de vidro que enfatiza o saque, a simetria da fachada e demarca esse espaço nobre da edificação, voltado para a vista mais privilegiada.

Fig.3.82- Edf. São Carlos, sala com saque.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.83- Edf. Donina Carneiro, sala com saque.



Fonte: Autora, 2012.

Outro elemento de saque na composição das fachadas é a estrutura de sustentação, como nos edifícios Jangada (1970) e Atlântida (1976). Os dois edifícios apresentam marcação das linhas verticais por meio da exteriorização dos pilares saltando do plano da fachada. Nesses edifícios, a estrutura é tratada como elemento de composição (fig.3.84 e fig.3.8)

Fig.3.84- Edf. Jangada, pilares compõe a fachada.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.85- Edf. Atlântida, pilares compõe a fachada.



Fonte: Autora, 2012.

Apesar de partir de sólidos prismáticos simples, todos estes elementos geram no conjunto um belo jogo de claro e escuro, obtido dos ressaltos e reentrâncias.

3.2.2.2 Elementos horizontais

A configuração externa de alguns edifícios demarca linhas horizontais que distinguem nitidamente os pavimentos tipo, reduzindo o efeito de verticalidade. Observam-se essas demarcações horizontais nos seguintes elementos: prolongamento da laje do pavimento tipo, peitoris das janelas, janelas em fita e varandas.

O edifício São Carlos (1964) é o único deste período que possui demarcação horizontal pelo prolongamento da laje dos pavimentos tipo. Esse edifício também é marcado horizontalmente por meio da diferenciação de revestimento no peitoril das janelas (fig.3.86 e fig.3.87).

Fig.3.86- Edf. São Carlos, prolongamento da laje dos pavimentos.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.87- Edf. São Carlos, detalhe prolongamento da laje dos pavimentos.



Fonte: Autora, 2012.

Outros edifícios como o Lagoa Mar (1964), Jangada (1970) e Donina Carneiro (1975) apresentam também demarcações horizontais provenientes da

ênfase dada ao peitoril das janelas e das janelas em fita, gerando uma linearidade horizontal alternada desses dois elementos¹⁰ (fig.3.88 e fig.3.89).

Fig.3.88- Fachada frontal dos Edf. Lagoa Mar com demarcações horizontais.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.89- Fachada frontal dos Edf. Jangada com demarcações horizontais.



Fonte: Autora, 2012.

No tratamento das varandas do edifício Porto da Barra (1976), percebe-se um fato curioso: o dinamismo gerado na composição das varandas, além de demarcar a horizontalidade do edifício gera um efeito de assimetria em uma fachada simétrica (fig.3.90 e fig.3.91).

Essas foram algumas das demarcações horizontais observadas nos edifícios em análise, percebe-se que em alguns deles existe uma nítida contraposição das linearidades verticais e horizontais, gerando nas fachadas interessantes jogos de superfícies.

¹⁰ É interessante comentar que os edifícios analisados até então estão em ordem cronológica, sendo os edifícios *São Carlos*, *Lagoa-Mar* e *Jangada* os três primeiros edifícios que surgiram na cidade. A preocupação na demarcação horizontal pode ser proveniente da tentativa de diminuição do impacto causado entre os primeiros edifícios verticais e o casario tradicional da época. O tratamento dado ao corpo dos edifícios por meio das faixas horizontais busca uma relação mais próxima com o nível do solo.

Fig.3.90- Fachada frontal do edifício Porto da Barra.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.91- Detalhe da composição da varanda.



Fonte: Autora, 2012.

3.2.2.3 Componentes climáticos

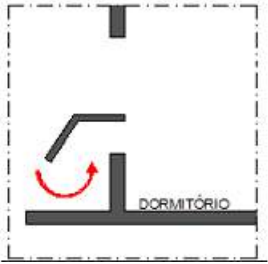
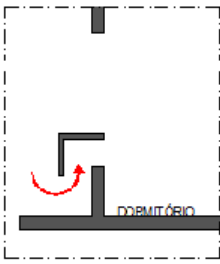
A adaptação dos edifícios ao clima da região torna-se uma alternativa apropriada para se ampliar o repertório de elementos compositivos de fachada. Alguns dos edifícios utilizam elementos com recursos passivos de ventilação e iluminação, contribuindo diretamente com o conforto térmico, como é o caso do uso do peitoril ventilado e dos cobogós, ambos provenientes da escola pernambucana. Além do uso dos brises, provenientes da arquitetura moderna brasileira.

O peitoril ventilado, explorado nos edifícios desse período, é executado em concreto, sobreposto a uma abertura localizada no peitoril abaixo das janelas, que tem por finalidade atuar como fonte complementar do movimento de ar proporcionado pelas esquadrias. Observa-se o uso de dois tipos de peitoril: os ortogonais e os inclinados, proporcionando distintos efeitos compositivo (quadro 3.4).

O primeiro edifício a apresentar esse elemento foi o Barroca (1973), cujo peitoril em concreto em formato “inclinado” foi revestido em cerâmica na cor preta (fig.3.92 e fig.3.93). Observa-se que esse elemento se encontra levemente sacado das janelas, fazendo um contraponto com a marcação vertical ressaltada da estrutura de sustentação. O edifício Arthur Vital (1975) é outro exemplo que utiliza a mesma tipologia de peitoril ventilado na composição

da fachada. Nos dois edifícios, a utilização do peitoril se restringe aos dormitórios.

Quadro 3.5- Tipos de peitoris ventilados.

Peitoril inclinado	Peitoril ortogonal
	

Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.92- Fachada frontal do edifício Barroca.



Fonte: Autora, 2012.

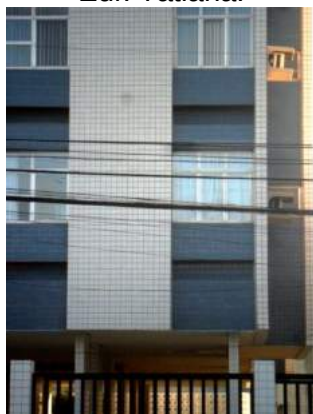
Fig.3.93- Detalhe do peitoril inclinado.



Fonte: Autora, 2012.

No edifício Tatiana (1975) o peitoril se distingue pela tipologia “ortogonal”, recebendo revestimento na cor azul, cuja demarcação cria um jogo de reentrância com os armários sacados do edifício (fig.3.94 e fig.3.95).

Fig.3.94- Detalhe do peitoril ventilado do Edf. Tatiana.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.95- Detalhe do peitoril ventilado do Edf. Tatiana.



Fonte: Autora, 2012.

O peitoril ventilado “ortogonal” é utilizado também no edifício Donina Carneiro (1975), no qual a demarcação horizontal representada pelo peitoril ventilado vence largos vãos da fachada principal, demarcando os pavimentos e sendo interrompidos apenas no centro da edificação, pela marcação vertical ressaltada da sala de estar¹¹ (fig.3.96 e fig.3.97).

Fig.3.96- Fachada frontal do Edf. Donina Carneiro antes da reforma.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.97- Fachada frontal do Edf. Donina Carneiro pós-reforma.



Fonte: Autora, 2012.

Observa-se que o peitoril ventilado foi largamente utilizado nos quartos, área nobre da edificação, que normalmente volta-se para a fachada principal.

¹¹ O edifício que foi recentemente reformado teve esses elementos mais valorizados e destacados na nova proposta de fachada.

Também na tentativa de adaptar a edificação multifamiliar em altura ao clima local, utilizaram-se elementos como os brises e cobogós (fig.3.98 e fig.3.99). Em contraponto aos peitoris (posicionados normalmente nas áreas nobres), os cobogós e brises são elementos que se restringem à proteção das áreas de serviço e escadas, estando normalmente posicionados nas fachadas menos visíveis.

Fig.3.98 e fig.3.99- Detalhes da fachada Posterior do Edf. Atlântida.



Fonte: Autora, 2012.

Porém, nos edifícios Solar Graciliano Ramos (1976) e Nina (1977), localizados em terrenos de esquina, esses elementos embora dispostos na fachada lateral, foram trabalhados a favor da composição do edifício, uma vez que todas as fachadas são devidamente visíveis (fig.3.100 e fig.3.101).

Fig.3.100- Fachada lateral do Edf. Solar Graciliano Ramos.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.101- Detalhe dos brises, Ed. Solar Graciliano Ramos



Fonte: Autora, 2012.

Destaca-se a adaptação dos edifícios em altura ao local em que estão situados, dispondo de elementos arquitetônicos que amenizam o clima quente

e úmido da região, fazendo uso de soluções simples para o melhor conforto dessa tipologia de habitação.

3.2.2.4 Varanda

A varanda, espaço que permite o contato com o exterior do edifício, regulando a entrada de luminosidade e ventilação naturais no interior do apartamento, é observada como um elemento compositivo de fachada comumente encontrada nos edifícios em análise¹².

A princípio, observou-se que as tipologias das varandas podem estar relacionadas à estrutura dos edifícios, resultado em duas classificações distintas: varandas confinadas e varandas em balanço. As varandas confinadas (fig.3.102 e fig.3.103), observadas nos edifícios Tatiana (1975), Saveiro (1976), Benedito Bentes (1977) e Nina (1977) são elementos compositivos que causam um valor estético pouco expressivo nas fachadas, quando comparadas às varandas em balanço.

Fig.3.102- Varanda confinada no Edf. Benedito Bentes.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.103- Varanda confinada no Edf. Saveiro



Fonte: Autora, 2012.

¹² A presença constante da varanda pode estar ligada ao fato de que a tradição desse elemento compositivo é impulsionada pelas condições climáticas, pelas tendências do mercado imobiliário local e até mesmo pela influência da escola pernambucana. As varandas ou balcões vendem a imagem de contato com a natureza, numa tentativa de retorno aos valores do passado.

Já as varandas em balanço, dependendo da forma geométrica adotada, e posições na fachada podem gerar diversas composições (fig.3.104 e fig.3.105). As varandas em balanço foram usadas nos edifícios: Barroca (1973), Praia Verde (1974), Antônia Luiza (1975), Arthur Vital da Silva (1975), Mansão Leonardo da Vinci (1975), Lennie Nichols (1975), Status (1976), Maria Isabel (1976), Atlântida (1976), Biarritiz (1976), Kanandú (1976), Versalhes (1976), Porto da Barra (1976), Armando Lobo (1978), Boca da Grota (1979).

Fig.3.104- Varanda em balanço, Edf. Atlântida.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.105- Ed. Varanda em Balanço Edf. Versalhes.



Fonte: Autora, 2012.

3.2.2.5 Base, corpo e coroamento

Em sua maioria, a volumetria dos edifícios subdivide-se em base (pilotis vazado), e corpo (pavimentos tipo) (fig.3.106, fig.3.107, fig.3.108, fig.3.109, fig.3.110 e fig.3.111).

Fig.3.106- Edifício Núbia (1970), base e corpo.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.107- Edifício Jangada (1970), base e corpo.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.108- Edifício Barroca (1973), base e corpo.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.109- Edifício Tatiana (1975), base e corpo.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.110- Edifício Arthur Vital (1975), base e corpo.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.111- Edifício Mykonos (1977), base e corpo.



Fonte: Autora, 2012.

Porém, em alguns deles, verifica-se também o coroamento – estratégia clássica de tripartição. O edifício Atlântida (1976), por exemplo, apresenta um coroamento com releitura dos arcos clássicos (fig.3.112 e fig.3.114): o corpo principal foi delimitado por três faixas verticais - no trecho correspondente à sala de estar do edifício - posicionando-se centralmente na fachada frontal da edificação- e o efeito do coroamento se faz pelo encontro desses elementos que formam dois arcos no topo do edifício, arrematando a edificação e reforçando a ideia de simetria. Este é um dos poucos elementos de fachada que buscam quebrar a linearidade recorrente nos edifícios analisados.

Fig.3.112- Fachada frontal Edf. Atlântida.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.114- Ed. Detalhe coroamento Edf Atlântida.



Fonte: Autora, 2012.

O coroamento do edifício Lagoa-Mar (1964) é destacado apenas na fachada frontal, cujo último pavimento (cobertura) é arrematado por janelas diferenciadas, que se assemelham às antigas mansardas (fig.3.115). No corpo principal, desenvolve-se um jogo de duas faixas verticais lateralmente, que apontam para o coroamento.

Fig.3.115- Coroamento do edf. Lagoa Mar.



Fonte: Autora, 2012.

Outros edifícios apresentam coroamento mais tímido, destacados apenas por diferenciação no pavimento de cobertura: no edifício Lennie Nichols (1975), no qual esse elemento foi destacado pela diferenciação das janelas em fita (fig.3.116), que agora mantém ritmo linear atingindo todo o vão, contrapondo-se às do corpo do edifício; no edifício Mansão Leonardo da Vinci

(1975) por um gradeado na cobertura; no Biarritz (1976) por uma marquise de proteção para as varandas e os dormitórios (fig.3.117).

Fig.3.116- Coroamento do Edf. Lennie Nichols



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.117- Coroamento do Edf. Lennie Biarritz,



Fonte: Autora, 2012.

No edifício Lennie Nichols, a base do edifício é constituída por dois pavimentos: além do pilotis vazado observou-se um segundo pavimento destinado ao salão de festas do condomínio (fig.3.118 e fig.3.119).

Fig.3.118- Edf. Lannie Nichols com base, corpo e coroamento.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.119- Base com dois pavimentos dos edf. Lennie Nichols.



Fonte: Autora, 2012.

Realizou-se um quadro síntese (Quadro 3.4) com relação aos elementos compositivos de fachada analisados:

Quadro 3.6 – Síntese dos elementos compositivos de fachada.

Elementos compositivos		Edifício	Quant.	%
Elementos verticais	Armários	Praia Verde; Antônia Luiza; Maria Isabel; Kanandú; Saveiro; Mykonos; Veleiro; Fragata.	8 edifícios	26,66
	Banheiros	Barroca; Praia Verde; Tatiana; Atlântida; Benedito Bentes; Costa Verde.	6 edifícios	20,0
	Escadas	Jangada; Tatiana; Antônia Luiza; Arthur Vital da Silva; Donina carneiro; Caravela; Atlântida; Sola Graciliano Ramos; Costa Verde.	9 edifícios	30,0
	Varandas	Barroca; Praia Verde; Antônia Luiza; Arthur Vital; Leonardo da Vinci; Status; Maria Isabel; Biarritz; Kanandú; Versalhes; Porto da Barra; Armando Lobo; Veleiro; Fragata.	14 edifícios	46,66
	Sala de estar	São Carlos; Donina Carneiro.	2 edifícios	6,66
	Estrutura de sustentação	Núbia; Jangada; Barroca; Donina carneiro; Atlântida; Kanandú.	6 edifícios	20,0
Elementos horizontais	Prolongamento da laje	São Carlos.	1 edifício	3,33
	Peitoris das janelas	São Carlos; Lagoa-Mar; Jangada; Tatiana; Antônia Luiza; Leonardo da Vinci; Lennie Nichols; Status; Biarritz; Versalhes; Saveiro; Benedito Bentes; Armando Lobo.	13 edifícios	43,33
	Janela em fita	Lagoa Mar; Núbia; Jangada; Donina Carneiro; Lennie Nichols; Status; Versalhes.	7 edifícios	23,33
	Varandas	Biarritz; Versalhes; Porto da Barra.	3 edifícios	10,0
Componentes climáticos	Peitoril Ventilado	Barroca; Tatiana; Arthur Vital da Silva; Donina Carneiro; Solar Graciliano Ramos.	5 edifícios	16,66
	Cobogós e brises			
Varandas	Confinadas	Tatiana; Caravela; Saveiro; Benedito Bentes; Nina.	4 edifícios	13,33
	Exteriorizadas	Barroca; Praia Verde; Antônia Luiza; Arthur Vital da Silva; Leonardo da Vinci; Lennie Nichols; Status; Maria Isabel; Atlântida; Biarritz; Kanandú; Solar Graciliano Ramos; Versalhes; Porto da Barra; Mykonos; Armando Lobo; Veleiro; Fragata e Boca da Grot.	19 edifícios	63,33

Fonte: Autora, 2012.

3.2.3 Materiais utilizados na fachada

As cores e revestimentos de superfícies utilizados são outros importantes componentes de composição das fachadas. As cores são obtidas por meio do uso de pastilhas cerâmicas, granitos, concreto natural, tinta ou textura, geralmente em conjunto de duas tonalidades. No caso das cerâmicas, observou-se que em alguns edifícios os tamanhos de pequenas dimensões das peças compõem grandes superfícies uniformes. A disposição das cores e revestimentos não é aleatória, pois auxiliam na leitura dos elementos compositivos como a estrutura e a marcação dos andares, por exemplo.

O Edifício São Carlos (1964) que tem o ocre como cor predominante e o azul como cor secundária (fig.3.120, fig.3.121 e fig.3.122), é um exemplo de edifício onde se utilizaram pastilhas de pequeno tamanho, esse material restringiu-se as fachadas frontal e laterais, sendo a fachada posterior revestida em concreto na cor ocre. A cor azul foi usada apenas na fachada principal para criar falsos parapeitos nas janelas dos dormitórios, reforçando, junto com o saque em concreto dos pavimentos à ideia de horizontalidade.

Fig.3.120- Fachada Frontal Edf. São Carlos nas cores ocre e azul.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.121- Revestimento utilizado no peitoril do Edf. São Carlos.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.122- Fachada posterior do Edf. São Carlos na cor ocre.



Fonte: Autora, 2012.

O bicromatismo, composto em alguns edifícios por panos brancos e por cores sóbrias, é um recurso recorrente na composição de fachada desses edifícios. Uma composição largamente utilizada através do bicromatismo das cores é a marcação dos ressaltos verticais, distintos das demarcações horizontais (fig.3.123 e fig.3.124), por diferenças cromáticas e de planos, como observado no edifício Saveiro (1976) e Tatiana (1975). Esses edifícios que utilizam na sua fachada um saque vertical na cor branco, em contraponto com demarcações horizontais na cor marrom (Saveiro) e na cor azul (Tatiana), tem o primeiro elemento bem mais reforçado através da sua cor e do saque, que juntos reforçam a ideia de verticalidade.

Fig.3.123- Fachada frontal do Edf. Saveiros, bicromatismos nas cores branco e marrom.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.124- Fachada frontal do Edf. Tatiana, bicromatismos nas cores branco e azul.



Fonte: Autora, 2012.

O bicromatismo contrastante branco/preto, observado no edifício Praia Verde (1974) concorre para destacar esse edifício (fig.3.125 e fig.3.126). A diferenciação de cores foi utilizada em posições estratégicas, onde a cor preta foi disposta em elementos como os balcões das varandas e os peitoris dos quartos de esquina, elementos de destaque.

Fig.3.125- Fachada frontal do Edf. Praia Verde, bicromatismos nas cores branco e preto.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.126- Detalhe da fachada do Edf. Praia Verde, cores branco e preto.



Fonte: Autora, 2012.

A neutralidade das cores dos acabamentos são características na maioria dos edifícios, como é o caso do Lagoa Mar (1964), no qual a composição de sua fachada foi trabalhada buscando expressar honestamente o material concreto (fig.3.127 e fig.3.128). O revestimento utilizado -concreto na sua forma natural e bruta- aliado ao volume adotado torna a sua volumetria bastante expressiva. Sua fachada lateral possui um plano vertical cego, revestido inteiramente por concreto, enquanto a fachada principal é marcada apenas pelas vigas em faixas horizontais dos parapeitos das janelas, também trabalhadas em concreto na cor natural, com sutis diferenças de tonalidades.

Fig.3.127- Fachada frontal do Edf. Lagoa Mar, revestida em concreto na cor ocre.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.128- Detalhe da Fachada frontal do Edf. Lagoa Mar, revestida em concreto na cor ocre.



Fonte: Autora, 2012.

O concreto foi o elemento utilizado nas varandas do edifício Barroca (1973), composto por leves ranhuras, elemento que se destaca na fachada principal da edificação (fig.3.129, fig.3.130 e 3.131). Além desse elemento, o edifício, utiliza o contraste das cores branco e preto, a primeira para demarcar os peitoris ventilados e a segunda demarcando o ressalto da estrutura de sustentação desse edifício, gerando contraposição das linhas verticais e horizontais.

Fig.3.129- Fachada frontal do Edf. Barroca, revestida em concreto na cor ocre, cerâmica na cor preta e pintura na cor branco.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.130- Revestimento em concreto utilizado na varanda do edf. Barroca.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.131- Detalhe das varandas do Edf. Barroca, revestida em concreto na cor ocre, com leves ranhuras.



Fonte: Autora, 2012.

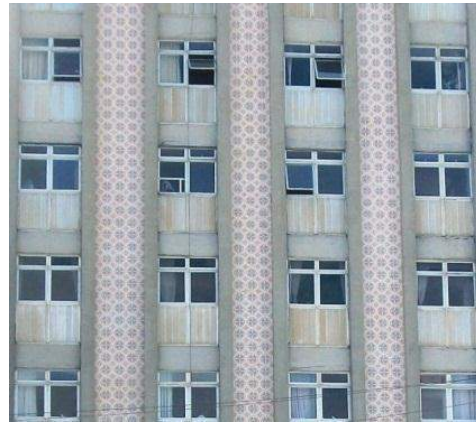
Na fachada frontal do edifício Núbia (1964), os planos horizontais, revestidos em pequenas cerâmicas na cor ocre, foram cortados, por três planos verticais salientes em concreto, preenchidos por cerâmica decorada que contrastam com a cerâmica natural utilizada (fig.3.132 e fig.3.133). Os planos verticais em concreto, além de gerar um efeito estético a fachada, funcionam também como proteção solar para as janelas dos dormitórios, todos voltados para essa fachada.

Fig.3.132- Fachada frontal do Edf. Núbia.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.133- Detalhe da fachada do Edf. Núbia: planos salientes, cerâmica decorada e cerâmica natural.



Fonte: Autora, 2012.

No edifício Porto da Barra (1976), observa-se uma composição de destaque oferecida as varandas através do ressalto e da diferenciação de revestimento e cor utilizada neste elemento, além de um maior refinamento desses revestimentos, observa-se nesse edifício uma composição movimentada, de arranjo assimétrico, que foi destacada principalmente pela diferenciação e destaque da sua cor (fig.3.134).

Fig.3.134- Detalhe das varandas do Edf. Porto da Barra.



Fonte: Autora, 2012.

Os edifícios Veleiro (1979) e Fragata (1979) compõem-se de volumes cúbicos, com superfícies lisas, contínuas e monocromáticas, com discretos saques de volume em balanço, que demonstram simplicidade construtiva (fig.3.135 e 3.136).

Fig.3.135- Fachada frontal do Edf. Veleiro.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.136- Fachada Posterior do Edf. Veleiro.



Fonte: Autora, 2012.

Outro tratamento observado nos edifícios em análise é o tratamento monocromático dos edifícios, proporcionando destaque aos panos de vidro (fig.3.137 e fig.3.138), como observado no edifício Atlântida (1976). Nesse caso apenas a fachada frontal é toda envidraçada, ostentando leveza, e se destacando das edificações vizinhas.

Fig.3.137- Fachada frontal do Edf. Atlântida.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.138- Detalhe das esquadrias do Edf. Atlântida.



Fonte: Autora, 2012.

3.3 CONFIGURAÇÃO INTERNA

3.3.1 Número de apartamentos por andar

No que diz respeito à configuração interna dos edifícios, quanto à quantidade de apartamentos por andar, identificaram-se quatro tipologias distintas (quadro 3.5):

Quadro.3.7- Classificação tipológica número apt/andar.

Classificação	Descrição	Quantidade	Plantas rebatidas	Plantas não rebatidas
Tipologia 1 1 apt/ andar	Apartamentos com maior distribuição de área interna, com tipologias de 4 e 3 dormitórios. Edifícios de alto padrão.	3 edifícios	—	—
Tipologia 2 2 apt/andar	Apartamentos com maior distribuição de área interna, com tipologia de 4 e 3 dormitórios. Edifícios de médio e alto padrão.	23 edifícios	18 edifícios	5 edifícios
Tipologia 3 3 apt/andar	Apartamentos com menor distribuição de áreas internas, com tipologias de 3, 2 e 1 dormitórios. Edifícios de médio padrão.	2 edifícios	0 edifícios	3 edifícios
Tipologia 4 4 apt/andar	Apartamentos com menor distribuição de áreas internas, possuindo tipologias de 3 e 2 dormitórios. Edifícios de médio padrão.	2 edifícios	2 edifícios	0 edifícios

Fonte: Autora, 2012.

A tipologia mais recorrente é a que apresenta dois apartamentos por andar, sendo esta significativamente superior às demais. Observou-se que em sua maioria os edifícios possuem plantas de pavimentos rebatidas (fig.3.139 e

3.140), em especial nos edifícios com dois e quatro apartamentos por pavimento.

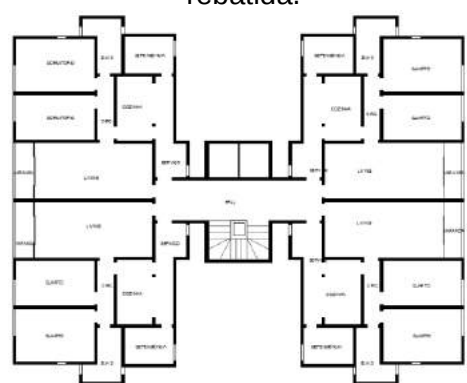
Nos edifícios com pavimentos constituídos por dois apartamentos por andar, apenas quatro não apresentam configuração de plantas rebatidas: o Lagoa Mar (1964), Barroca (1973), Solar Graciliano Ramos (1976) e Maria Isabel(1976). Todos possuem apartamentos com tipologias distintas.

Fig.3.139- Planta do pavimento do edf. Porto da Barra, com dois apt/andar rebatida.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.140- Planta do pavimento do edf. Benedito Bentes, com quatro apt/andar rebatida.



Fonte: Autora, 2012.

Os pavimentos que não possuem plantas rebatidas são em sua maioria aqueles que possuem um apartamento por andar, ou aqueles que possuem apartamentos de tipologia mista - com número de dormitórios distintos - como é o caso do pavimento tipo dos edifícios Mykonos (1977) e Costa Verde (1978).

As plantas de pavimento tipo não rebatidas permitem uma alteração na disposição dos arranjos internos das plantas, propondo variações de tipologias nas unidades de apartamentos de um mesmo edifício.

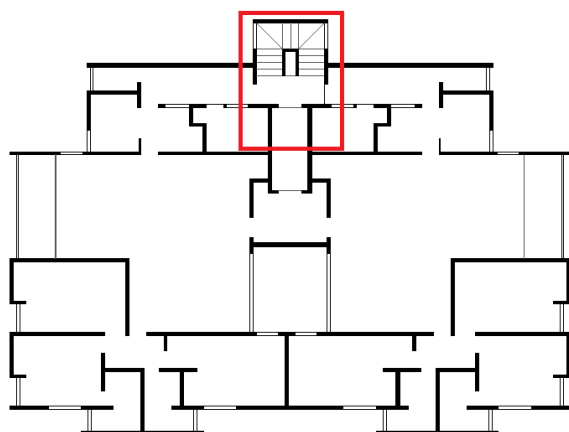
3.3.2 Espaços de uso comum

3.3.2.1 Circulação vertical das escadas

A circulação vertical da escada subdivide-se em duas tipologias: exteriorizada ou confinada. Com relação às escadas exteriorizadas, observaram-se duas variações: as centrais e as de canto. Os edifícios Tatiana

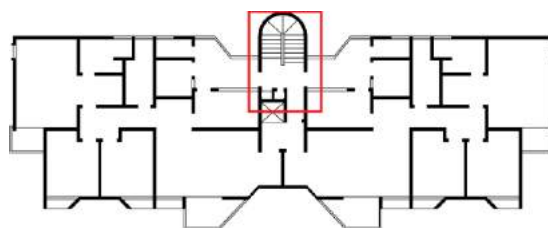
(1975) e Arthur Vital da Silva (1975) são exemplos de edifícios que apresentam as escadas exteriorizadas centrais (fig.3.141 e fig.3.142), recorrentes em edifícios com dois apartamentos por andar que possuem planta rebatida.

Fig.3.141- Planta do pavimento do edf. Tatiana, com escada exteriorizada central.



Fonte: Autora, 2012.

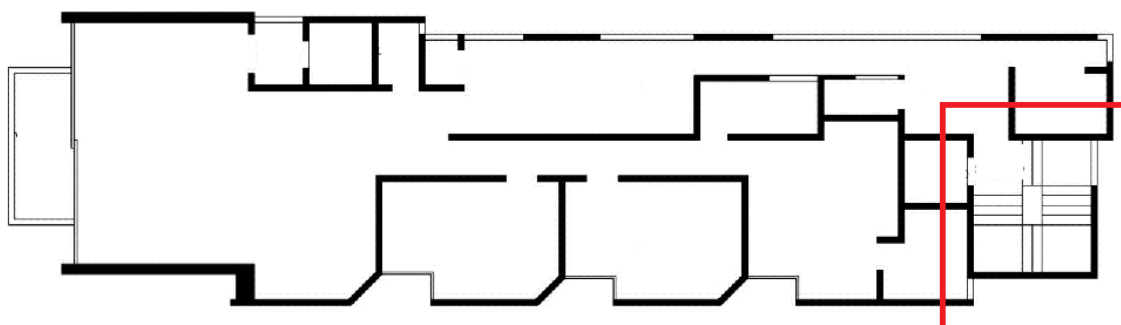
Fig.3.142- Planta do pavimento do edf. Arthur Vital, com escada exteriorizada central.



Fonte: Autora, 2012.

O edifício Kanandú (1976) é o único que possui escada exteriorizada de canto (fig.3.143), um elemento que poderia ter recebido destaque vertical, mas que não foi conveniente devido à sua localização pouco visível. O posicionamento da escada na extremidade é possibilitado pela disposição do pavimento tipo em um apartamento por andar.

Fig.3.143- Escada de canto, Edf. Kanandú.

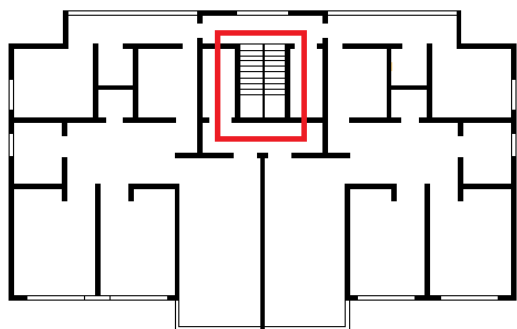


Fonte: Autora, 2012.

Nas escadas confinadas, observaram-se também duas variações: as interiorizadas e as periféricas. As escadas confinadas interiorizadas (fig.3.144 e fig.3.145) trazem a vantagem de possibilitar o máximo aproveitamento das superfícies das fachadas para aberturas de compartimentos principais para o

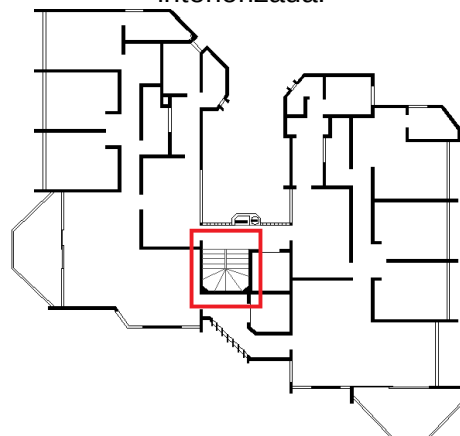
exterior, recurso utilizado em alguns edifícios como no São Carlos (1964), Lagoa Mar (1964), Barroca (1973), entre outros.

Fig.3.144- Planta do pavimento do edf. São Carlos, com escada confinada interiorizada.



Fonte: Autora, 2012.

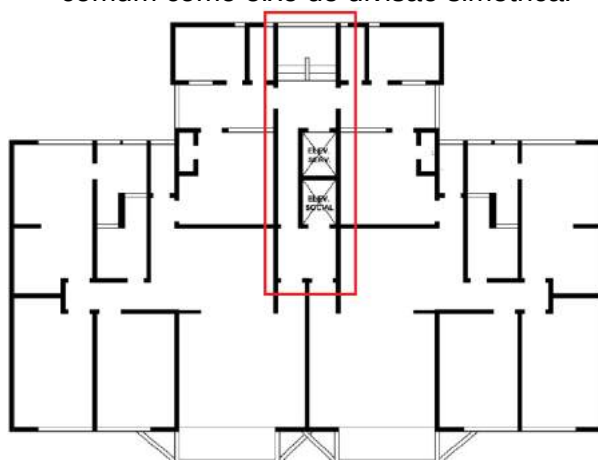
Fig.3.145- Planta do pavimento do edf. Barroca, com escada confinada interiorizada.



Fonte: Autora, 2012.

Observaram-se as escadas confinadas periféricas com frequência nos edifícios com pavimento de 2 apartamentos por andar - posicionadas no centro do pavimento - pode ser considerada (juntamente com os elevadores e hall) o eixo ordenador principal que divide o arranjo espacial simetricamente (fig.3.146). Essa variação da escada é observada em seis edifícios: Mansão Leonardo da Vinci (1975), Donina Carneiro (1975), Porto da Barra (1976), Saveiro (1976), Nina (1977) e Armando Lobo (1978).

Fig.3.146- Planta do pavimento tipo do edf. Porto da Barra, escada e áreas em comum como eixo de divisão simétrica.



Fonte: Autora, 2012.

Nos edifícios Status (1976) e Versalhes (1976), ambos com um apartamento por andar, foi adotado também o uso da escada confinada periférica, que se posiciona - junto como os espaços em comum (halls) e elevadores- num bloco contíguo de um lado a sala de estar e do outro a área de serviço, permitindo o acesso direto a esses dois ambientes.

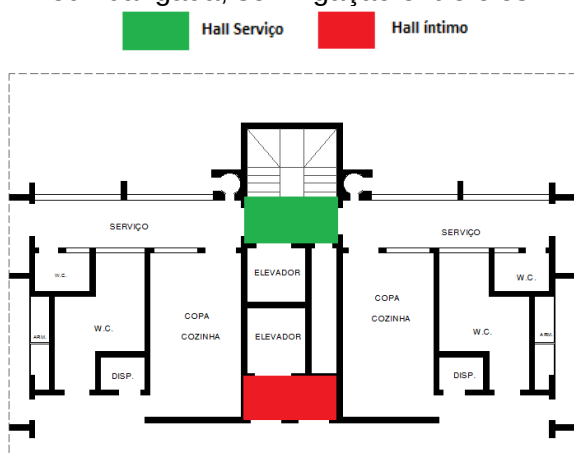
3.3.2.2 Circulação vertical e horizontal

Com relação aos elevadores, observou-se que em todos os edifícios esse elemento posiciona-se confinado no interior do pavimento tipo, voltado diretamente para espaço de circulação horizontal (hall) de cada pavimento. Sendo necessário, portanto, analisá-los em conjunto.

Identificaram-se três variações distintas, com relação à interligação desses espaços: (1) áreas em comum (hall) e elevadores demarcados em domínios social e de serviço, com elevadores e áreas em comum distintas; (2) dois elevadores (social e serviço) posicionam-se voltados para um mesmo hall, comum aos domínios social e de serviço; (3) apenas um elevador, voltado para um mesmo hall, comum aos domínios de serviço e social.

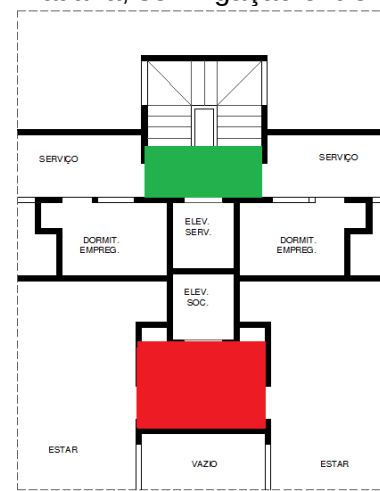
A nítida separação entre os espaços social e de serviço (fig.3.147 e fig.3.148), observado na variação (1), foi percebida em especial nos primeiros edifícios construídos, sendo bastante recorrente nos edifícios construídos até o ano de 1975. Como nos edifícios São Carlos (1964), Lagoa Mar (1964), Jangada (1970), Praia Verde (1974), entre outros. Nos pavimentos tipo com dois apartamentos por andar e plantas rebatidas, observaram-se que uma distribuição comum entre esses elementos é aquela que o hall social encontra-se confinado entre os acessos das duas salas sociais dos apartamentos e o hall de serviço posiciona-se também confinado intermediando a escada e o elevador de serviço.

Fig.3.147- Detalhe do pavimento tipo do edf. Jangada, sem ligação entre eles.



Fonte: Autora, 2012.

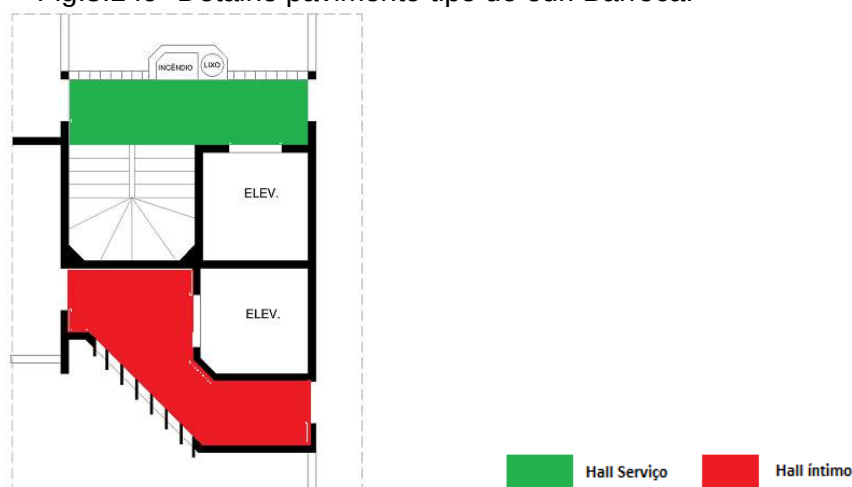
Fig.3.148- Detalhe do pavimento tipo do edf. Tatiana, sem ligação entre eles.



Fonte: Autora, 2012.

Outro arranjo espacial na variação (1) foi observado no edifício Barroca (1973), no qual os halls social e de serviço, são confinados, porém posicionados no perímetro da edificação, sem ligação entre eles (fig.3.149).

Fig.3.149- Detalhe pavimento tipo do edf. Barroca.

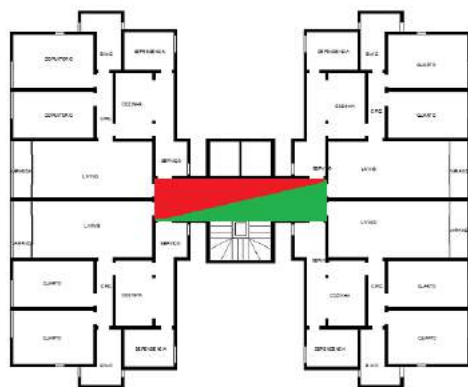


Fonte: Autora, 2012.

O edifício Benedito Bentes (1975) exemplifica a variação (2) onde os dois elevadores posicionam-se voltados para um mesmo hall (fig.3.150), não existindo mais a rígida separação entre os domínios sociais e de serviço.

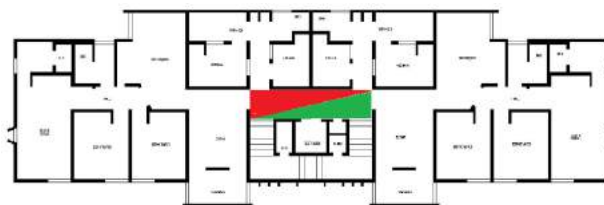
Já os edifícios Mykonos e Armando Lobo demonstram a variação (3), que difere da anterior por possuir apenas um elevador (fig.3.151), voltado para um mesmo hall, comum aos setores sociais e de serviço.

Fig.3.150- Pavimento tipo do edf.
Benedito Bentes.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.151- Detalhe do pavimento tipo do edf.
Armando Lobo.



Fonte: Autora, 2012.

 Uso misto: serviço e social

3.3.3 Área de Lazer

Percebe-se uma carência dos espaços voltados para o lazer nos edifícios, não existe a preocupação atual de se projetar os edifícios com áreas voltadas para o lazer das crianças, como o playground. Mesmo em alguns edifícios, como o São Carlos (1964), onde o prédio foi implantado no terreno com uma boa parcela do lote não edificada, não se observou nenhum espaço voltado para as atividades de lazer, deixando claro assim, a ausência de preocupação da época com essas atividades de um modo geral.

Em alguns edifícios, devido à ausência das atividades destinadas ao lazer, os jardins começaram a ter nova conceituação das suas funções, passando a integrar os edifícios onde surgiam nos seus pátios, entradas e terraços, substituindo em sua maioria o espaço de lazer e diversão para as crianças.

O Barroca (1973) é o primeiro exemplo de condomínio que destina, no térreo, um espaço voltado para as atividades de lazer: uma grande área de jardinagem, um mezanino com vista para o mar e um salão de festas com banheiro (fig.3.152, fig.3.153, fig.3.154 e fig.3.155).

Fig.3.152- Jardins do edf. Barroca.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.153- Jardins no acesso do edf.Barroca.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.154- Mezanino com área livre e vista para o mar do edf. Barroca.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.155- Salão de festas do edf. Barroca.



Fonte: Autora, 2012.

Os equipamentos de lazer se sofisticam com o surgimento da piscina, que aparece pela primeira vez no edifício Mansão Leonardo da Vinci (1975), grande novidade introduzida no jardim do edifício. O edifício Benedito Bentes, datado de 1977, assim como os edifícios Armando Lobo e Costa Verde de 1978, também apresentam a piscina como opção de lazer no pavimento térreo (fig.3.156 e fig.3.157).

Fig.3.156- Piscina no pavimento térreo do edf. Costa Verde



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.157- Piscina no pavimento térreo do edf. Armando Lobo.



Fonte: Autora, 2012.

No edifício Solar Graciliano Ramos, observou-se a proposta de um apoio para festas, com churrasqueira e uma grande área livre pavimentada, voltados para a fachada posterior de edifício (fig.3.158 e fig.3.159). Observou-se ainda a presença de áreas livres não edificadas, que receberam tratamento de paisagismo.

Fig.3.158- Apoio com churrasqueira e áreas livres pavimentadas no edf. Solar Graciliano Ramos.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.159- Áreas livres não edificadas com tratamento de paisagismo.



Fonte: Autora, 2012.

Datado de 1978, o Armando Lobo, é o edifício que congrega no pavimento térreo mais espaços voltados para as atividades de lazer (fig.3.160, fig.3.161, fig.3.162 e fig.3.163), além da piscina, observou-se: um apoio com salão de festas, uma quadra de esportes, playground e espaços de convivência ajardinados.

Fig.3.160- Quadra de esportes no edf. Armando Lobo.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.161- Apoio com salão de festas no edf. Armando Lobo.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.162- Playground no edf. Armando Lobo.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.3.163- Espaço de convivência no edf. Armando Lobo.



Fonte: Autora, 2012.

A falta de espaços destinados ao lazer na maioria dos edifícios, pode ser justificada pelo fato de que na década de 70, a vida na cidade era mais tranquila, havia menos violência, maior quantidade de espaços livres na cidade. O lazer era então, na maioria das vezes, realizado nos espaços públicos das ruas, parques e praças.

3.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO 3

Diante das análises desenvolvidas nesse capítulo, pode-se constatar que, a exceção de um edifício, o Lagoa-Mar, todos os demais posicionam-se soltos no lote (com recuo frontal, laterais e superior) e soltos do chão, com o uso do pilotis. O pilotis funciona como abrigo para garagem, ou como área livre para uso coletivo no pavimento térreo. Com relação à ocupação dos edifícios no lote, verificaram-se duas variações de tipologias: os lotes com mais de um bloco de edifícios e os lotes com edifícios isolados, sendo a segunda a que mais predomina, observada em 25 edifícios.

No que se refere ao posicionamento do lote na malha urbana, observaram-se duas variações: os lotes de meio de quadra e os lotes de esquina. Os lotes de meio de quadra podem ser subdivididos em lotes voltados para uma rua ou aqueles voltados para duas ruas, o que possibilita o acesso ao edifício por ruas distintas. Já os lotes de esquina, voltam-se para duas ou três ruas. Com relação aos acessos, observou-se que os principais tendem a

voltar-se para a rua ou vista mais privilegiada da cidade, geralmente com algum elemento paisagístico agradável.

Às volumetrias adotadas na concepção arquitetônica dos edifícios, seguem estratégias de composição que partem de um prisma, resultando em quatro variações formais: prisma retangular alongado; prisma retangular quadrado, prismas retangulares justapostos e prismas retangulares escalonados. Identificou-se ainda uma variedade de elementos compositivos de fachada: os elementos verticais; os elementos horizontais; os componentes climáticos; as varandas e o coroamento dos edifícios. Com relação às cores, observaram-se composições volumétricas pouco ousadas, predominando os edifícios bicromáticos e monocromáticos nas cores branca, preta, azul e ocre.

No que se refere à configuração interna dos edifícios, identificou-se quatro tipologias distintas: um, dois, três e quatro apartamentos por andar. A tipologia de 2 apartamentos por andar é a que predomina, sendo significativamente superior as demais, observada em 23 edifícios. Também verificou-se que, excluindo-se os edifícios que apresentam apenas um apartamento por andar (3 exemplares), os que apresentam planta do tipo rebatida é bastante expressivo (20 exemplares).

A circulação vertical da escada subdivide-se em duas classificações: exteriorizada ou confinada. Com relação às escadas exteriorizadas, observaram-se duas variações: as centrais e as de canto. As escadas confinadas apresentam também duas variações: as interiorizadas e as periféricas. Em todos os edifícios, a circulação vertical dos elevadores posiciona-se confinado no interior do pavimento tipo, voltado para o espaço de circulação horizontal do hall.

Por fim, verificou-se que os edifícios construídos até o ano de 1975, possuem uma nítida separação entre os domínios de circulação social e serviço, enquanto o edifício Benedito Bentes datado de 1977 é o primeiro que não apresenta mais a rígida separação entre esses domínios, possuindo um hall de circulação comum.

Observou-se ainda uma carência dos espaços voltados para o lazer, acredita-se que essa falta de espaços, justifica-se pelo fato de que na década de 70, a vida na cidade era mais tranquila, havia menos violência e maior

quantidade de espaços livres na cidade, onde os espaços públicos como praças, ruas e parques supriam o lazer da população local.

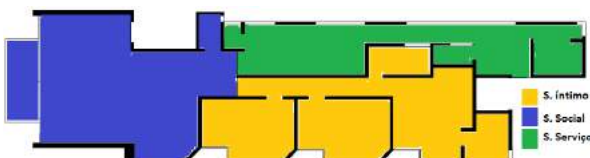
CAPÍTULO 4- O APARTAMENTO

Este capítulo apresenta as análises tipológicas, as análises funcionais dos ambientes e as análises topológicas dos apartamentos. Na classificação tipológica, utilizou-se da classificação de Schneider (2001) para fazer um processo comparativo. Na análise funcional observou-se a quantidade de ambientes, o dimensionamento e formato geométrico dos setores e cômodos. Por fim, utilizou-se da topologia a fim de apreender as distintas possibilidades de interconexões, permeabilidade entre os cômodos e sua conexão com o exterior.

4. 1 TIPOLOGIA DOS ARRANJOS ESPACIAIS

Identificou-se que dentro das 8 tipologias classificadas por Scheneider (2001), apenas 3 delas são comuns nos apartamentos em estudo. Todos os apartamentos, sem exceção, se enquadram na tipologia denominada pelo autor como *Planta com separação de setores funcionais*.

Quadro.4.1- Classificação tipológica do arranjo espacial dos apartamentos.

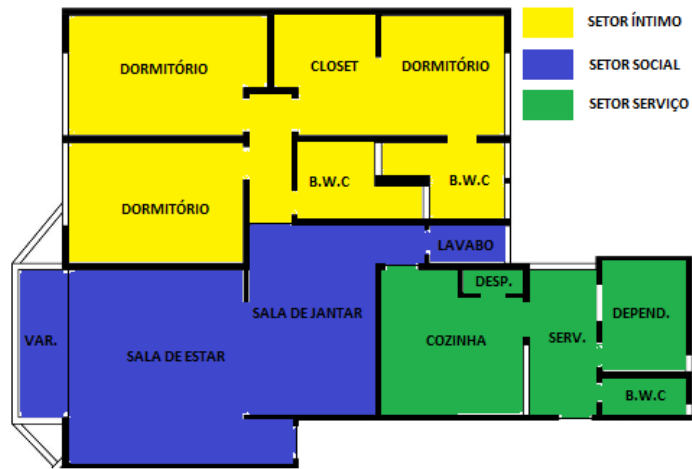
Classificação	Descrição	Exemplo
Tipologia 1 Planta com separação de setores funcionais	As zonas funcionais são claramente separadas. Três blocos distintos: íntimo, social, serviço.	 Apartamento do Ed. Kanandú, 1976.

Fonte: Autora, 2012.

A **tipologia 1**, é a que predomina nos apartamentos, observou-se na configuração espacial interna destes apartamentos que as zonas funcionais são claramente separadas, permitindo um desenvolvimento interno fluido e sem interferência das funções individuais.

Os três setores funcionam como uma divisão física no arranjo espacial do apartamento: três setores são traduzidos como três blocos distintos (fig.166). No caso dos apartamentos em análise que possuem amplas áreas, esta distinção costuma se tornar ainda mais nítida, como é o caso do apartamento do edifício Porto da Barra:

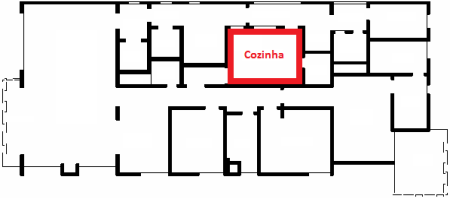
Fig.4.1- Separação nítida entre os três setores funcionais: íntimo, social e serviço. Ed. Porto da Barra, 1976. Fonte: Autora, 2012.



A tripartição funcional dos espaços (íntimo, social e serviço) permanece predominante nos apartamentos até os dias atuais. Nesse tipo de planta existe a zona diurna, com sala de estar, jantar ou copa, e cozinha, e a zona noturna, formada pelos dormitórios. Os projetos tripartidamente divididos seguem o tradicional modelo burguês da habitação do século XIX.

Dentro da tipologia 1, observaram-se outras duas variações tipológicas denominadas por Scheneider (2001):

Quadro.4.2- Classificação tipológica do arranjo espacial dos apartamentos.

Classificação	Descrição	Exemplo	Quantidade
Tipologia 2 Planta com caixa inserida	Possui um núcleo central inserido em seu interior. Normalmente a cozinha e/ou banheiro.	 Apartamento do Ed. Versalhes, 1976.	10 apartamentos

Fonte: Autora, 2012 (continua).

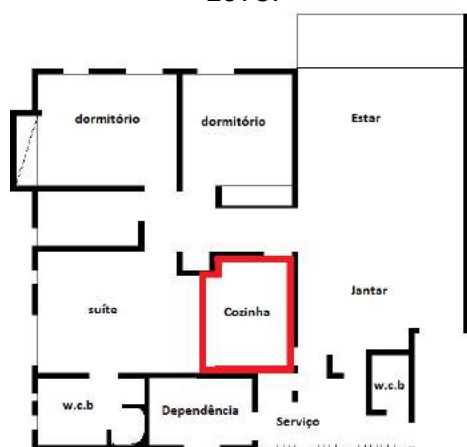
Quadro.4.2- Classificação tipológica do arranjo espacial dos apartamentos.

Classificação	Descrição	Exemplo	Quantidade
Tipologia 3 Planta com sala de estar/jantar central	A comunicação entre os demais cômodos é estabelecido por meio deste ambiente, funcionando como distribuidora.	 Apartamento do Ed. Tatiana, 1975.	4 apartamentos

Fonte: Autora, 2012.

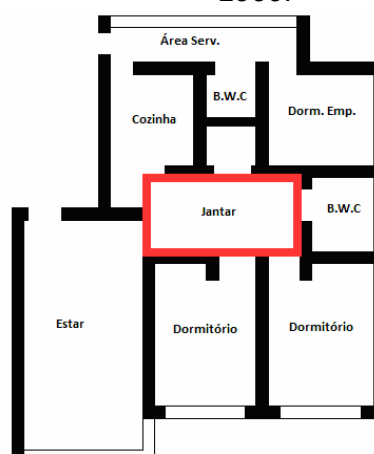
A **tipologia 2**, Planta com caixa inserida, é recorrente nos apartamentos analisados, sendo o caso, por exemplo, dos apartamentos dos edifícios São Carlos (1964), Jangada (1970), Praia Verde (1974), Antônia Luiza (1975), Arthur Vital da Silva (1975), Status (1976), Maria Isabel (1976), Kanandú (1976), Versalhes (1976) e Armando Lobo (1978). Com exceção do apartamento do Ed. São Carlos, esta tipologia caracteriza-se por apresentar um núcleo central, que se limita ao conjunto da cozinha e/ou banheiros, porém, no caso do edifício São Carlos o núcleo central refere-se à sala íntima ou de refeições (fig.4.2 e fig.4.3).

Fig.4.2- Planta com tipologia *caixa inserida*. Apt do Edifício Antônia Luiza, 1975.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.4.3- Planta com tipologia *caixa inserida*. Apt do Edifício São Carlos, 1960.

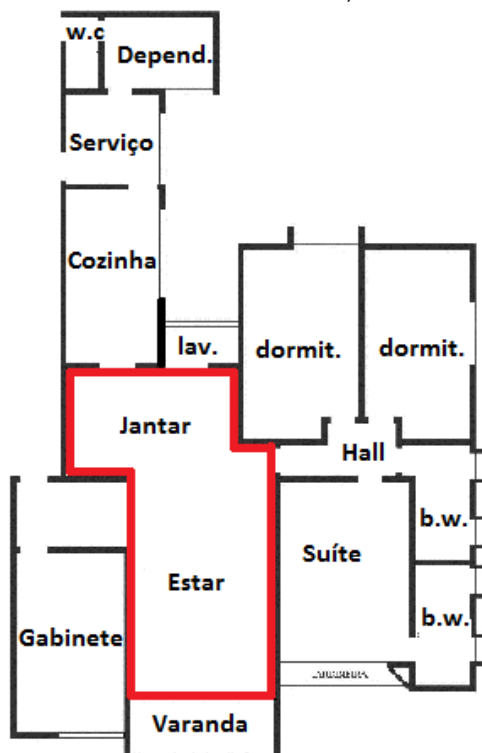


Fonte: Autora, 2012.

Observa-se, nesta tipologia de habitação, a impossibilidade da ventilação e iluminação natural na sala do core central – no caso do apartamento do edf. São Carlos a sala de refeições e ambiente de distribuição entre os setores. Esta não é, portanto, uma configuração espacial adequada para o clima local, onde se é preferível locar os ambientes de grande permanência, na medida do possível, no perímetro do apartamento.

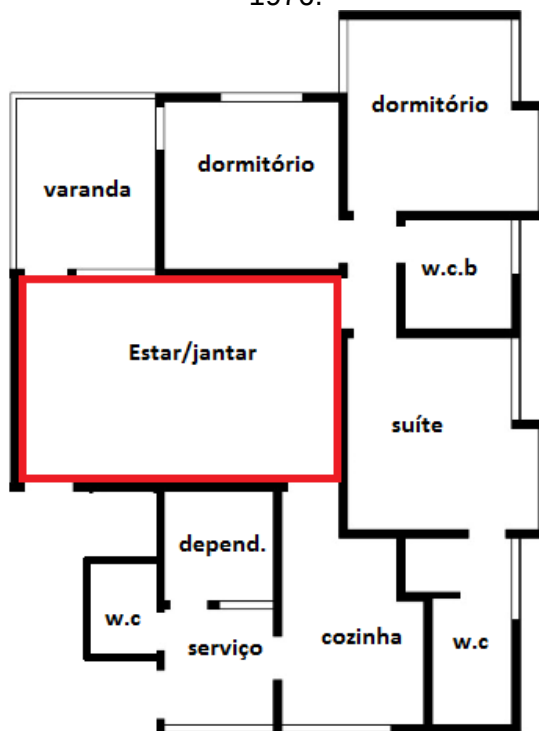
Em um menor número de apartamentos observou-se o uso da **tipologia 3**, planta com sala de estar central, é o caso dos apartamentos dos Edf. Tatiana (1975), Mansão Leonardo da Vinci (1975), Maria Isabel (1976) e Nina (1977). A organização espacial dessa tipologia favorece a comunicação, que se desenvolve em torno da sala de estar (fig.4.4 e fig.4.5), que também funciona como ambiente de circulação e distribuição, com acessos ao setor íntimo e de serviço.

Fig. 4.4-Planta com tipologia *sala de estar central*. Apt do Edifício Mansão Leonardo da Vinci, 1975.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.4.5-Planta com tipologia *sala de estar central*. Apt do Edifício Mansão São Tomé, 1976.



Fonte: Autora, 2012.

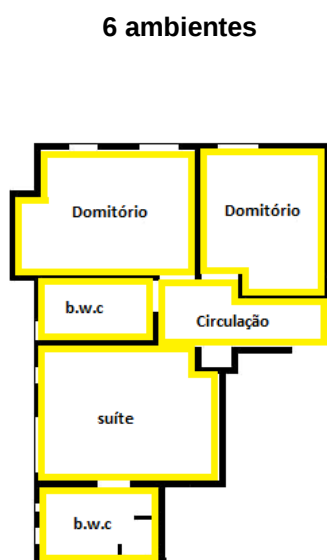
4.2 ASPECTOS FUNCIONAIS

4.2.1 Quantidade de ambientes

4.2.1.1 Setor íntimo

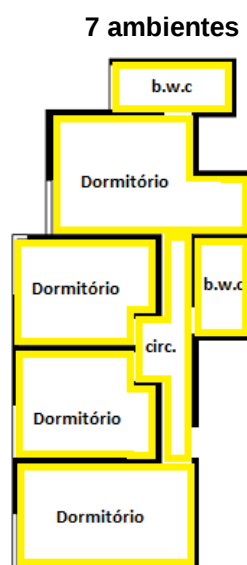
No setor íntimo estão distribuídos invariavelmente os dormitórios, os banheiros, e um corredor central que interliga o setor íntimo ao setor social, sendo a maioria dos apartamentos constituídos por 6 variações desses ambientes: 3 dormitórios (sendo um deles suíte: dormitório/banheiro), 1 banheiro social e 1 corredor de distribuição (fig. 4.6). É recorrente também encontrar o setor íntimo distribuído espacialmente em 7 variações de ambientes, nas quais aos 5 ambientes citados acima são adicionados a varanda, ou outro dormitório (fig. 4.7). Observou-se também aqueles que possuem uma variação de 4 ambientes: 2 dormitórios, 1 banheiro e um corredor (fig.4.8).

Fig.4.6- Setor íntimo do apartamento edf. Antônio Luiza.



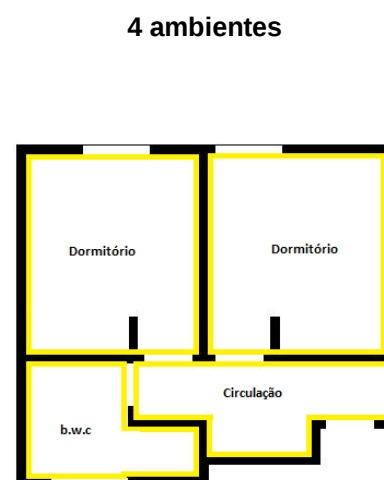
Fonte: Autora, 2012.

Fig.4.7- Setor íntimo do apartamento edf. Biarritz.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.4.8- Setor íntimo do apartamento do edf. Costa Verde.



Fonte: Autora, 2012.

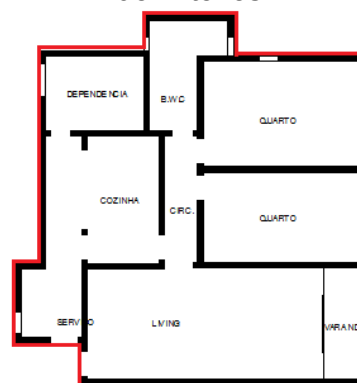
Percebeu-se que o número de dormitórios é uma variável que está ligada diretamente à área dos apartamentos, retratando o seu porte. Nestes casos, os apartamentos com maior disposição de área são aqueles que possuem 4 dormitórios. Os apartamentos Status (1976) e Benedito Bentes (1977) exemplificam a variação da área com relação ao número de dormitórios (fig.4.9 e fig.4.10).

Fig.4.9- Planta baixa do edf. Status, com 4 dormitórios



Fonte: Autora, 2012.

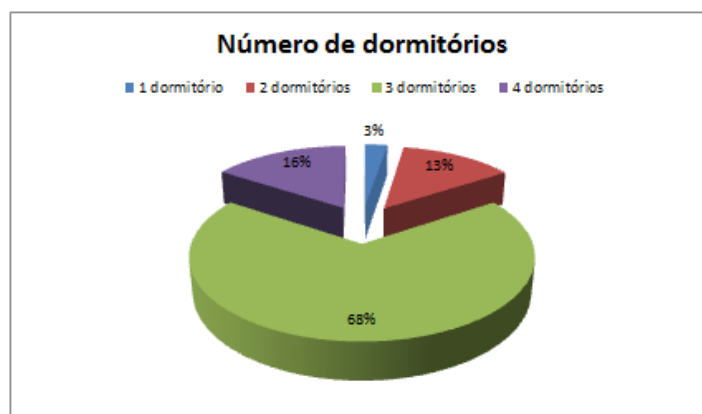
Fig.4.10- Planta baixa do edf. Benedito Bentes, com 2 dormitórios



Fonte: Autora, 2012.

Observou-se que é mais frequente a presença de apartamentos com tamanho médio porte de 3 dormitórios (sendo um deles, uma suíte), 68% dos casos; seguido dos apartamentos de grande porte com 4 dormitórios (sendo um deles uma suíte), 16%; apartamentos de pequeno porte com 2 dormitórios, 13%; e apenas 1 apartamento possui 1 dormitório (gráfico 4.1).

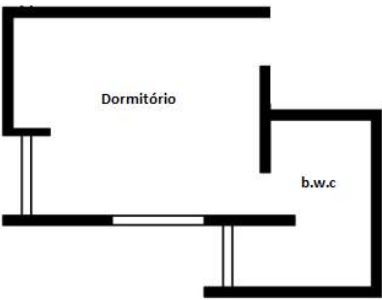
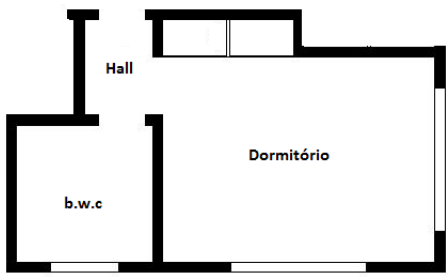
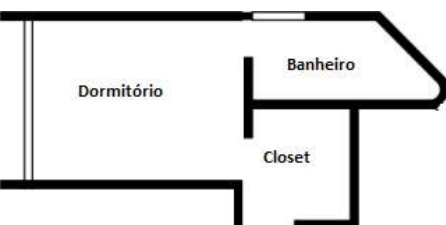
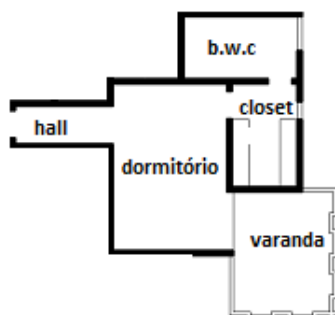
Gráfico.4.1- Porcentagem dos números de dormitórios.



Fonte: Autora, 2012.

Assim como os dormitórios, a presença de suítes em um apartamento é também uma variável que está ligada ao porte do mesmo. Os apartamentos formados por 3 e 4 dormitórios, incluem incondicionalmente uma suíte, que se destaca dos demais dormitórios, sendo comum à proporção de maiores áreas, designado como dormitório ou suíte do casal. As suítes possuem algumas variações (quadro 4.3):

Quadro.4.3- Variações de ambientes observadas na suíte.

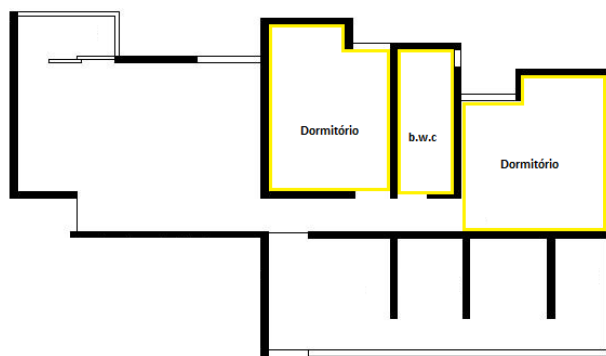
1. Apenas com banheiro  Suíte do apartamento do edf. Tatiana.	2. Com banheiro e adição de um hall  Suíte do apartamento do edf. Jangada.
3. Com banheiro e adição de um closet  Suíte do apartamento do edf. Barroca.	4. Com banheiro e adição de varanda  Suíte do apartamento do edf. Nº 30.S/I
5. Com banheiro, adição de varanda, de closet e de hall  Suíte do apartamento do edf. Versalhes.	

Fonte: Autora, 2012.

Porém, independente da averiguação das áreas dos dormitórios, a adição de hall, varanda ou closet na suíte principal representa, sem dúvida, uma maior hierarquia no que diz respeito a esse cômodo, a hierarquia de um dos dormitórios é uma tendência observada com frequência nos apartamentos.

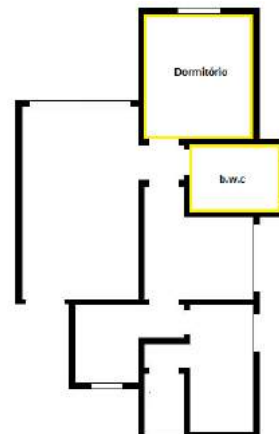
Por outro lado, verificou-se que os apartamentos considerados de pequeno porte, constituídos por 2 e 1 dormitórios não possuem suítes (fig.4.11 e fig.4.12), como é o caso dos apartamentos dos edifícios São Carlos (1964), Benedito Bentes (1977), Mykonos (1977) e Costa Verde (1978).

Fig.4.11- Planta baixa do apartamento 35 do edf. Mykonos. Sem presença de suíte.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.4.12- Planta baixa do apartamento 40 do edf. Costa Verde. Sem presença de suíte.



Fonte: Autora, 2012.

Os três últimos, no entanto, possuem diferença de área na distribuição espacial dos seus dormitórios, o que permite a hierarquização de um deles. Em contraponto, o apartamento do edifício São Carlos, apresenta um fato curioso com relação aos dormitórios, por dois motivos:

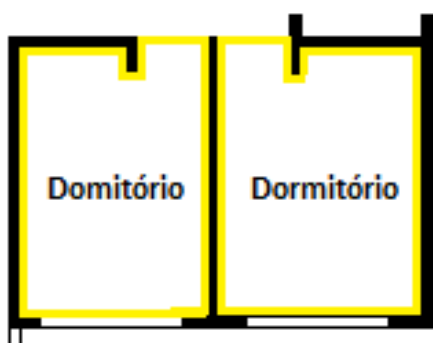


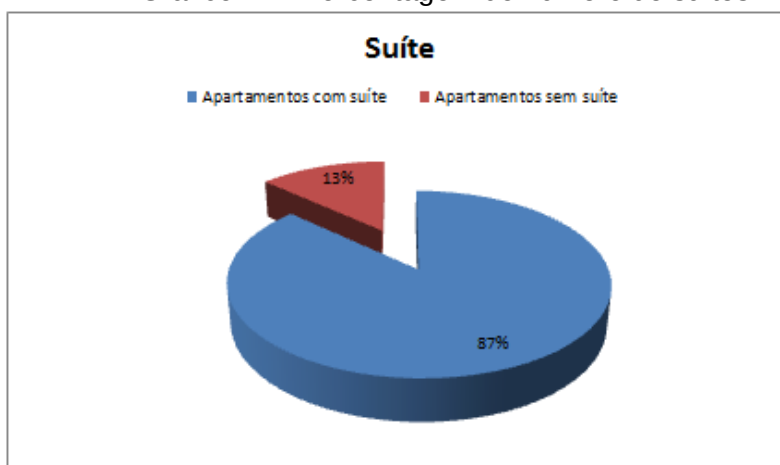
Fig.4.13- Dormitórios do apartamento do edif. São Carlos, com mesma área e geometrias. Fonte: Autora, 2012.

1. Além de não possuir suíte, o apartamento possui dormitórios com áreas e geometrias equivalentes (fig.4.13), que de acordo com Brandão (2002) “é comum o estabelecimento de áreas diferentes para estes cômodos, em geral com destaque para um dormitório ou suíte principal.” O autor considera atípicos dormitórios equivalentes em áreas nos desenhos habitacionais brasileiros.

2. Possui uma área de aproximadamente 110 m², podendo se enquadrar no tamanho de apartamentos de médio porte, no entanto possui apenas dois dormitórios.

O gráfico 4.2, demonstra o percentual médio do número de suítes verificadas: 5 apartamentos (13,15%) não possuem suítes como números de ambientes; enquanto 33 apartamentos (86,84%) possuem uma suíte. Não foi observado em nenhum apartamento a ocorrência de mais de uma suíte.

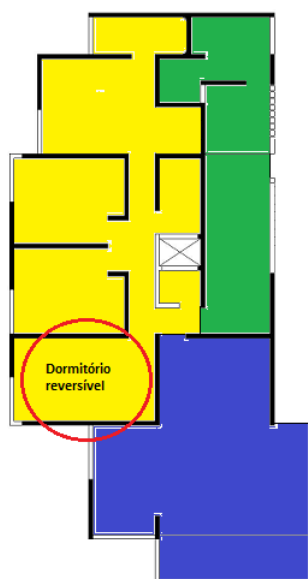
Gráfico.4.2- Porcentagem do número de suítes.



Fonte: Autora, 2012.

Observou-se ainda que é comum a possibilidade de reversibilidade em um dos dormitórios, que não a suíte, como a exemplificada pela configuração da planta baixa do Edifício Biarritz (1976)(fig.4.14).

Fig.4.14- Planta baixa setorizada do edf. Biarritiz.



Fonte: Autora, 2012.



Setor íntimo

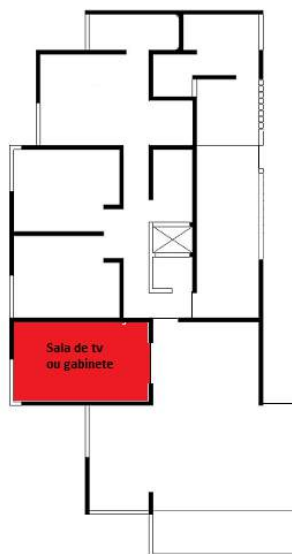


Setor de Serviço



Setor Social

Fig.4.15- esquema (1) da planta baixa do edf. Biarritiz.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.4.16- esquema (2) da planta baixa do edf. Biarritiz.



Fonte: Autora, 2012.



Dorm. flexível

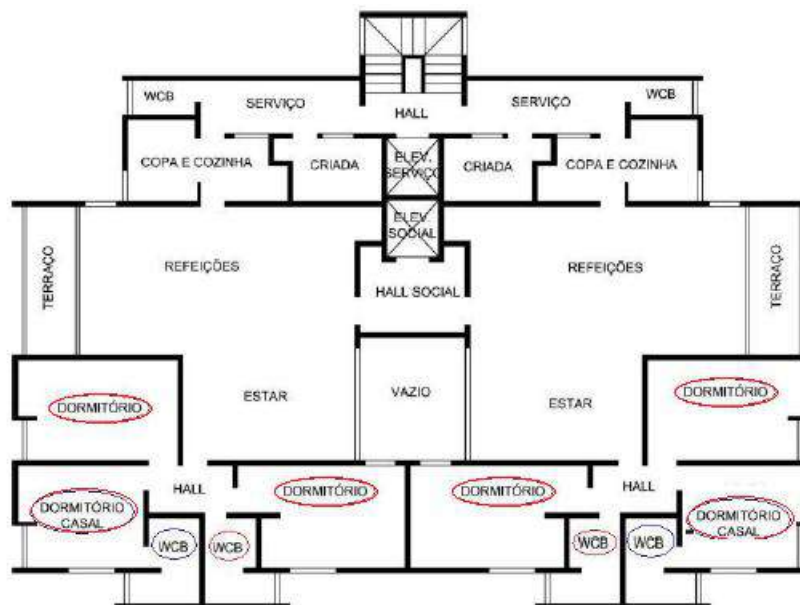
Observando a planta baixa do Edifício Biarritiz, com os esquemas propostos (fig.4.15 e fig.4.16) no arranjo espacial do seu apartamento, foi possível identificar algumas variações de uso que este dormitório permite:

1. Com a porta voltada para o setor social, cria-se a possibilidade de uma sala de tv (home theater), ou um gabinete;
2. O aumento do setor social, criando uma sala íntima, através da demolição de algumas paredes.

Quanto ao número de banheiros verifica-se um maior número de apartamentos com variações entre 2 e 3 banheiros. Assim como os dormitórios e as suítes, o número de banheiros também é uma variável que está ligada ao porte do apartamento. Os apartamentos menores, de dois e um dormitórios, possuem na sua maioria 2 banheiros; já os apartamentos maiores, com 3 e 4 dormitórios, possuem na maioria dos casos 3 banheiros. Não se observou nenhum apartamento que seja constituído por 1 ou por mais de 3 banheiros. Verificou-se que a maioria dos projetos apresentam uma suíte e dois dormitórios com um banheiro compartilhado (fig.4.17), o

qual muitas vezes também é utilizado como banheiro social, como pode ser exemplificado no edifício Tatiana (1975).

Fig.4.17- Planta baixa do edf. Tatiana (1975)



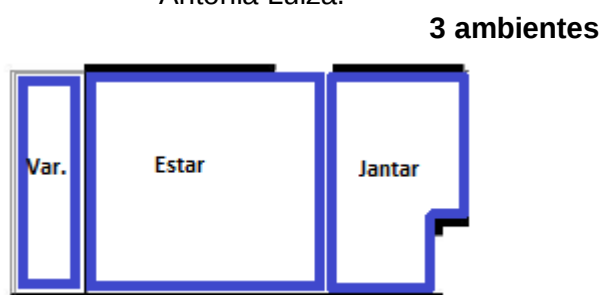
Fonte: Autora, 2012.

Com relação aos corredores de distribuição, para muitos, esse ambiente é considerado um desperdício de área; porém, para outros é visto como uma forma de se obter privacidade nos apartamentos, servindo de circulação para banheiros e dormitórios. Este fato é o que justifica a presença deste ambiente em todos os apartamentos, à exceção do apartamento do Edf. São Carlos, que possui a sala de jantar como cômodo de distribuição entre os setores.

4.2.1.2 Setor social

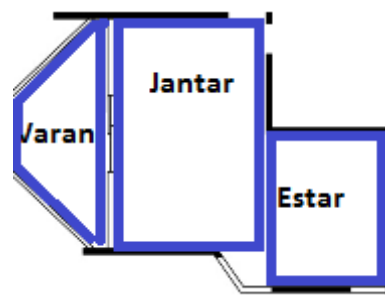
Com relação ao número de ambientes do setor social, observou-se que em sua maioria, o mais comum é esse setor subdividir-se em 3 ambientes: sala de estar/ jantar e varanda, como exemplifica a planta baixa do edf. Antônia Luiza (1976) e do edf. Barroca (1973) (fig.4.18 e fig.4.19).

Fig.4.18- Setor social do edf. Antônia Luiza.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.4.19- Setor social do edf. Barroca.



Fonte: Autora, 2012.

Com o aumento do porte dos apartamentos, começam a aparecer algumas adições programáticas, as principais são: adição de hall de entrada, de lavabo, de hall e lavabo, gabinete.

Quadro.4.4- Variações de ambientes observadas no setor social (continua).

1. Adição de hall de entrada Setor social do apartamento 01 do edf. Lagoa Mar.	2. Adição de lavabo Setor social do apartamento do edf. Kanandú.
3. Adição de hall e lavabo Setor social do apartamento do edf. Porto da Barra.	4. Adição de gabinete, hall e lavabo Setor social do apartamento do edf. Leonardo da Vinci

Fonte: Autora, 2012.

Enquanto no setor íntimo observou-se que as varandas se restringem aos apartamentos de maior porte, no setor social, verificou-se que estas não se restringem a um perfil de apartamento, elas são comuns em todos os tamanhos, podendo ser considerada uma tendência. A presença da varanda é uma variável constante, sendo observada em 33 apartamentos, representando 76,74% dos apartamentos (gráfico 4.3).

Gráfico.4.3- Porcentagem do número de varandas.



Fonte: Autora, 2012.

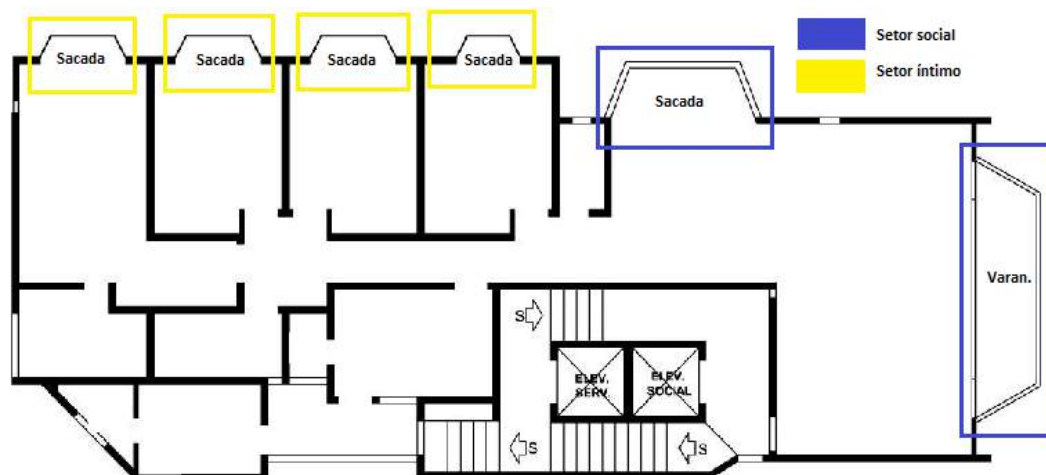
Com relação às varandas e sacadas, o que pode existir de diferente entre apartamentos com área mais reduzida e aqueles de maiores áreas, é que em alguns apartamentos de maior porte, começam a aparecer mais de uma varanda ou sacada, que pode ser adicionada aos dormitórios, como observado no apartamento do edifício Versalhes (1976) (fig.4.20), por exemplo; ou como no apartamento do edifício Status (1976) que possui uma varanda no setor social, adicionada de sacadas na sala de jantar e nos dormitórios (fig.4.21).

Fig.4.20 Planta baixa do edf. Versalhes.



Fonte: Autora, 2012.

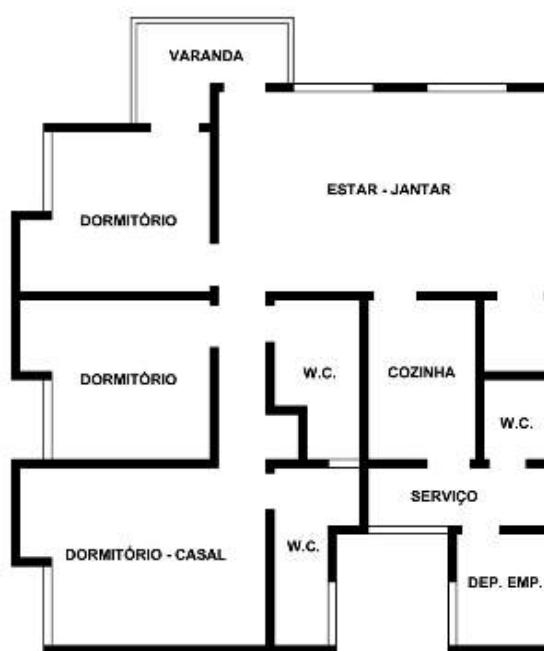
Fig.4.21- Planta baixa do edf. Status.



Fonte: Autora, 2012.

Ainda com relação à varanda, o apartamento 17, do edifício Maria Isabel (1976), apresenta uma configuração distinta, onde a mesma varanda permite uma ligação externa entre o setor social e o íntimo (fig.4.22).

Fig.4.22- Planta baixa do Edf. Maria Isabel

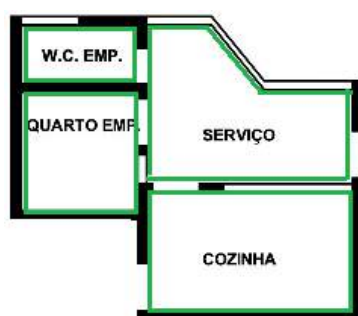


Fonte: Autora, 2012.

4.2.1.3 Setor de serviço

No setor de serviço, observou-se que em sua maioria os apartamentos são constituídos por 4 ambientes: cozinha, área de serviço e dependência completa de empregada (dormitório e banheiro) (fig.4.23 e fig.4.24).

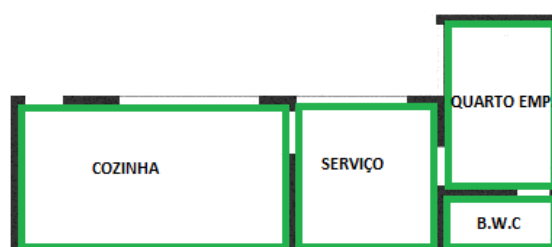
Fig.4.23- Setor de serviço do edf. Arthur Vital. Variação de ambientes recorrentes no setor de serviço.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.4.24- Setor de serviço do edf. Leonardo da Vinci. Variação de ambientes recorrentes no setor de serviço.

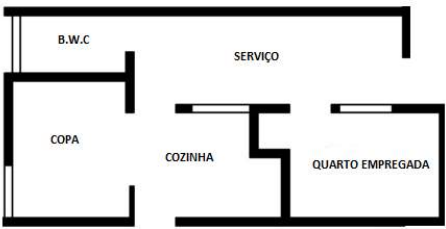
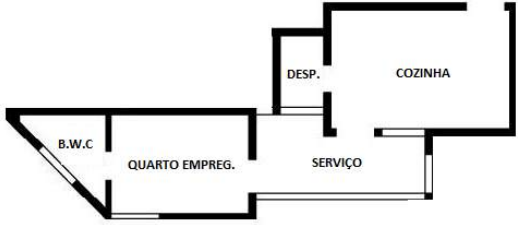
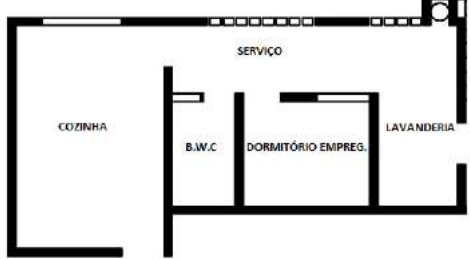
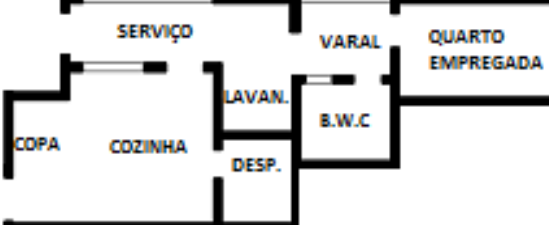
4 ambientes



Fonte: Autora, 2012.

Os apartamentos de médio e grande porte podem apresentar a variação de alguns ambientes, onde aos 4 apresentados acima foram observados a adição de: copa, despensa, lavanderia, copa/despensa/lavanderia/varal.

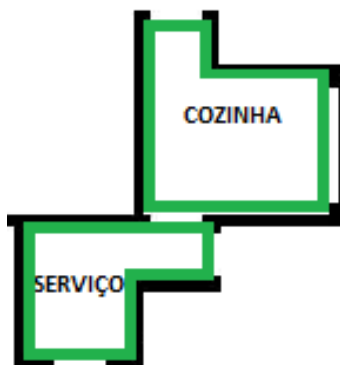
Quadro.4.5- Variações de ambientes observadas no setor serviço.

1. Adição da copa  Setor de serviço do edf. Tatiana com adição da copa.	2. Adição da despensa  Setor de serviço do edf. Status com adição da copa.
Adição da lavanderia  Setor de serviço do edf. Caravela com adição da lavanderia.	Adição da copa, despensa, lavanderia e varal  Setor de serviço do edf. Versalhes com adição da lavanderia.

Fonte: Autora, 2012.

Observou-se que é comum a divisão entre os ambientes deste setor, mesmo nos apartamentos menores, com a presença de paredes ou algum elemento de divisão entre os ambientes da cozinha e área de serviço (fig.4.25 e fig. 4.26), contribuindo para a privacidade da área destinada a limpeza x cocção e diferindo dos apartamentos atuais, que possuem normalmente esses dois cômodos interligados.

Fig.4.25-Separação nítida entre os cômodos da cozinha e serviço do apartamento quarto e sala do edf. Costa Verde.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.4.26- Separação nítida entre os cômodos da cozinha e serviço do apartamento de dois quartos do edf. Mykonos.



Fonte: Autora, 2012.

Outro dado que chama a atenção é que, à exceção de apenas um dos apartamentos analisados, no caso o apartamento do Edf. Benedito Bentes (1977), a totalidade de apartamentos estudados apresentou dependência completa de empregada, ou seja, quarto e banheiro, representando 97,67% do universo, demonstrando a importância desse ambiente nas décadas de 1960 e 1970 (gráfico 4.5).

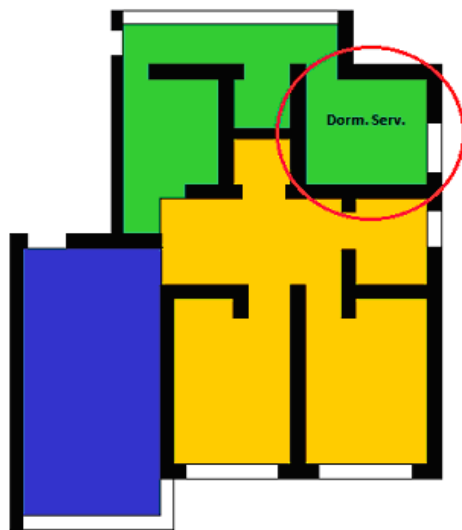
Gráfico.4.4- Porcentagem do número de dependências.



Fonte: Autora, 2012.

Ainda com relação à dependência, observa-se que é recorrente a possibilidade de reversibilidade desse cômodo (fig.4.27). Como observado, por exemplo, na configuração do apartamento do edf. São Carlos (1964).

Fig.4.27- Planta baixa setorizada do apartamento do Edf. São Carlos



Fonte: Autora, 2012.



Setor Íntimo



Setor de Serviço

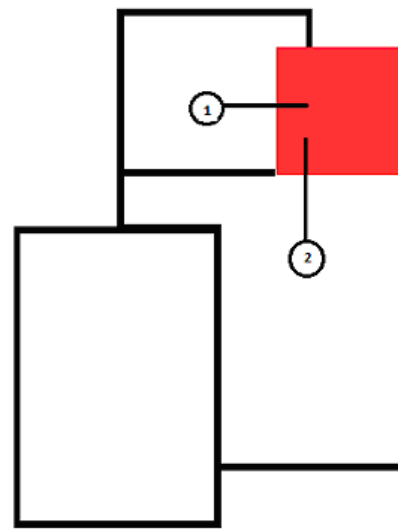


Setor Social



Dorm. flexível

Fig.4.28- Esquema da planta baixa do mesmo apartamento



Fonte: Autora, 2012.

Observando a planta baixa do Edifício São Carlos, com o esquema proposto no arranjo espacial do apartamento, foi possível identificar algumas variações de uso que este quarto pode permitir (fig.4.28). Observa-se que o quarto, poderá:

1. Com porta de acesso para o setor de serviço (1) funciona como quarto de empregada ou copa;
2. Com acesso para o setor íntimo (2) funciona como escritório, estar íntimo ou sala de jantar removendo-se a parede divisória.
3. Outra opção é que as duas portas de acesso (1 e 2) podem ser mantidas de tal forma que o quarto seja permanentemente reversível. Com esta configuração, o dormitório pode ser usado até mesmo como uma despensa que serve de circulação auxiliar ligando diretamente os setores íntimos e de serviço.

Outra variável perceptível nos apartamentos é o acesso adicional feito pela cozinha ou pela área de serviço, nestes apartamentos a área de serviço e a cozinha encontram-se em sua maioria isolados, considerado como ambiente de rejeição. Identificou-se também que com o aumento da

área torna-se ainda mais nítido a distinção entre os três setores funcionais, com tendência ao isolamento mais nítido deste setor.

4.2.3 Dimensionamento dos setores e ambientes

Optou-se em trabalhar a análise dimensional dos apartamentos por etapas, partindo da análise do dimensionamento dos apartamentos de dois dormitórios, seguidos dos apartamentos de três e quatro dormitórios.

Nos apartamentos de **dois dormitórios** dois empreendimentos se destacam por possuírem o menor e o maior valor em metros quadrados dos ambientes estar/jantar do setor social: o menor foi observado no apartamento do edf. Costa Verde, cuja área das salas de estar e jantar totalizam 15,0m², enquanto o apartamento do edf. Benedito Bentes possui o maior tamanho deste ambiente com uma área aproximada de 34,98m².

Tabela.4.1- Área por setores e ambientes dos apartamentos com 2 dormitório

Nome do edifício ou nº de registro	Ano	Sala de estar /jantar (m ²)	Dormt. 1 (m ²)	Dormt. 2 (m ²)	Cozinha /Serviço (m ²)
São Carlos	1964	32,30	10,10	10,10	13,50
Benedito Bentes	1977	34,98	10,22	12,71	14,80
Mykonos (31)	1977	29,50	9,30	11,00	12,00
Costa Verde (33)	1978	15,0	9,10	9,10	13,24

Fonte: Autora, 2012.

Com relação ao setor íntimo, observa-se que este setor funcional apresenta valores dimensionais elevados quando comparado ao setor social; entretanto, diferentemente do setor social composto por um único cômodo (interligação social/jantar), os altos dimensionamentos observados no setor íntimo são decorrência do somatório das áreas dos cômodos que o compõe. Observou-se que nos apartamentos de dois dormitórios, esses cômodos apresentam diferença de aproximadamente 1,0m a 2,0m², mas alguns deles como o apartamento dos edifícios São Carlos e Costa Verde apresentam áreas idênticas.

A menor área encontrada para o dormitório 1 foi percebida no apartamento do edifício Costa Verde (9,10m²) e a maior no apartamento do edifício Benedito Bentes com (10,22m²). Para o dormitório 2 a maior área pertence ao apartamento do edf. Benedito Bentes (12,71m²) e a menor área

mais uma vez no apartamento do edf. Costa Verde com 9,10m². No setor de serviço o apartamento 31, do edifício Mykonos, apresenta o menor dimensionamento, enquanto o apartamento do edifício Benedito Bentes apresenta maiores dimensionamentos nesse cômodo.

Nos edifícios de **três dormitórios**, o apartamento do edifício Tatiana (1975), em Jaraguá, se destaca por apresentar área da sala de estar muito superior aos demais (57,35m²), seguido do apartamento do edifício Atlântida (1976) com 53,12m²; enquanto o apartamento do edifício de Jangada de 1970 apresentou a menor área para o mesmo ambiente (20,05²), seguido do edifício Maria Isabel (1976), com área de aproximadamente (21,18m²). A variação de área desse ambiente foi a mais expressiva, quase o triplo.

O edifício Tatiana (1975) também apresentou o dormitório 1 com maior área (16,60m²); enquanto o edifício Arthur Vital da Silva (1975), no Farol, apresentou a menor área (8,40m²) para o mesmo ambiente. A variação de área desse ambiente foi quase o dobro.

O edifício Mansão Leonardo da Vinci (1975) apresentou a maior área (16,40) para o dormitório 2; enquanto o edifício Arthur Vital da Silva (1975) apresentou mais uma vez a menor área (8,40m²) para esse ambiente, sendo a variação inferior ao dobro. Alguns apartamentos como o dos edifícios Barroca e Arthur Vital apresentam áreas dos dois dormitórios idênticas.

Tabela.4.2- Área por setores e ambientes dos apartamentos com 3 dormitórios

Nome do edifício ou nº de registro	Ano	Sala de estar/jantar (m ²)	Dormt. 1 (m ²)	Dormt. 2(m ²)	Dormt. Suíte(m ²)	Cozinha /Serviço (m ²)
Núbia	1970	40,00	12,50	13,50	14,20	18,00
Jangada	1970	20,05	13,32	12,05	14,58	19,20
Barroca (07)	1973	37,48	10,95	10,95	16,08	18,55
Barroca (08)	1973	34,25	11,06	11,06	17,36	20,63
Praia Verde	1974	27,0	13,90	11,90	15,85	22,90
Tatiana	1975	57,35	16,60	12,80	12,80	19,98
Antônia Luiza	1975	39,48	12,71	10,88	14,13	13,84
Arthur Vital	1975	24,79	8,40	8,40	15,75	20,50
Leonardo da Vinci	1975	38,90	15,09	16,14	15,00	21,40

Fonte: Autora, 2012 (continua).

Tabela.4.2- Área por setores e ambientes dos apartamentos com 3 dormitórios

Nome do edifício ou nº de registro	Ano	Sala de estar/jantar (m²)	Dormt. 1 (m²)	Dormt. 2(m²)	Dormt. Suíte(m²)	Cozinha /Serviço (m²)
Donina Carneiro	1975	45,60	13,90	14,30	15,60	19,80
Lennie Nichols	1975	44,60	13,10	15,10	16,70	20,05
Maria Isabel (17)	1976	21,18	9,90	9,62	11,95	18,00
Maria Isabel (18)	1976	38,20	12,00	13,20	14,50	17,50
Caravela	1976	33,0	12,32	10,62	12,02	22,40
Atlântida	1976	53,12	13,20	12,90	14,30	22,64
Kanandú	1976	22,25	12,54	12,40	14,85	25,66
Versalhes	1976	47,51	16,00	10,80	14,32	24,09
Porto da Barra	1976	34,40	15,21	13,13	12,18	21,80
Saveiros	1976	28,99	13,50	9,62	15,63	18,50
Nina	1977	34,85	15,55	13,20	13,50	18,71
Mykonos (30)	1977	34,30	9,80	11,90	13,40	13,90
Armando Lobo	1978	28,80	9,66	9,66	14,98	11,55
Boca da Grotá	1978	36,00	10,10	11,40	12,80	15,01
Veleiro	1979	45,00	10,80	12,30	13,50	12,68
Fragata	1979	45,00	10,80	12,30	13,50	12,68

Fonte: Autora, 2012 (continuação e conclusão).

O edifício Lennie Nichols (1975) apresentou área da suíte superior às demais (16,70²); enquanto o apartamento 17 do edif. Maria Isabel (1976), no Prado, apresentou a menor área (11,95m²) para esse ambiente (Tabela 4.3), a variação desse ambiente foi quase o dobro. Em sua maioria, as suítes apresentam área superior aos dormitórios, com exceção do apartamento do edif. Tatiana, no qual o dormitório 1 (16,60m²) apresenta área superior a suíte com 12,80m².

Com relação ao setor de serviço, o apartamento do edifício Armando Lobo apresenta as menores dimensões (11,55m²), seguido do apartamento dos edifícios Veleiro e Fragata (12,68m²), enquanto o apartamento do edifício Kanandú apresenta as maiores dimensões (25,66), apresentando uma variação maior que o dobro.

Nos edifícios de **quatro dormitórios**, dentre os apartamentos analisados, o apartamento 24 do edifício Solar Graciliano Ramos (1976) apresentou área da sala de estar e dormitório 1 inferior aos demais. Contrário a esse, nos mesmos ambientes, o edifício Status (1976) e a Mansão Leonardo da Vinci (1975).

Tabela.4.3- Área por setores e ambientes dos apartamentos com 4 dormitórios

Nome do edifício ou nº de registro	Ano	Sala de estar/jantar (m²)	Dormt. 1 (m²)	Dormt. 2 (m²)	Dormt. 3 (m²)	Dormt. .suíte (m²)	Cozinha /Serviço (m²)
Lagoa Mar (02)	1964	38,90	13,65	13,65	13,65	14,10	24,56
Lagoa Mar (03)	1964	37,80	13,35	13,00	13,30	14,50	23,45
Status	1976	49,11	15,30	10,20	10,20	10,20	22,80
Biarritiz	1976	37,78	14,40	15,30	11,79	11,79	21,15
Solar Graciliano Ramos (23)	1976	35,64	13,80	12,82	11,68	11,68	21,80
Solar Graciliano Ramos (24)	1976	34,10	13,20	12,10	11,30	12,40	30,52

Fonte: Autora, 2012.

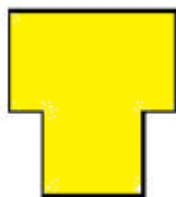
Os dormitórios 2 e 3 apresentaram destaque mais uma vez no edifício Status, sendo agora com menor área (10,20m²); ao contrário, o dormitório 02 do edifício Biarritiz é o que apresenta maior área (15,30m²). Por fim, os apartamentos do edifício Lagoa Mar (03) e apartamento do edifício Status de 1976 apresentaram, respectivamente a maior e a menor área da suíte (Tabela 4.3).

No setor de serviço, o apartamento do edifício Solar Graciliano Ramos apresenta as maiores proporções (30,52m²), em contraponto observa-se o apartamento do edifício Biarritiz com dimensão aproximada de 21,15m².

4.3 GEOMETRIA DOS SETORES E AMBIENTES

Além da organização espacial das plantas em setores funcionais, a geometria, ou seja, o formato dos ambientes também demarca a espacialização da habitação bem como o uso dos mesmos. Nos apartamentos em estudo, percebe-se que as alternativas de desenho estão sempre associadas a formas geométricas. Identificaram-se 5 formas recorrentes na distribuição espacial dos cômodos dos apartamentos analisados (quadro 4.6):

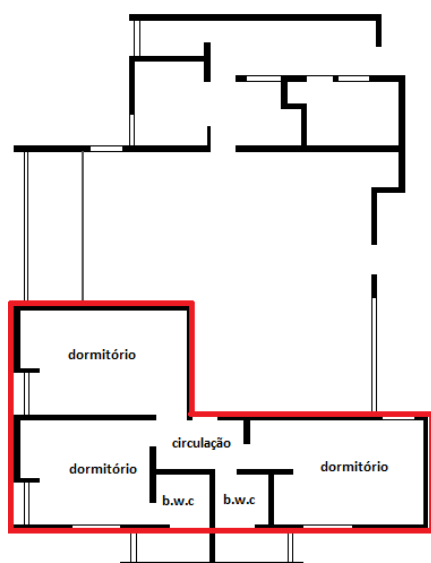
Quadro4.6- Formas geométricas recorrentes nos apartamentos em estudo.

				
L	retangular	quadrado	T	trapezoidal

Fonte: Autora, 2012.

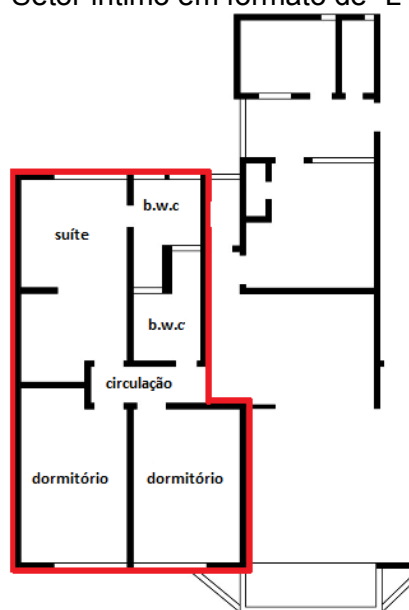
Como já comentado anteriormente, o desenho dos apartamentos seguem tradicionalmente a tripartição setorial, deste modo, a forma do setor íntimo, por exemplo, encontra-se constantemente distribuída em um único bloco. Verificou-se que, em sua maioria os apartamentos possuem esse setor distribuído no formato que se assemelha a um “L” (fig.4.29 e 4.30), sendo recorrente ainda, encontrar-se distribuído no formato retangular (fig.4.31). Ambos são formatos resultantes da junção das formas geométricas distribuídas em cada ambiente deste setor.

Fig.4.29- Esquema da planta baixa do apartamento do edf. Tatiana. Setor íntimo em formato de “L”.



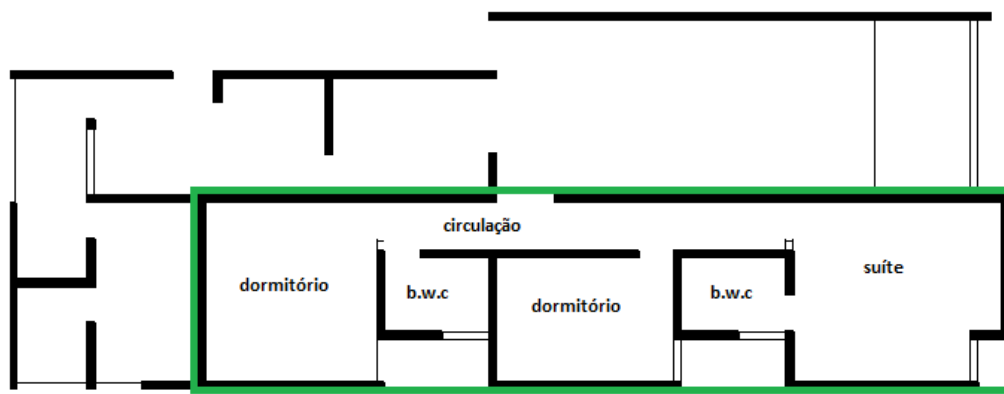
Fonte: Autora, 2012.

Fig.4.30- Esquema da planta baixa do apartamento do edf. Porto da Barra. Setor íntimo em formato de “L”.



Fonte: Autora, 2012.

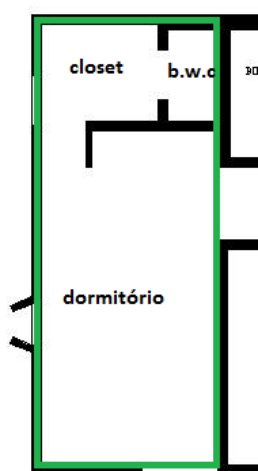
Fig.4.31- Esquema da planta baixa do apartamento do edf. Saveiro. Setor íntimo em formato de “I”.



Fonte: Autora, 2012.

A suíte principal que é destacada como privilegiada e consequentemente considerada o dormitório que possui maiores privilégios, possui geralmente o formato assemelhando-se a um “L”; observou-se ainda a distribuição desse ambiente em formato retangular (fig.4.32) e “T” (fig.4.33). O formato em “T”, observado na suíte do apartamento do edf. Status (1976), por exemplo, ocorre quando um formato retangular (dormitório + banheiro) de um ou mais ambientes se une a outro também com formato retangular (closet) sem que haja interferência de paredes ou divisórias.

Fig.4.32- Detalhe da suíte do edf. Armando Lobo. Suíte em formato retangular.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.4.33- Detalhe da suíte do edf. Status. Suíte em formato de “T”.



Fonte: Autora, 2012.

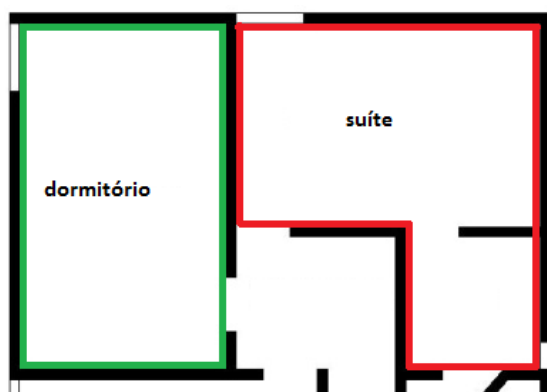


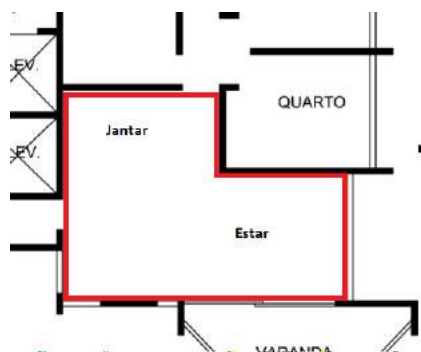
Fig.4.34.Distribuição freqüente no setor íntimo; dormit. maiores em forma de “L” e os menores em formato retangular.

Enquanto na suíte predominam as geometrias em formato de “L”, o dormitório intermediário e o menor encontram-se geralmente em formato retangular. O formato retangular é recorrente nos dormitórios de tamanho mais reduzido (fig.4.34).

Os banheiros possuem normalmente três formatos: em “L”, retangular e quadrado. Com relação ao formato quadrado, observado no banheiro da dependência do apartamento do Edf. São Carlos (1964), por exemplo, tal formato não favorece a distribuição das peças sanitárias e há ocorrência de estreitamento do box, dado às reduzidas dimensões tanto na largura quanto no comprimento.

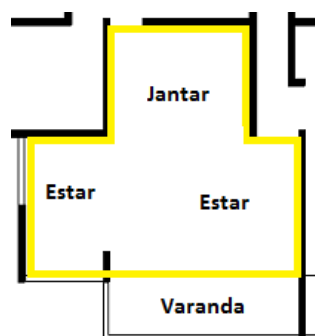
Com relação ao setor social (sala de estar + jantar), observou-se que a maioria dos apartamentos possui esses ambientes em forma de um “L” (fig.4.35); outros possuem esse setor em forma de um retângulo transversal ou longitudinal; e alguns deles estão distribuídos na forma de um “T” (fig.4.36). No caso da sala de estar e jantar com formato retangular, observada no edf. Saveiro (1976), por exemplo, verificou-se que esse formato não evidencia a separação funcional das atividades a que se destina (fig.4.37).

Fig.4.35- Detalhe da sala de estar em formato “L” do apt. do edf. Barroca.



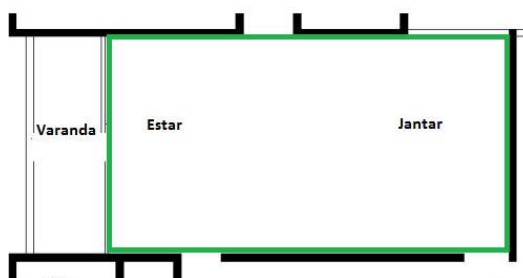
Fonte: Autora, 2012.

Fig.4.36- Detalhe da sala de estar em formato “T” do apt. do edf. Biarritz.



Fonte: Autora, 2012.

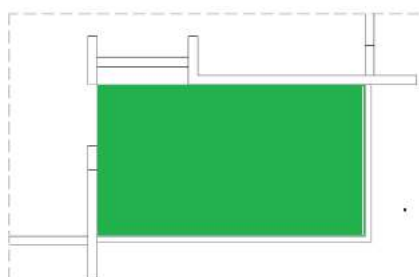
Fig.4.37- Detalhe da sala de estar em formato retangular do apt. do edf. Saveiro.



Fonte: Autora, 2012.

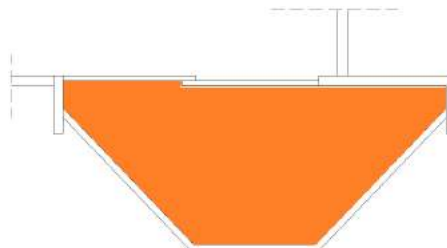
Com relação às varandas do setor social, observou-se que este ambiente também apresenta variações na geometria, sendo observadas 2 variações recorrentes: retangular e trapezoidal (fig.4.38 e fig.4.39).

Fig.4.38- Forma geométrica retangular da varanda do edf. Atlântida.



Fonte: Autora, 2012.

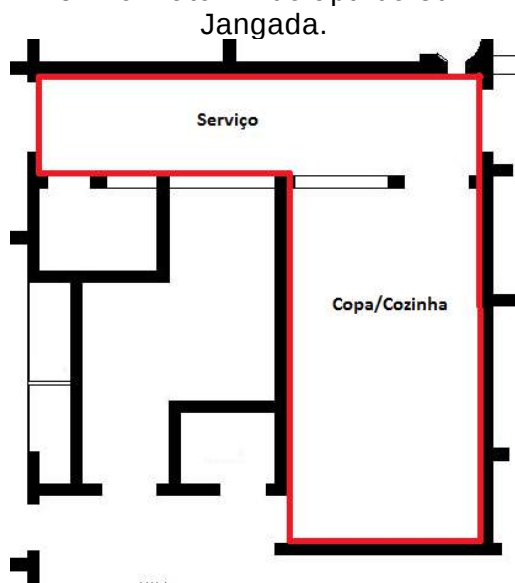
Fig.4.39- Forma geométrica trapezoidal da varanda do edf. Barroca.



Fonte: Autora, 2012.

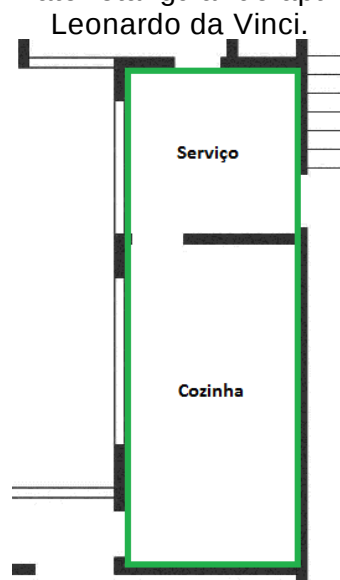
O setor de serviço (cozinha + área de serviço), também segue variações distintas, com predominância em alguns formatos: em sua maioria esse setor possui formato em “L” (fig.4.40), sendo também recorrente observá-lo distribuído em formato retangular (fig.4.41).

Fig.4.40- Detalhe do setor de serviço em formato “L” do apt. do edf.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.4.41- Detalhe do setor de serviço em formato retangular do apt. do edf.



Fonte: Autora, 2012.

No caso dos apartamentos com esse setor em formato de “L” o que se observa é que a área de serviço posiciona-se normalmente no perímetro do apartamento, locada na posição menos privilegiada, enquanto a área da cozinha é posicionada no interior do apartamento, comprometendo a iluminação e ventilação deste ambiente, ao aproveitar apenas as janelas da área de serviço.

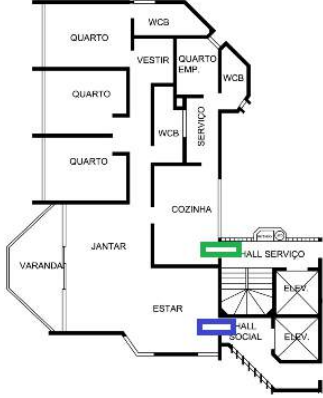
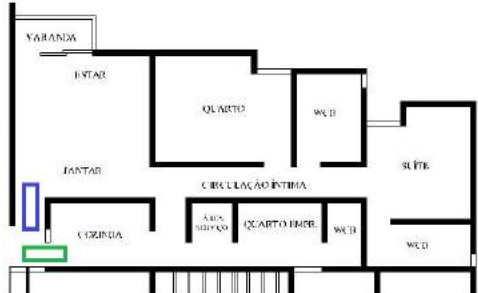
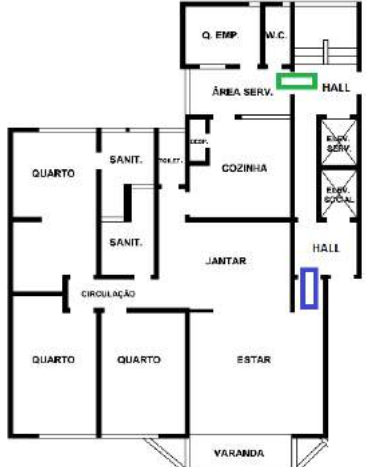
4. 4 TOPOLOGIA

4.4.1 Ligação entre os setores

Apesar das diferenças tipológicas entre os apartamentos, podem-se constatar padrões, no que se refere ao acesso e às formas de interligação

entre os setores. Com relação ao acesso, os apartamentos evidenciam que em todos os casos, é comum nas propostas arquitetônicas a utilização de duas portas de acesso: a principal (social) e a secundária (serviço). Constatou-se, porém, quatro variações desses acessos ao apartamento (quadro 4.7): acesso principal pela sala de estar/jantar, e secundário pela cozinha; acesso principal pelo hall de entrada, e secundário pela cozinha; acesso principal pela sala de estar/jantar, e secundário pela área de serviço; acesso principal pelo hall de entrada, e secundário pela área de serviço.

Quadro.4.7- Variações observadas quanto aos acessos ao apartamento.

1. Acesso principal pela sala de estar/jantar, e secundário pela cozinha.  Planta baixa do apartamento e circulação em comum do edf. Barroca.	2. Acesso principal pelo hall de entrada, e secundário pela cozinha.  Planta baixa do apartamento 36 do edf. Mykonos.
3. Acesso principal pela sala de estar/jantar, e secundário pela área de serviço.  Planta baixa do apartamento do edf. Jangada.	4. Acesso principal pelo hall de entrada, e secundário pela área de serviço.  Planta baixa do apartamento e circulação em comum do edf. Porto da Barra
Acesso Social Acesso Serviço	

Fonte: Autora, 2012.

Observou-se que o setor social é normalmente posicionado à frente da residência, o setor íntimo em espaços mais reservados e o setor de serviços também isolado ou aos fundos. Isso explica o porquê de o acesso principal existir normalmente pela sala de estar/jantar, uma vez que, com esta disposição, este cômodo acaba funcionando como um filtro para os demais ambientes do apartamento, observou-se ainda que é comum nas propostas arquitetônicas o acesso principal ao setor social transcorrer por meio de um hall de entrada. O acesso secundário é mais recorrente pela área de serviço que pela cozinha, considerado como acesso de rejeição, normalmente posicionado de forma distintamente isolada do acesso social.

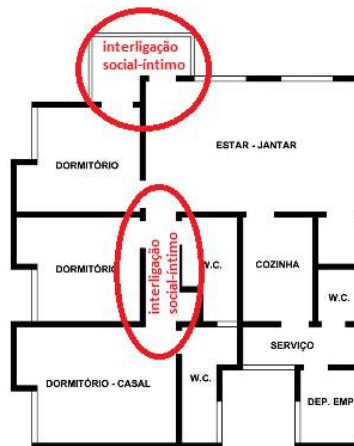
No que se refere à ligação entre os setores social e íntimo, verificou-se que à exceção do apartamento do edf. São Carlos (1964) que possui a sala de jantar como cômodo de distribuição para o setor íntimo (fig.4.41), em todos os demais apartamentos é comum o uso de um corredor de distribuição entre a sala e os dormitórios (fig.4.42).

Fig.4.41- Planta baixa do apartamento do edf. São Carlos. Sala de Jantar, comodo de interligação.



Fonte: Autora, 2012.

Fig.4.42- Planta baixa do apartamento do edf. São Tomé. Corredor e varanda como de ligação.



Fonte: Autora, 2012.

No apartamento do Edf. Maria Isabel (1976) observou-se que a interligação setor social-íntimo foi realizada, além do corredor de

distribuição por uma ligação adicional feita externamente pela varanda, que liga a sala a um dos dormitórios (fig.4.42).

Quanto à ligação entre os setores social e de serviço, observaram-se três variações distintas: (1) o acesso é realizado de forma direta, como observado no apartamento do edf. Nina (1977); (2) através de um hall de ligação, sendo esse hall comum também ao setor íntimo; (3) Existe uma copa ou jantar íntimo, ligando o setor social ao serviço, como observado no apartamento do edf. Saveiro (1976) (quadro 4.8).

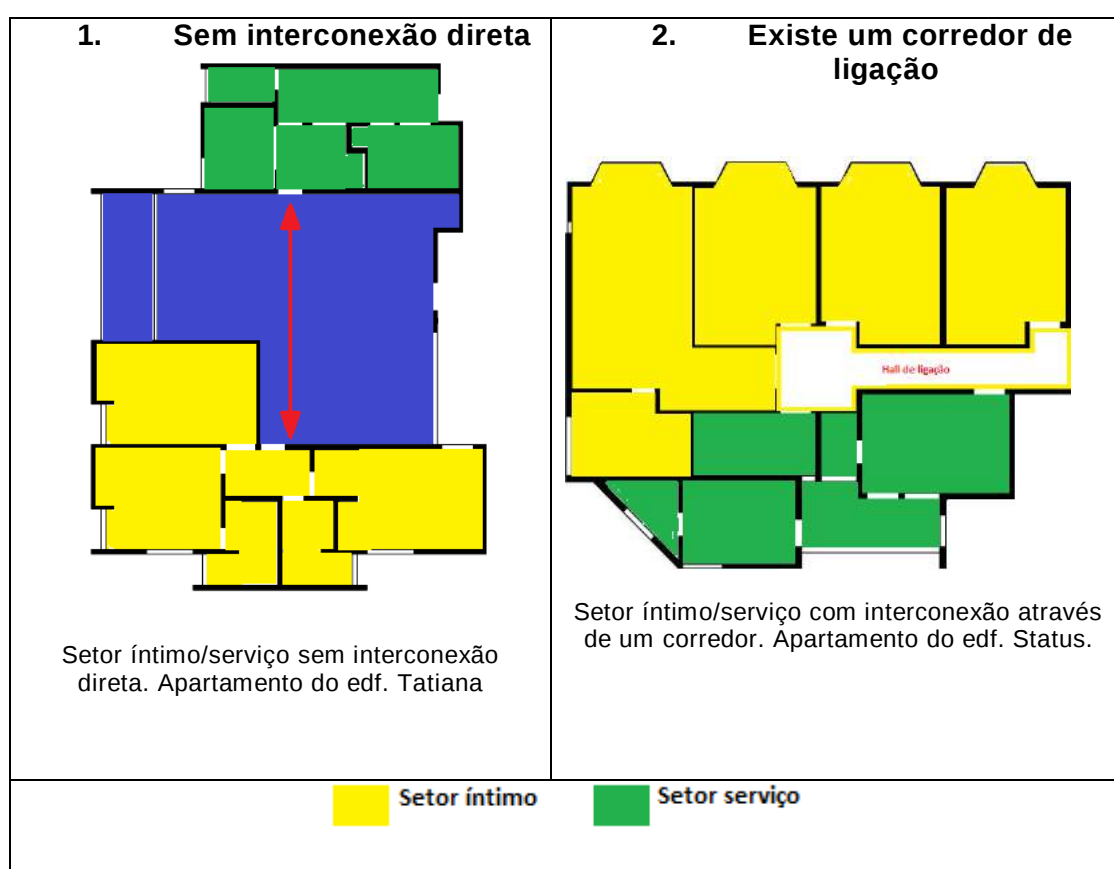
Quadro 4.8- Variações observadas na ligação entre os setores social/serviço.



Fonte: Autora, 2012.

Por fim, quanto à ligação entre os setores íntimo e de serviço, observam-se duas variações de interconexão: (1) em alguns apartamentos, como os do Edifício Tatiana (1975), por exemplo, onde não existe nenhuma forma de interconexão direta entre os dormitórios e a cozinha, sendo necessário, pois, passar pela sala de estar e jantar para ter acesso ao setor de serviço; (2) em outros apartamentos, como no apartamento do Edif. Status (1976), no qual a conexão setor íntimo-serviço é feita através de um corredor comum de ligação (quadro 4.9).

Quadro4.9- Variações observados na ligação entre os setores íntimo/serviço



Fonte: Autora, 2012.

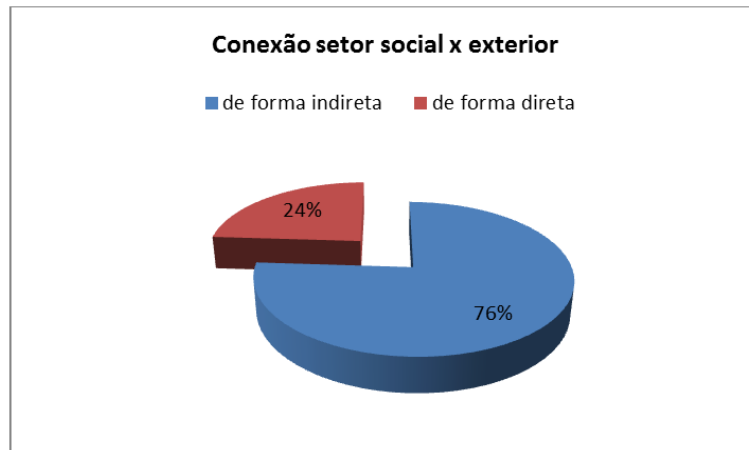
4.4.2 Conexão ambientes/ exterior

Nesta etapa, foi analisada a forma como os ambientes estão conectados com o exterior do edifício, verificando a maneira de qualidade desta articulação. O que se percebe, quanto a esta conexão, é que a sala de estar/ jantar e os dormitórios estão em sua maioria conectados diretamente

com o exterior ou por intermédio de uma varanda. O setor social é ainda aquele que possui um maior privilégio, uma vez que em sua maioria encontra-se posicionado voltado para a melhor fachada.

Verificou-se que em 76% dos apartamentos estudados, o setor social está conectado com o exterior de forma indireta através de uma varanda. Já para 24% este cômodo encontra-se voltado diretamente para o exterior, (gráfico 4.6). Nota-se que normalmente os apartamentos que estão voltados diretamente para o exterior são aqueles que possuem um pequeno porte, embora se perceba também que esta conexão direta é verificada em apartamentos de médio porte, como os apartamentos dos edifícios Jangada(1970), São Carlos (1964) e Donina Carneiro (1975).

Gráfico4.5- Porcentagem da conexão setor social x exterior.



Fonte: Autora, 2012.

Quanto à conexão do dormitório principal com o exterior, os dados mostram que: para 91% dos apartamentos essa conexão é feita de forma direta; já em 9% a conexão entre o dormitório principal e o exterior é feita de forma intermediária por uma varanda (gráfico 4.7).

Gráfico.4.6- Porcentagem da conexão dormitório principal x exterior.



Fonte: Autora, 2012.

Com relação aos banheiros, percebe-se que estes geralmente estão voltados diretamente para o exterior, porém alguns deles posicionam-se no interior do edifício, tendo contato com o exterior por intermédio de poços de ventilação.

No que se refere ao setor de serviço, verifica-se que geralmente este setor está localizado na fachada menos privilegiada em relação à rua, e normalmente a cozinha posiciona-se inserida no interior do apartamento, voltada para o exterior por intermédio da área de serviço. Com relação à conexão entre a cozinha e o exterior, pode-se verificar, que para 54% dos apartamentos em estudo a cozinha encontra-se voltada para o exterior por intermédio da área de serviço; em 45% dos apartamentos a cozinha está voltada diretamente para o exterior; e em 1 apartamento a cozinha volta-se para o exterior por intermédio de um poço de ventilação (gráfico 4.8).

Gráfico.4.7- Porcentagem da conexão cozinha x exterior.



Fonte: Autora, 2012.

Quanto à conexão da área de serviço e o exterior, pode-se afirmar que independente do porte do apartamento, esta conexão é realizada de forma direta (93% dos casos) (gráfico 4.9), porém este cômodo geralmente encontra-se voltado para as fachadas de menor privilégio.

Gráfico.4.8- Porcentagem da conexão serviço x exterior.



Fonte: Autora, 2012.

4.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO 4

Ao analisar a produção dos apartamentos construídos na década de 1960-1970, constatou-se o domínio da tipologia denominada por Scheneider (2001) como “planta com separação de setores funcionais”, com tripartição dos espaços habitáveis em setores íntimo/social/serviço, porém, observaram-se ainda outras duas tipologias denominadas pelo autor como “planta com caixa inserida” e “planta com sala de estar/jantar central”.

Percebeu-se que no setor íntimo, o número de dormitórios, suíte e banheiros são variáveis que estão ligadas diretamente ao porte e tamanho dos apartamentos, predominando os apartamentos que possuem 3 dormitórios, sendo um deles uma suíte e o outro dormitório reversível. Já os apartamentos constituídos por 2 dormitórios não possuem presença de suíte; no entanto, possuem diferenças de área e geometria, que permitem a hierarquização de um deles.

Com relação ao setor social o mais comum é esse setor se subdividir em 3 ambientes (sala de estar/ jantar e varanda); porém, com o aumento de

tamanho dos apartamentos algumas adições programáticas são recorrentes: lavabo, hall de entrada e uma sala que pode ser usada como gabinete ou sala de tv. As varandas são comuns em todos os tamanhos, podendo ser consideradas uma tendência da época.

O setor de serviço, em sua maioria, distribui-se em quatro ambientes: cozinha, área de serviço e dependência completa de empregada (dormitório e banheiro), sendo comum nos apartamentos maiores a adição de outros ambientes, como: copa, despensa e lavanderia. Observou-se à presença de paredes ou algum elemento de divisão entre os ambientes da cozinha e área de serviço em todos os apartamentos. Com relação à dependência completa de empregada, à exceção de apenas um dos projetos analisados, a totalidade de apartamentos estudados apresentou esse cômodo, o que demonstra a importância desse ambiente na década de 1970; além disso, observou-se ser comum a possibilidade de reversibilidade desse ambiente.

As alternativas de desenho dos setores e cômodos dos apartamentos estão sempre associadas a formas geométricas, identificaram-se 5 formas recorrentes na distribuição espacial dos cômodos dos apartamentos analisados: retangular, quadrado, trapezoidal, em “L” e em “T”.

No que se refere aos acessos e ligação entre os setores, podem-se constatar padrões: em todos os apartamentos, observou-se a utilização de duas portas, a principal (social) e a secundária (serviço). Com relação à conexão dos cômodos com o exterior, observou-se que os dormitórios estão em sua maioria conectados diretamente com o exterior, enquanto a sala de estar/jantar está conectada com exterior de forma indireta através de uma varanda e a cozinha posiciona-se normalmente inserida no interior do apartamento, voltada para o exterior por intermédio da área de serviço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

VERTICALIZAÇÃO RESIDENCIAL: O CASO DE MACEIÓ-AL.

A presente dissertação de mestrado que teve como objetivo geral compreender as tipologias arquitetônicas recorrentes dos primeiros edifícios multifamiliares que surgiram na cidade de Maceió –AL, considerando aspectos formais e funcionais dos edifícios e apartamentos. Além do objetivo geral houve a preocupação em entender alguns pontos específicos, tais como: as mudanças que ocorreram na tipologia dos edifícios e apartamentos; aspectos da configuração externa e interna dos edifícios; assim como os aspectos de dimensionamento, forma e programa dos apartamentos.

Na revisão de literatura, traçou-se uma trajetória do contexto dos edifícios multifamiliares no cenário nacional, buscando entender como estes fatos influenciaram as posturas arquitetônicas adotadas nos edifícios multifamiliares da cidade de Maceió, AL. Para tanto foi imprescindível conhecer o processo de produção desenvolvida em grandes metrópoles brasileiras como: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Recife. Além disso, procurou-se entender algumas transformações ocorridas nos arranjos espaciais dos apartamentos e sua relação com as mudanças que surgiram nos perfis das famílias brasileiras. Posteriormente, adentrou-se nas temáticas que deram suporte às análises desenvolvidas: a noção de tipo e de tipologia e suas variantes formais, e a noção de topologia.

O universo da pesquisa envolveu 30 edifícios multifamiliares localizados em sete bairros da cidade de Maceió-AL. A maioria dos projetos aprovados em 1975 e 1976 e situados nos bairros Ponta Verde, Farol e Pajuçara. O levantamento cadastral desses edifícios deu-se primeiramente no CIC (Coordenação de Informação de Cartografia) da Secretaria Municipal de Controle e Convívio Urbano (SMCCU) da cidade de Maceió-AL, onde foram obtidas as informações gráficas de cada edifício (planta baixa) e uma catalogação das características gerais dos mesmos, posteriormente, realizaram-se visitas *in-loco* nos edifícios, para obtenção da imagem das suas fachadas.

É importante ressaltar, de antemão, que a definição das tipologias arquitetônicas depende intrinsecamente dos critérios de análise enfocados na pesquisa. Com certeza outros critérios de análise gerariam outras tipologias e novas conclusões. Nesta pesquisa buscaram-se categorias relacionadas principalmente aos aspectos formais e funcionais dos edifícios multifamiliares. Portanto, as sínteses complementares e conclusivas apresentadas a seguir referem-se às categorias de análise adotadas: relação do lote e cidade; configuração externa dos edifícios; configuração interna dos edifícios e arranjos espaciais dos apartamentos. A pesquisa dividiu-se em duas etapas de análise, a primeira destinada à análise da tipologia dos edifícios e a segunda destinada à tipologia dos apartamentos.

OS EDIFÍCIOS

A análise dos edifícios iniciou-se pela identificação da ocupação do edifício no lote. Nesse ponto verificaram-se duas tipologias distintas: os lotes com mais de um bloco de edifício e os lotes com edifícios isolados. A primeira pode variar ainda com relação ao número de blocos, condomínio constituído por dois blocos de edifícios e aqueles constituídos por três blocos de edifícios. A segunda subdivide-se em duas subcategorias: edifícios que possuem pavimento de subsolo destinado à garagem e aqueles que utilizam o pilotis e/ou térreo como garagem. No entanto, observaram-se algumas características em comum desses edifícios, como o uso do pilotis; a presença de áreas verdes que são mínimas; e a presença dos recuos frontal, lateral e posterior em todos eles.

O uso do pilotis nesses edifícios permite a diversificação dos espaços de transição entre o domínio público e o privado, ou seja, do espaço público da rua acessa-se o espaço semi-privado do edifício, caracterizado como pilotis, com utilização variável para garagem, hall, recreação infantil, portaria, etc. Neste caso as edificações apresentam espaços coletivos no pavimento térreo o que proporciona um maior distanciamento entre os transeuntes e as unidades de apartamentos, locadas a partir do primeiro pavimento e mais protegidas e isoladas das ruas. Além disso, a exceção do edifício Lagoa Mar observou-se a presença dos recuos frontal, laterais e posterior em todos os demais edifícios,

permitindo uma melhor leitura da volumetria, pois as fachadas podem ser melhor vistas pelos transeuntes, devido ao maior alcance visual, além de permitirem uma maior ventilação dentro do lote e das unidades de apartamentos.

Com relação ao posicionamento do edifício na malha urbana, observaram-se duas variações distintas de tipologias: os edifícios em lotes de meio de quadra e os edifícios em lotes de esquina. Os edifícios em lotes de meio de quadra podem ser subdivididos em lotes voltados para uma rua ou aqueles voltados para duas ruas, o que possibilita o acesso ao edifício por ruas distintas. Já os edifícios em lotes de esquina voltam-se para duas ou três ruas. Com relação aos acessos, observou-se sempre uma hierarquia entre os mesmos, cujo acesso principal e de pedestre volta-se sempre para a rua ou vista mais privilegiada do edifício, normalmente com algum elemento paisagístico agradável, como praça, canteiro urbanizado ou mar.

Observou-se que atualmente os edifícios não possuem mais a fluidez entre os espaços internos do lote e a rua, uma vez que os gradis, muros e guaritas, que não estavam previstos no período de construção, tornaram-se exigências atuais e foram adicionados em todos eles, devido a questões de segurança.

Com relação à volumetria observou-se, que no geral os edifícios apresentam uma volumetria despojada de ornamentação, prevalecendo composições simétricas e repetição de elementos simples. Todos os edifícios partem de uma mesma figura geométrica, o prisma retangular; porém, resultam em quatro variações de tipologias: prisma retangular alongado, prisma retangular quadrado, prismas retangulares justapostos e prismas retangulares escalonados. A primeira tipologia é a que prevalece sendo observada em 20 edifícios, a segunda em 6 edifícios e a terceira em 2 edifícios e a quarta também 2 edifícios. Embora os projetos tenham sido concebidos a partir de uma mesma figura geométrica, observou-se que na composição de suas fachadas, os volumes prismáticos costumam tirar partido de elementos verticais e horizontais adicionados ou subtraídos que possibilitam a criação de saques e reentrâncias, proporcionando aos projetos diferentes elementos compositivos de fachada.

No que se refere aos elementos compositivos de fachada, observaram-se em alguns edifícios saques geométricos verticais que são provenientes dos arranjos espaciais dos apartamentos, obtidos por meio de elementos como os armários dos quartos, os banheiros, as escadas, as varandas, a sala de estar e a estrutura de sustentação. Os saques horizontais também são recorrentes, podendo ser observados nos seguintes elementos: prolongamento da laje do pavimento tipo, peitoris das janelas, janelas em fita e varandas. Percebeu-se ainda que, em alguns edifícios existe uma nítida contraposição das linearidades verticais e horizontais, gerando nas fachadas interessantes jogos de volumes.

Além dos saques verticais e horizontais observaram-se outros elementos compositivos de fachada como os cobogós, brises e peitoris que contribuem diretamente com o conforto térmico, adaptando os edifícios ao clima da região e ampliando o repertório dos elementos compositivos. Verificaram-se duas tipologias de peitoril ventilado: o ortogonal e o inclinado. As varandas também são elementos compositivos de fachada que contribuem com o conforto térmico dos edifícios, permitindo contato direto com o exterior e a entrada de ventilação e iluminação natural ao interior do apartamento. Observaram-se duas variações de varandas: as confinadas; e em balanço. Constatou-se que as últimas causam um valor expressivo nas fachadas, em especial quando comparadas com as primeiras. Com relação à organização volumétrica desses edifícios, percebeu-se que a grande maioria subdivide-se apenas em base (pilotis) e corpo (pavimentos tipo), porém, em alguns deles também aparece o coroamento.

Com relação às cores e materiais utilizados na fachada dos edifícios, observaram-se que em sua maioria as composições volumétricas são pouco ousadas, sem a presença de cores vivas, sendo as cores obtidas por meio do uso de pastilhas cerâmicas, granitos, concreto natural, tinta ou textura, geralmente em conjunto de duas tonalidades. Porém, em uma menor quantidade de edifícios observou-se o uso de cores básicas como o branco e o preto, aliadas a cores fortes como o azul, marrom e amarelo. Outro tratamento observado nos edifícios em análise é o monocromático, proporcionando destaque aos panos de vidro.

Quanto à configuração interna dos edifícios, identificaram-se quatro tipologias distintas: um, dois, três e quatro apartamentos por andar. A tipologia

de dois apartamentos por andar é a que predomina, sendo significativamente superior às demais, observada em 23 edifícios. Além disso, percebeu-se que excluindo os edifícios que apresentam apenas um apartamento por andar (3 edifícios) os que apresentam planta do tipo rebatida é bastante expressivo, 20 edifícios.

No que se refere aos espaços internos em comum, constatou-se que a circulação vertical da escada subdivide-se em duas variações: as escadas exteriorizadas e as escadas confinadas. A primeira, subdivide-se ainda em escadas exteriorizadas centrais, que são recorrentes em edifícios que possuem dois apartamentos por andar e planta rebatida; e as escadas exteriorizadas de canto, observada em apenas um dos edifícios, o que possui um apartamento por andar. Nas escadas confinadas, observaram-se também duas variações: as interiorizadas e as periféricas. As primeiras permitem a possibilidade do máximo aproveitamento das superfícies das fachadas para aberturas de compartimentos do apartamento para o exterior; enquanto a segunda foi observada com frequência nos edifícios com pavimento de 2 apartamentos por andar - posicionadas no centro do pavimento - podendo ser considerada o eixo ordenador que divide o arranjo espacial simetricamente.

Em todos os edifícios, a circulação vertical dos elevadores posiciona-se confinado no interior do pavimento tipo, voltado para o espaço de circulação horizontal do hall. Porém, observaram-se três variações com relação à interligação desses espaços: áreas em comum (hall) e elevadores demarcados em domínios social e de serviço, com elevadores e áreas em comum distintas; dois elevadores (social e serviço) posicionam-se voltados para um mesmo hall, comum aos domínios social e de serviço; apenas um elevador, voltado para um mesmo hall, comum aos domínios de serviço e social.

Por fim, observou-se uma carência com relação aos espaços destinados ao lazer. A falta desses espaços é justificada pelo fato de que na década de 70, a vida na cidade era mais tranquila, havia menos violência e maior quantidade de espaços livres na cidade, onde os espaços públicos como praças, ruas e parques supriam o lazer da população local.

OS APARTAMENTOS

A análise dos apartamentos iniciou-se pela identificação da tipologia dos arranjos espaciais. Nesse ponto, verificou-se que a planta com setores funcionais, que se caracteriza por possuir zonas funcionais distintas, predominando o tradicional modo tripartido de habitação (setor social, íntimo e serviço), é observada em todos os apartamentos. Porém, em seguida, identificaram-se outras duas variações de tipologias: planta com caixa inserida, observada em 10 apartamentos; e planta com sala de estar central, verificada em 4 apartamentos. A primeira se caracteriza por apresentar um núcleo central, que se limita ao conjunto da cozinha e/ou banheiros; a segunda se caracteriza por se desenvolver em torno da sala de estar, que também funciona como ambiente de circulação e distribuição, com acessos ao setor íntimo e de serviço.

Constatou-se que o número de dormitórios, a presença de suíte e o número de banheiros são variáveis que estão ligadas diretamente ao porte do apartamento. A tipologia predominante foi a de apartamentos de três dormitórios e dois banheiros com dependência completa de empregada, observada em 76,31% dos apartamentos. Verificou-se que a maioria dos projetos apresentam uma suíte e dois dormitórios com um banheiro compartilhado, o qual muitas vezes também é utilizado como banheiro social, pois a maioria não apresenta lavabo. Com relação às suítes, observaram-se algumas variações nesse ambiente: aquelas que apresentam apenas o banheiro e as que possuem além do banheiro a adição de um hall, e/ou closet, e/ou varanda.

A suíte representa sem dúvida, uma maior hierarquia no que diz respeito aos dormitórios, sendo observada em 33 apartamentos. Constatou-se que os apartamentos considerados de pequeno porte, constituídos por 2 e 1 dormitórios não possuem suítes, porém possuem diferenças de área e geometria, permitindo a hierarquização de um deles. Com relação aos dormitórios, observou-se ainda uma tendência à opção de reversibilidade.

Constatou-se que em sua maioria, o mais comum é o setor social subdividir-se em 3 ambientes: sala de estar/ jantar e varanda; porém, com o aumento do porte dos apartamentos, começam a aparecer algumas adições

programáticas, como: adição de um hall de entrada, e/ou adição de lavabo, e/ou adição de uma sala de tv ou gabinete. Verificou-se que as varandas não se restringem a uma tipologia de apartamento, elas são comuns em todos os tamanhos, podendo ser considerada uma tendência, presente em 33 apartamentos. Com relação ao hall de entrada, observa-se que este espaço é recorrente, demonstrando uma preocupação em se proteger o interior do apartamento dos visitantes, através desses halls, que encobriam a sala. Nos edifícios a partir do ano de 1977, o hall não está mais presente nos apartamentos, concluindo-se que as salas tornaram-se perfeitamente visíveis a partir da porta de entrada, tirando a privacidade desse ambiente.

Com relação ao setor de serviço, observou-se que em sua maioria os apartamentos são constituídos por 4 ambientes: cozinha, área de serviço e dependência completa de empregada (dormitório e banheiro), podendo apresentar a variação de alguns ambientes, como: copa, despensa e lavanderia. Outro dado que chama à atenção é que, à exceção de apenas um dos projetos analisados, a totalidade de apartamentos estudados apresentou dependência completa de empregada, demonstrando a importância desse ambiente nas décadas de 1960 e 1970, observando-se ser recorrente a possibilidade de reversibilidade desse cômodo. Além disso, em todos os apartamentos se verificou a nítida separação entre os ambientes da cozinha e área de serviço, por meio de paredes ou algum elemento de divisão.

Quanto ao dimensionamento dos ambientes, verificaram-se diferenças significativas nas salas, com variação de quase três vezes nas áreas das mesmas, e menores variações nas áreas dos dormitórios e suítes, mesmo assim próximas ao dobro da área, sabendo-se que essas variações decorrem possivelmente das diferenças de padrão dos edifícios. Percebeu-se que as alternativas de desenho dos setores e ambientes estão sempre associadas a formas geométricas, identificou-se 5 formas recorrentes na distribuição espacial desses espaços: em “L”, retangular, quadrado, “T” e trapezoidal.

No que se refere ao acesso e às formas de interligação entre os setores, constataram-se alguns padrões. Em todos os apartamentos, é comum a utilização de duas portas de acesso: a principal (social) e a secundária (serviço), sendo observadas algumas variações: acesso principal pela sala de estar/jantar, e secundário pela cozinha; acesso principal pelo hall de entrada, e

secundário pela cozinha; acesso principal pela sala de estar/jantar, e secundário pela área de serviço; acesso principal pelo hall de entrada, e secundário pela área de serviço.

Com relação à ligação entre os setores social e íntimo, à exceção de um apartamento, em todos os demais é comum o uso de um corredor de distribuição entre a sala e os dormitórios. Na ligação entre os setores social e de serviço, três variações são recorrentes: acesso realizado de forma direta; através de um hall de ligação; através de uma copa ou jantar íntimo. Quanto à ligação entre os setores íntimos e de serviço, foram observadas duas variações: não existe nenhuma forma de interconexão direta entre os dormitórios e a cozinha; ou através de um corredor comum de ligação.

Com relação à conexão dos ambientes com o exterior, observou-se que os dormitórios estão em sua maioria conectados diretamente com o exterior, enquanto a sala de estar/jantar está conectada com exterior de forma indireta através de uma varanda e a cozinha posiciona-se normalmente inserida no interior do apartamento, voltada para o exterior por intermédio da área de serviço, não possuindo janelas próprias para ventilação e iluminação. Por fim, observou-se que o setor social é normalmente posicionado à frente do apartamento, o setor íntimo em espaços mais reservados e o setor de serviços também isolado ou aos fundos.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, a arquitetura dos edifícios multifamiliares foi analisada a partir do projeto arquitetônico, que traz em si o conjunto das intenções projetuais, apresentando-se como um instrumento de transmissão de valores, ideologias e perfil do usuário, sendo possível compreender o projeto arquitetônico desta tipologia de habitação através das volumetrias e arranjos espaciais utilizados pelos projetistas.

Os resultados obtidos comprovam que embora os edifícios multifamiliares em altura tenham surgido na cidade de Maceió-AL na década de 1960, foi somente na década de 1970, mais precisamente no ano de 1975, que a cidade começou a conhecer a construção em série dessa tipologia de habitação, que nos dias atuais dão à faixa litorânea da cidade um dos seus

traços característicos. O surgimento dessa tipologia representa alterações no modo de viver dos habitantes da cidade, tanto na alteração da paisagem urbana, como no que se refere aos arranjos espaciais dessas moradias.

Com relação à volumetria dos edifícios, conclui-se que embora os projetos tenham sido concebidos a partir de uma mesma figura geométrica, o prisma retangular, os edifícios possuem resultados volumétricos bem distintos. No entanto, observam-se algumas características em comum na configuração externa: a presença de pilotis, o uso de pano de vidro como recurso visual na fachada, edifícios soltos no lote, linhas horizontais distinguindo os pavimentos tipo e linhas verticais que enfatizam alguns elementos existentes nos arranjos espaciais dos apartamentos.

Conclui-se que a utilização de área livre para lazer não se concretizou no universo de edifícios estudados por falta de espaço nos lotes e sim por inexistência de demanda por esse programa, pois locais para esta destinação ainda existiam na cidade.

No que se refere aos apartamentos, verificou-se que todos eles possuem nítida separação das suas áreas funcionais, ou seja, uma racionalidade na sua forma de organização, expressa pela tripartição em setores social-íntimo-serviço. Percebeu-se, portanto, que os primeiros edifícios multifamiliares da cidade de Maceió, não muito diferente dos prédios atuais, apresentam a tripartição burguesa como forma base de suas plantas.

Os apartamentos analisados atendem às necessidades em termos de dinâmica dos espaços, possuindo em sua maioria espaços bem dimensionados. Verificou-se que a tipologia predominante é a de três dormitórios e dois banheiros com dependência completa de empregada, mesmo assim, também se verificaram outras tipologias: com 1, 2 e 4 dormitórios, a grande maioria com dependência de empregada e varanda. Foi no ano de 1978, que surgiu o único edifício multifamiliar em altura com apartamentos de apenas um dormitório, o que representa uma mudança significativa nas necessidades e perfis dos seus usuários.

Constatou-se ainda a predominância de plantas rebatidas, nos casos de dois apartamentos por andar; existência de hall na entrada das suítes ou das áreas íntimas (dormitórios), o que representa uma manifestação formal de que a separação dessas zonas na época era realizada com a criação de ambientes

intermediários que dividiam os diferentes setores no apartamento, proporcionando maior privacidade aos setores, cômodos e apartamento; cozinhas ligadas aos corredores do setor íntimo; nítida separação entre cozinha e serviço e integração entre sala de estar e jantar.

Conclui-se pela importância de se conhecer melhor as tipologias arquitetônicas praticadas nas décadas de 1960 e 1970, acreditando-se que com este trabalho foi dado um passo que pode contribuir para o conhecimento desta modalidade de habitação na cidade de Maceió-AL, visando traçar uma trajetória dessa tipologia, comparando com as tipologias praticadas nas décadas seguintes e nos dias atuais.

SUGESTÕES PARA NOVAS INVESTIGAÇÕES

Pode-se destacar uma série de questões que surgiram durante a pesquisa e que não foram respondidas, pois não eram objetivos do trabalho, mas que compõem uma agenda para pesquisas futuras, dentre elas estão:

- Pesquisa baseada em procedimentos de Avaliação Pós- ocupação (APO) sobre a opinião dos usuários, projetistas e construtores com relação aos edifícios multifamiliares analisados neste trabalho;
- Trabalho voltado para os parâmetros da legislação urbanística em vigor na cidade no período em estudo e a sua relação com as propostas dos arranjos espaciais adotados;
- Pesquisa cujas análises desenvolvidas nesta dissertação possam ser aplicadas em outro universo de edifícios multifamiliares, buscando traçar a trajetória desta tipologia na cidade de Maceió-AL;
- Dissertação voltada para o recurso da flexibilidade proposta no universo de edifícios em estudo.

Por fim, acredita-se que além das sugestões citadas, outras pesquisas podem ser desenvolvidas, pois os edifícios e arranjos espaciais dos apartamentos, juntamente com as necessidades e configurações familiares estão em constante processo de transformação.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Douglas Vieira. **Alma espacial**. Vitruvius, n.02207,2002. Disponível em <http://70.32.107.157/revistas/read/arquitextos/02.022/804>. Acesso em: 25 jul. 2012.
- AGUIAR, Douglas Vieira. **Planta e Corpo: elementos de topologia na arquitetura**. Arquitextos, São Paulo, v. 509, n. 1000607, p.01-08, 2009. Disponível em<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.106/70>>. Acesso em: 25 jul.2012.
- AMARAL, Vanine. **Expressões arquitetônicas de modernidade em Maceió: uma perspectiva de preservação**. Dissertação (Mestrado) – Dinâmicas do espaço Habitado, Universidade Federal de Alagoas, 2009.
- AMORIM, Luiz; LOUREIRO, Cláudia. **Dize-me teu nome, tua altura e onde moras e te direi quem és: estratégias de marketing e a criação da casa ideal 2**. Arquitextos, São Paulo, 058.06, Vitruvius, mar 2005<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.058/490>>.
- ANDRADE, Mário. **Aspectos da Literatura Brasileira**. 5º ed. São Paulo: Martins, 1974. “O Movimento Modernista” (1942), p. 231-255.
- ARGAN, Giulio. **El concepto del espacio arquitectonico desde el barroco a nuestros días**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Vision, 1984.
- ARGAN, Giulio. **Projeto e destino**. 2 ed. São Paulo: Ática, 2001.
- ARGAN, Giulio. **Arte Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BARBOSA, Jair. **Privilegiada pela natureza , Pajuçara torna-se o cartão postal do “paraíso das águas”**. O JORNAL. Maceió, 11 ago.1996.
- BENÓVOLO, Leonardo. **História da arquitetura moderna**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001.
- BERQUÓ, Elza. **A família no século XXI: um enfoque demográfico**. Revista Brasileira de Estudos de População, v.6, n.2, jul./dez. 1989.
- BRANDÃO, Douglas; HEINECK, Luiz . **Formas de aplicação da flexibilidade arquitetônica em projetos residenciais multifamiliares**. Produto & Produção, Porto Alegre, UFRGS, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, v.2, n.3, p.95-106, out. 2004.
- BRANDÃO, D. Q. **Diversidade e potencial de flexibilidade de arranjos espaciais de apartamentos: uma análise do produto imobiliário no Brasil**. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

BRANDÃO, Douglas. **Habitação Social evolutiva: aspectos construtivos, diretrizes para projetos e proposição de arranjos espaciais flexíveis**. Cuiabá: Cefetmt, 2006.

BIANA, Gabriela. **Arquitetura contemporânea em Maceió (1980-2008): uma reflexão crítica**. Dissertação (Mestrado) – Dinâmicas do espaço Habitado, Universidade Federal de Alagoas, 2009.

BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.

CABRITA, António M. Reis. **O homem e a casa: definição individual e social da qualidade da habitação**. Coleção Edifícios. Lisboa: LNEC-Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Departamento de Edifícios, 1995.

CARDOSO, A. O mercado imobiliário e a crise: o caso de São Paulo. In: Ribeiro, L.C; Azevedo, S. (org.) **A crise da moradia nas grandes cidades: da questão habitacional à reforma urbana**. Rio de Janeiro, UFRJ, 1996.

CENIQUEL, Mario. **A prática arquitetônica como forma de elaboração de uma crítica arquitetônica: o estudo da operacionalidade de uma matéria**. Dissertação (Mestrado) – Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

CHACON, Sônia. **Um estudo tipológico das transformações das edificações multifamiliares no Rio de Janeiro, entre 1930-2000: O caso do bairro de Botafogo**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós- Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

COELHO, António Baptista. **Adequação, diversidade e inovação nas soluções de habitar, da casa à cidade**, n.227, 2007. Disponível em: infohabitar.blogspot.com.br/2007/11/adequao-diversidade-e-inovacao-no-habitar.html.

COELHO, António Baptista. **Novas formas de habitar (II): Unidades residenciais**, n.302, 2008. Disponível em: infohabitar.blogspot.com.br/2008/06/novas-formas-de-habitar-ii-unidades.html.

COLQUHOUN, Alan. **Modernidade e Tradição Clássica**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

DIEZ, Fernando. **Buenos Aires y algunas constantes em lãs transformaciones urbanas**. Buenos Aires: Editorial de Belgrano, 1996.

FABRÍCIO, Márcio (Org.) ; ORNSTEIN, Sheila (Org.) ; OUTROS (Org.) . **Qualidade no Projeto de Edifícios**. 1. ed. São Carlos / Porto Alegre: RIMA Editora /ANTAC, 2010. v. 1. 261 p.

FRAMPTON, Kenneth. **História crítica da arquitetura moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e Senzala**. Rio de Janeiro. Livraria José Olympio Editora, 1978.

GOBBO, Fabiana; ROSSI, Angela. **Edifícios de apartamentos: principais tendências e perspectivas da tipologia arquitetônica na cidade do Rio de Janeiro**. In: ENTAC 2002 – IX Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, Foz do Iguaçu, Paraná, 7 a 10 de Maio, 2002.

GOBBO, Fabiana. **Tipologia arquitetônica do edifício de apartamentos: análise da evolução, tendências e perspectivas na cidade do Rio de Janeiro no período de 1990 a 2001**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001.

GOMES, Raquel. **Um sítio histórico e turístico: que imagem é essa**. Universidade Federal de Alagoas. Relatório de Pesquisa, FAPEAL, 2006.

GOULART, Nestor. **O quadro da Arquitetura no Brasil**. Perspectiva, 1997.

HERTZBERGER, Herman. **Lições de Arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LEMOS, Carlos. **A casa brasileira**. São Paulo: contesto, 1996.

LEMOS, Carlos. **Cozinhas, etc. estudo sobre as zonas de serviço**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1978.

LIRA, Elza. **Por uma significação da moradia: um estudo de caso em Maceió – AL**. Dissertação (Mestrado) – Dinâmicas do espaço Habitado, Universidade Federal de Alagoas, 2009.

MAHFUZ, Edson. **Ensaio sobre a razão compositiva**. Belo Horizonte: AP. Cultural, 1995.

MARTÍNEZ, Alfonso Corona. **Ensaio sobre projeto**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

MARTINS, Daniel das Neves. **Metodologia para determinar e avaliar a qualidade e o custo da solução geométrica do projeto arquitetônico de apartamentos**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.

MARROQUIM, Flávia. **Avaliação pós-ocupação de unidades residenciais modificadas de um conjunto habitacional em Maceió-AL: flexibilidade, dimensionamento e funcionalidade dos ambientes**. Dissertação (Mestrado) – Dinâmicas do espaço Habitado, Universidade Federal de Alagoas, 2007.

MENEZES, Márcia. **Verticalização na faixa litorânea da praia 13 de julho. Elitização e prejuízos**. Minha Cidade, São Paulo, 09.105, Vitruvius, abr 2009 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/09.105/1858>>.

MINDLIN, Henrique. **Arquitetura Moderna no Brasil**. Rio de Janeiro: Aeroplano editora, 1999.

MONTANER, Josep. **A modernidade superada: arquitetura, arte e pensamento do século XX**. Bracelona: Gustavo Gili, 2001.

MOREIRA, Fernando; FREIRE, Ana Carolina. **O Edifício-quintal de Wandenkolk Tinoco. Reflexões sobre a moradia em altura nos anos 1970**. Arqtextos, São Paulo, 11.129, Vitruvius, feb 2007
<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/11.129/3749>>.

NEUFERT, Ernst. **A arte de projetar em arquitetura**. São Paulo: Gustavo Gili, 2º ed.

NORMANDE, Taís. **Impactos ambientais provocados pelo parcelamento do solo na planície litorânea de Maceió**. Universidade Federal de Alagoas, 1996.

ORNSTEIN, Sheila; CRUZ, Antero. **Análise de desempenho funcional de habitações de interesse social na Grande São Paulo**. In: ENTAC 2000 – VIII Encontro da Associação Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, Salvador, 25 a 28 de Abril, 2000.

ORNSTEIN, Sheila . **Resenha Bibliográfica das Obras: Affonso Eduardo Reidy e Vital Brasil (Brazil, Reidy e a arquitetura brasileira do século 20: dois modernos marcantes)**. Pós.Revista do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU/USP, São Paulo, n. 9, p. 230-232, 2001.

ORNSTEIN,Sheila. **Arquitetura Alagoana**. AU - Arquitetura & Urbanismo, São Paulo.

PASSOS, Luiz. **Edifícios de apartamento em Belo Horizonte: 1939-1976**. Belo Horizonte: AP cultural, 1998.

PEDRO, João. **Definição e avaliação da qualidade arquitetônica habitacional**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2000.

PEREIRA, Mariana; BARROS, Renild. **Qualidade de vida: efeitos da verticalização sobre as moradias no bairro da Ponta Verde**. Monografia – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, UFAL. 1997.

PORANGABA, Alex. **Ops! Cabe ou não cabe! Tipologia e funcionalidade das habitações do PAR em Maceió**. Dissertação (Mestrado) – Dinâmicas do espaço Habitado, Universidade Federal de Alagoas, 2011.

REIS FILHO, Nestor. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1973.

RIBEIRO, Luiz Cezar. **Da propriedade fundiária ao capital incorporador: as formas da produção da moradia na cidade do Rio de Janeiro**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1989.

RIBEIRO, Luiz Cezar. **Dos cortiços aos condomínios fechados: as formas de produção da moradia na cidade do Rio de Janeiro**. Civilização Brasileira, 1997.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ROSSETO, Rossela. **Produção imobiliária e tipologias residenciais modernas. São Paulo – 1945/1964**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2002.

SEGAWA, Hugo. **Rio de Janeiro, México e Caracas: Cidades Universitárias e Modernidades 1936-1942**. Revista de Arquitetura e Urbanismo, Salvador, p. 38-47, 1999.

SERAPIÃO, Fernando. Arquitetura brasileira anos 90. **Bastante construção, muita arquitetura e nenhum milagre**. Projeto: Arquitetura, Design & Interiores, n.251, p.60-133, jan. 2001.

SCHNEIDER, Friederike. **Atlas de Plantas. Viviendas**. 2. ed. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1998.

SPERLING, Davi Moreno. **Arquiteturas contínuas e topologia: similaridades em processo**. Dissertação (Mestrado) – Escola de Engenharia São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2003.

SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil – 3**. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil – 4**. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

SOMEKH, Nádia. **A cidade vertical e o urbanismo modernizador – São Paulo: 1920-1939**. São Paulo Studio Nobel, EDUSP, FAPESP, 1997.

TRAMONTANO, Marcelo; PEREIRA, Reginaldo. **Habitação contemporânea na cidade de São Paulo: evolução recente de algumas tipologias**. Relatório de Iniciação Científica. São Carlos: gHab/CNPq Pibic, 1999.

TRAMONTANO, Marcelo; PRATSCHKE, Anja; MARCHETTI, Marcos. **Um toque de imaterialidade: o impacto das novas mídias no projeto do espaço doméstico**. Artigo apresentado ao Seminário Internacional de Psicologia e Projeto do Ambiente Construído. Rio de Janeiro:UFRJ, ago. 2000, 4p. Disponível na Internet. http://www.eesc.sc.usp.br/nomads/livraria/artigos_online_novas_midias.htm. 19 ago. 2001.

TRAMONTANO, Marcelo. **Espaços domésticos flexíveis: notas sobre a produção da primeira geração de modernistas brasileiros**. Texto técnico. São Paulo: FAU/USP, 1993.

TRAMONTANO, Marcelo. **Evolução recente da habitação contemporânea na cidade de São Paulo**. Relatório Técnico. Programa CNPq/PIBIC. São Carlos: USP, Escola de Engenharia de São Carlos, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, NOMADS-Núcleo de Estudos sobre Habitação e Modos de Vida, 2002.

TRAMONTANO, Marcelo. **Habitação moderna: a construção de um conceito**. Texto técnico. São Carlos: EESC/USP, ago. 1993.

TRAMONTANO, Marcelo. **Novos modos de vida, novos espaços de morar**. São Paulo: FAU/ USP, 1998.

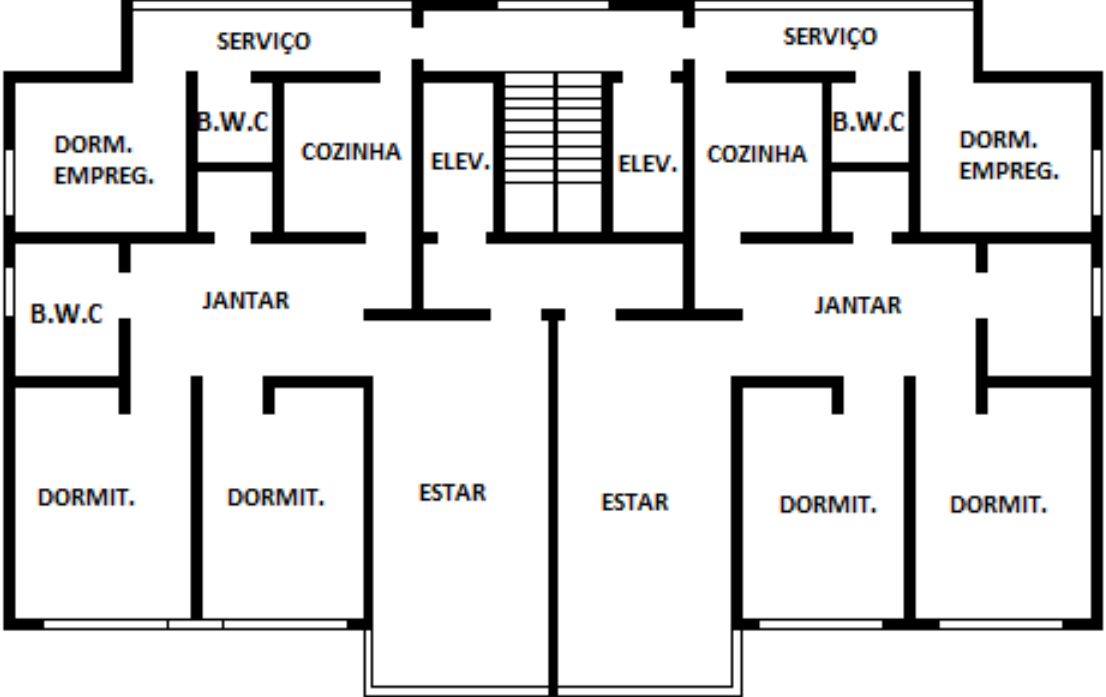
VAZ, Lílian. **Modernidade e moradia – Habitação coletiva no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2002.

VERÍSSIMO, Francisco; BITTAR, William. **500 anos da casa no Brasil**. As transformações da arquitetura e da utilização do espaço de moradia. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

VILLA, Simone; TRAMONTANO, Marcelo. **Apartamento metropolitano: evolução tipológica**. Artigo apresentado ao VI Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Natal: UFRN, out. 2000.

VILLA, Simone. **Morar em apartamentos: a produção dos espaços privados e semi-privados nos edifícios ofertados pelo mercado imobiliário no século XXI em São Paulo e seus impactos na cidade de Ribeirão Preto**. Critérios para avaliação pós-ocupação. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, 2008.

Apêndice 01: tabelas dos edifícios datados da década de 1960-1970

EDIFÍCIO 01 Apt. 01		ANO 1964	BAIRRO: CENTRO
Edifício São Carlos		Localização: Avenida Duque de Caxias Construção: Construtora Breda	
Desenhista: Walter Cunha			
Número de pavimentos : 11		Número de apt/andar: 2	
Dependência completa: Sim.		Número de dormitórios sociais : 2	
Varanda: Não			
LOCALIZAÇÃO			
			
Planta baixa digitalizada do pavimento tipo do Edifício São Carlos. Sem escala. Fonte: gEPA.			

EDIFÍCIO 02 Apt. 02 e 03	ANO 1964	BAIRRO: FAROL
Edifício Lagoa Mar	Localização: Rua Dr. Osvaldo Sarmiento Construção: Construtora Cipesa	

Arquiteto: Acácio Gil Borsoi

Número de pavimentos : 13

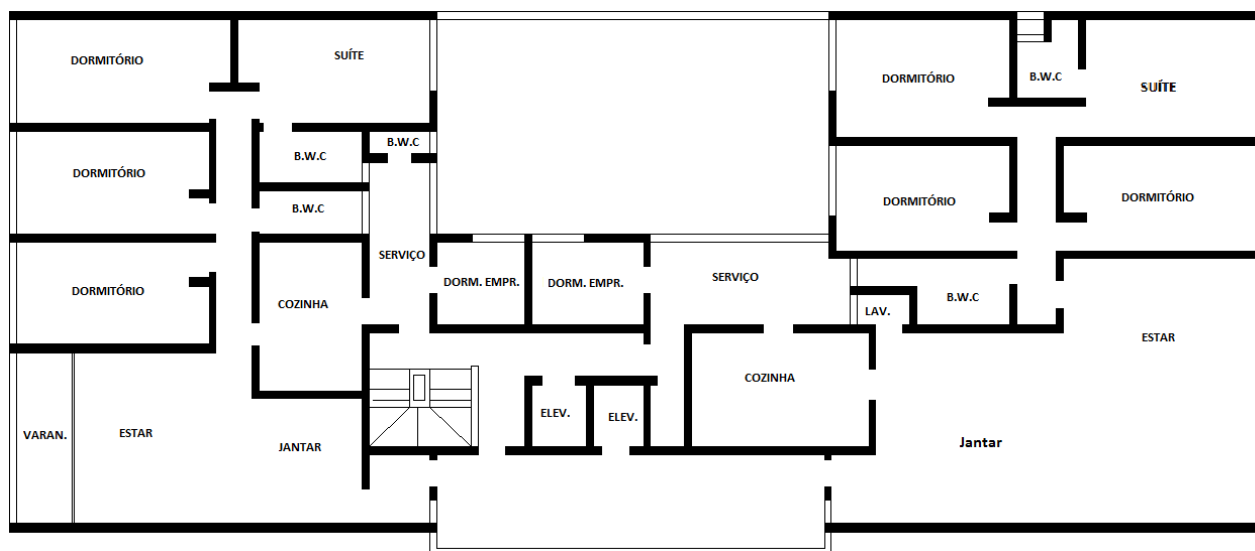
Número de apt/andar: 2

Dependência completa: Sim.

Número de dormitórios sociais : 4

Varanda: Não/Sim

LOCALIZAÇÃO



Planta baixa digitalizada do pavimento tipo do Edifício Lagoa Mar. Sem escala. Fonte: gEPA.

EDIFÍCIO 03 Apt. 04 E 05	ANO 1970	BAIRRO: CENTRO
Edifício Núbia	Localização: Avenida Duque de Caxias Construção:	

Arquiteto: Sem informação até o momento

Número de pavimentos : 8 + pilotis

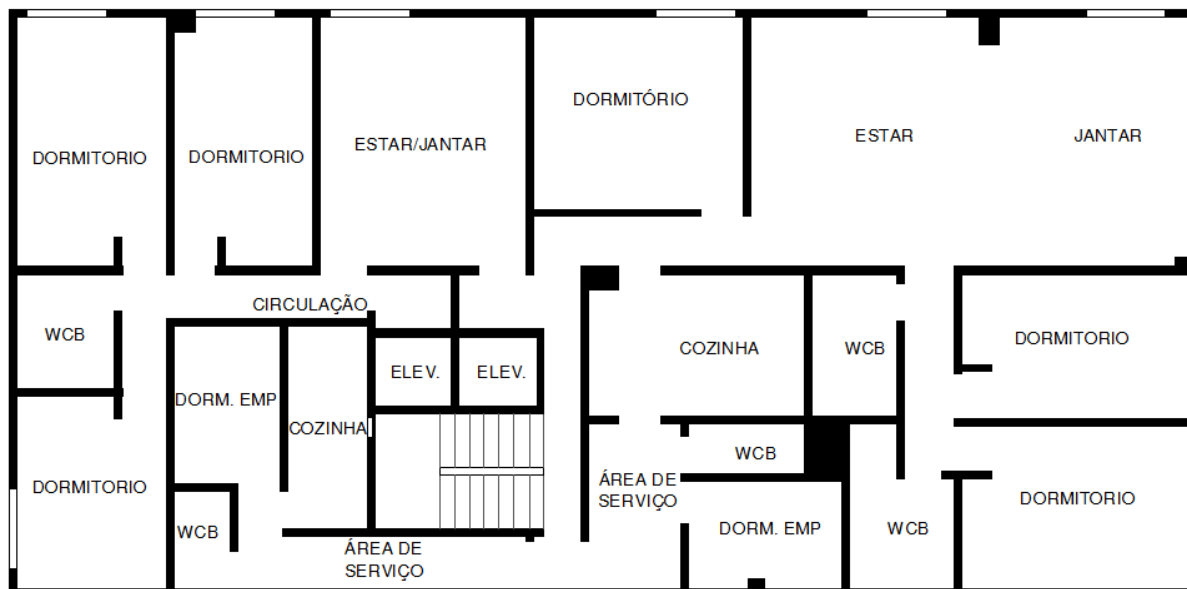
Número de apt/andar: 2

Dependência completa: Sim.

Número de dormitórios sociais : 3

Varanda: Não

LOCALIZAÇÃO			



Planta baixa digitalizada do pavimento tipo do Edifício Núbia. Sem escala. Fonte: gEPA.

EDIFÍCIO 04 Apt. 06	ANO 1973	BAIRRO: PAJUÇARA
Edifício Jangada	Localização: Avenida Dr. Antônio Gouveia Construção: Firma Apipucos Construções LTDA	

Arquiteto: Sem informação até o momento

Número de pavimentos : 8 + pilotis

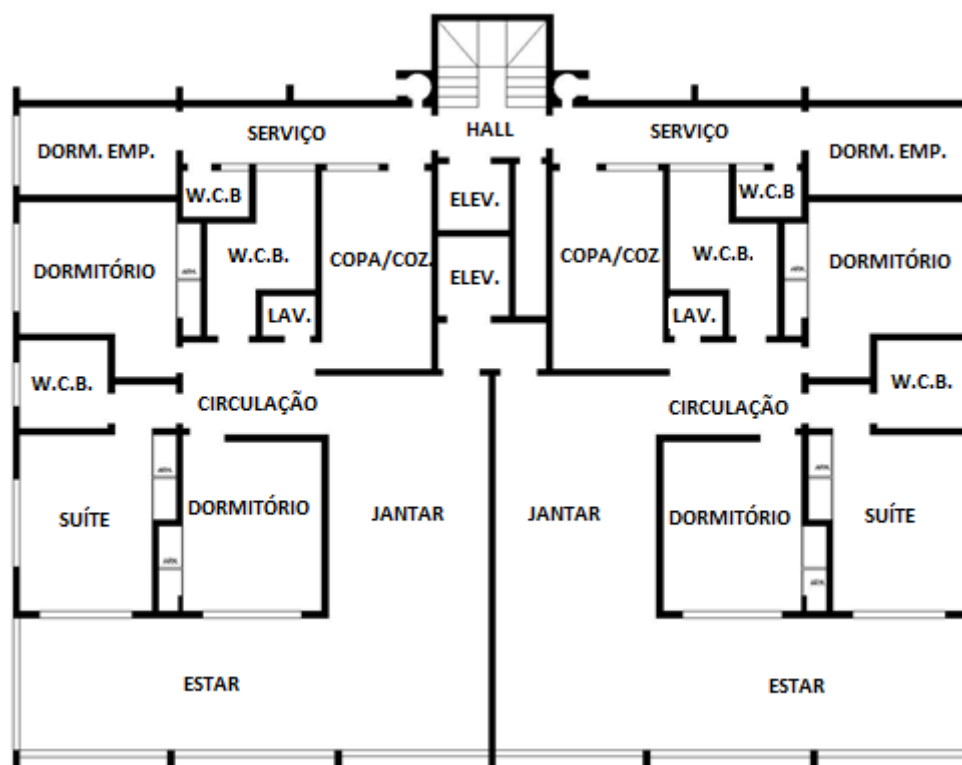
Número de apt/andar: 2

Dependência completa: Sim.

Número de dormitórios sociais : 3

Varanda: Não

LOCALIZAÇÃO



Planta baixa digitalizada do pavimento tipo do Edifício Jangada. Sem escala. Fonte: gEPA.

EDIFÍCIO 05 Apt. 07 e 08	ANO 1973	BAIRRO: PONTA VERDE
Edifício Barroca	Localização: Rua Desportista Humberto Guimarães, 1137 Construção: Construtora Barroca	

Arquiteto: Emmanuel Lins e Melo

Número de pavimentos : 13 + pilotis

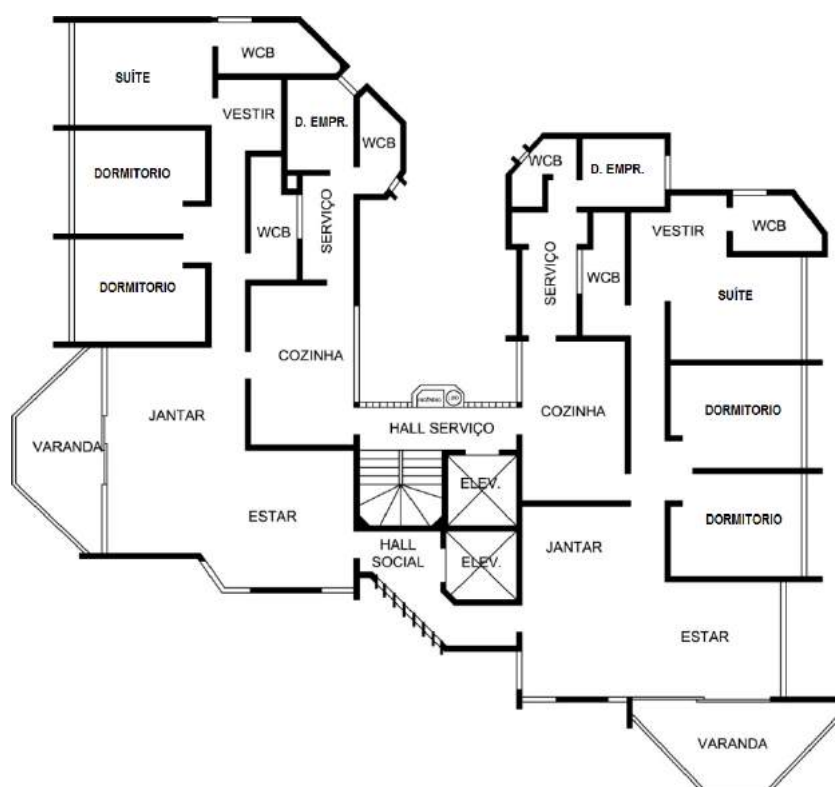
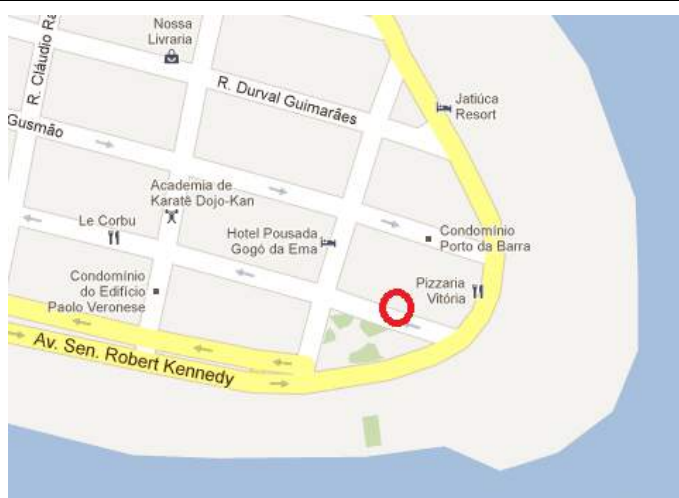
Número de apt/andar: 2

Dependência completa: Sim.

Número de dormitórios sociais : 3

Varanda: Sim

LOCALIZAÇÃO



Planta baixa digitalizada do pavimento tipo do Edifício Barroca. Sem escala. Fonte: gEPA.

EDIFÍCIO 06 Apt. 09	ANO 1974	BAIRRO: PONTA VERDE
Edifício Praia Verde	Localização: Rua Engenheiro Mário de Gusmão, 174 Construção: Construções e Empreendimento LTDA	

Arquiteto: Sem informação

Número de pavimentos : 14 + pilotis

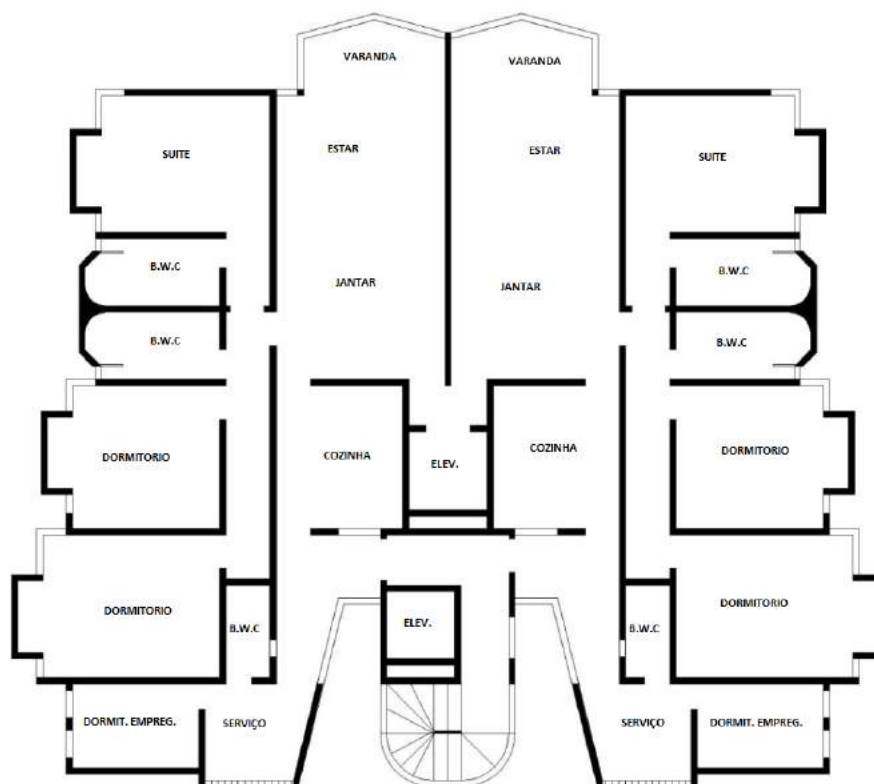
Número de apt/andar: 2 / ultimo cobertura

Dependência completa: Sim.

Número de dormitórios sociais : 3

Varanda: Sim

LOCALIZAÇÃO



Planta baixa digitalizada do pavimento tipo do Edifício Praia verde. Sem escala. Fonte: gEPA.

EDIFÍCIO 07 Apt. 10	ANO 1975	BAIRRO: JARAGUÁ
Edifício Tatiana	Localização: Avenida Duque de Caxias, 1062 Construção: Humberto Lobo LTDA	

Arquiteto: Sem informação

Número de pavimentos : 13 + pilotis

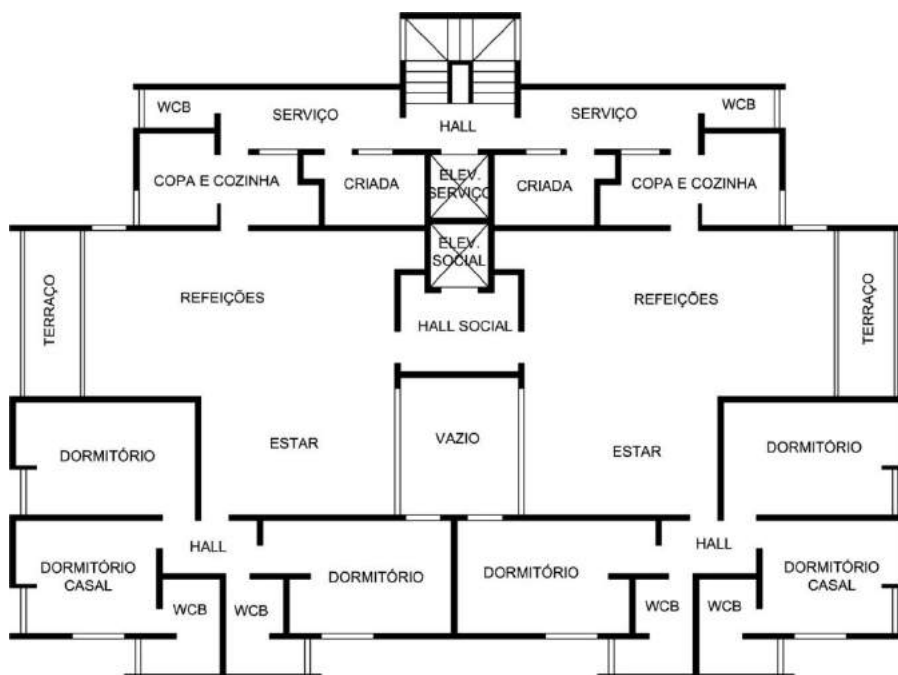
Número de apt/andar: 2

Dependência completa: Sim.

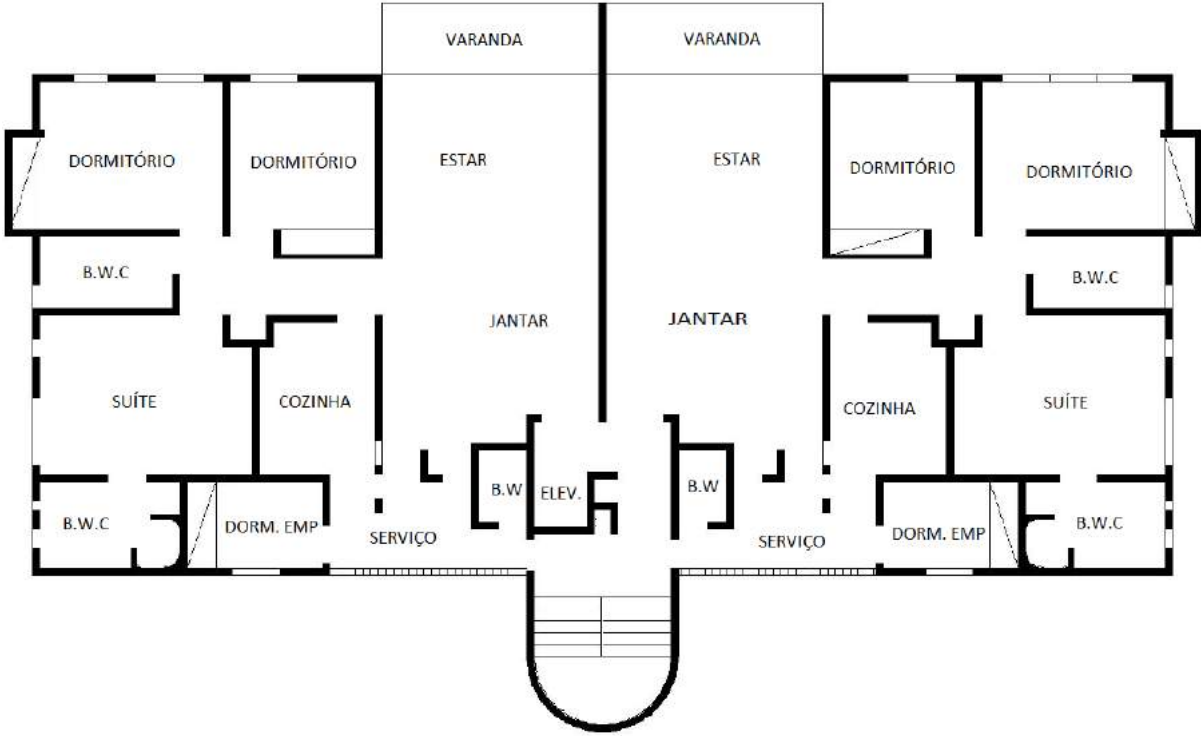
Número de dormitórios sociais : 3

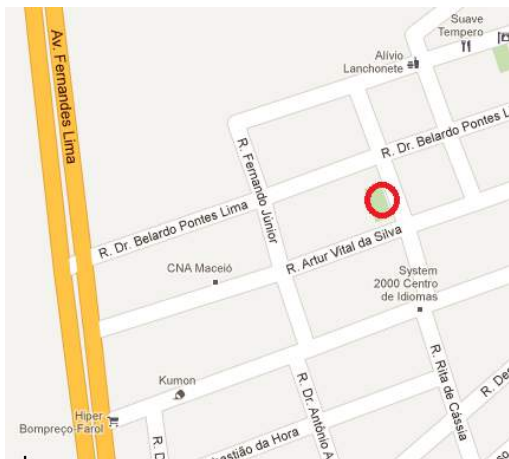
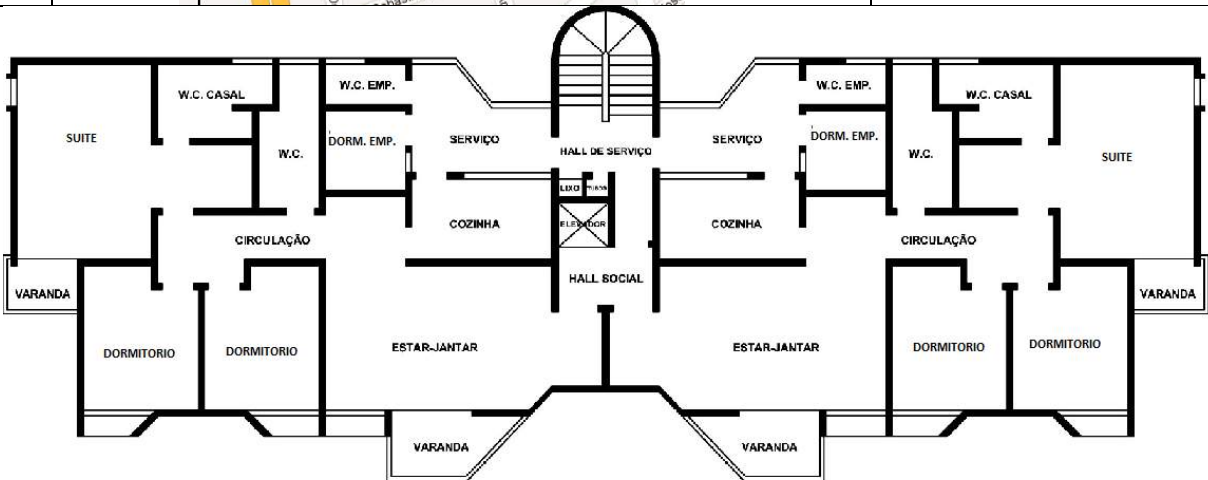
Varanda: Sim

LOCALIZAÇÃO



Planta baixa digitalizada do pavimento tipo do Edifício Tatiana. Sem escala. Fonte: gEPA.

EDIFÍCIO 08 Apt. 11		ANO 1975	BAIRRO: GRUTA DE LOURDES
Edifício Antônia Luiza		Localização: Rua Abelardo Pontes Lima Construção: Imobiliária Brêda	
Arquiteto: Sem informação			
Número de pavimentos :6 + pilotis		Número de apt/andar: 2	
Dependência completa: Sim.		Número de dormitórios sociais : 3	
Varanda: Sim			
LOCALIZAÇÃO			
	 Planta baixa digitalizada do pavimento tipo do Edifício Tatiana. Sem escala. Fonte: gEPA.		

EDIFÍCIO 09 Apt. 12		ANO 1975	BAIRRO: GRUTA DE LOURDES
Edifício Arthur Vital da Silva		Localização: Rua Rita de Cássia Construção: Imobiliária Brêda.	
Arquiteto: Sem informação			
Número de pavimentos : 4 + pilotis		Número de apt/andar: 2	
Dependência completa: Sim.		Número de dormitórios sociais : 3	
Varanda: Sim			
LOCALIZAÇÃO			
			
Planta baixa digitalizada do pavimento tipo do Edifício Arthur Vital. Sem escala. Fonte: gEPA.			

EDIFÍCIO 10 Apt. 13	ANO 1975	BAIRRO: FAROL
Edifício Mansão Leonardo da Vinci	Localização: Av. Antônio Brandão, 307 Construção: Habitacional Construções	

Arquiteto: Sem informação

Número de pavimentos : 12 + pilotis

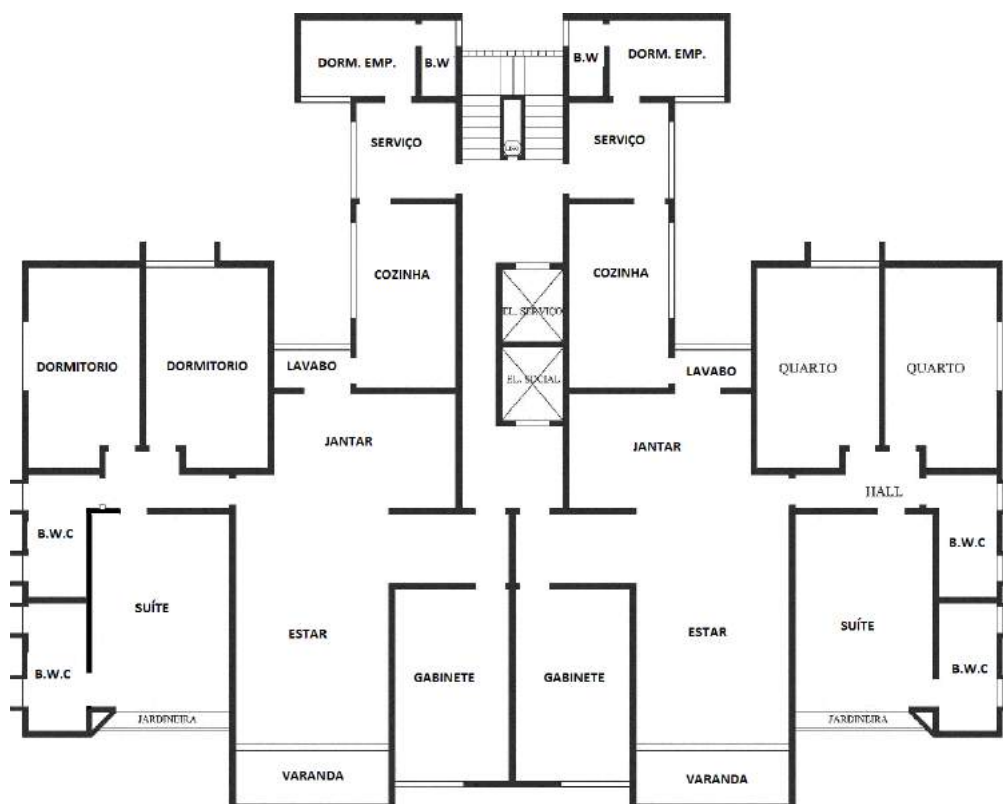
Número de apt/andar: 2

Dependência completa: Sim.

Número de dormitórios sociais : 4

Varanda: Sim

LOCALIZAÇÃO



Planta baixa digitalizada do pavimento tipo do Edifício Mansão Leonardo da Vinci. Sem escala.
Fonte: gEPA.

EDIFÍCIO 11 Apt. 14	ANO 1975	BAIRRO: PAJUÇARA
Edifício Donina Carneiro	Localização: Avenida Dr. Antônio Gouveia Construção:	

Arquiteto: Sem informação

Número de pavimentos : 8 + pilotis

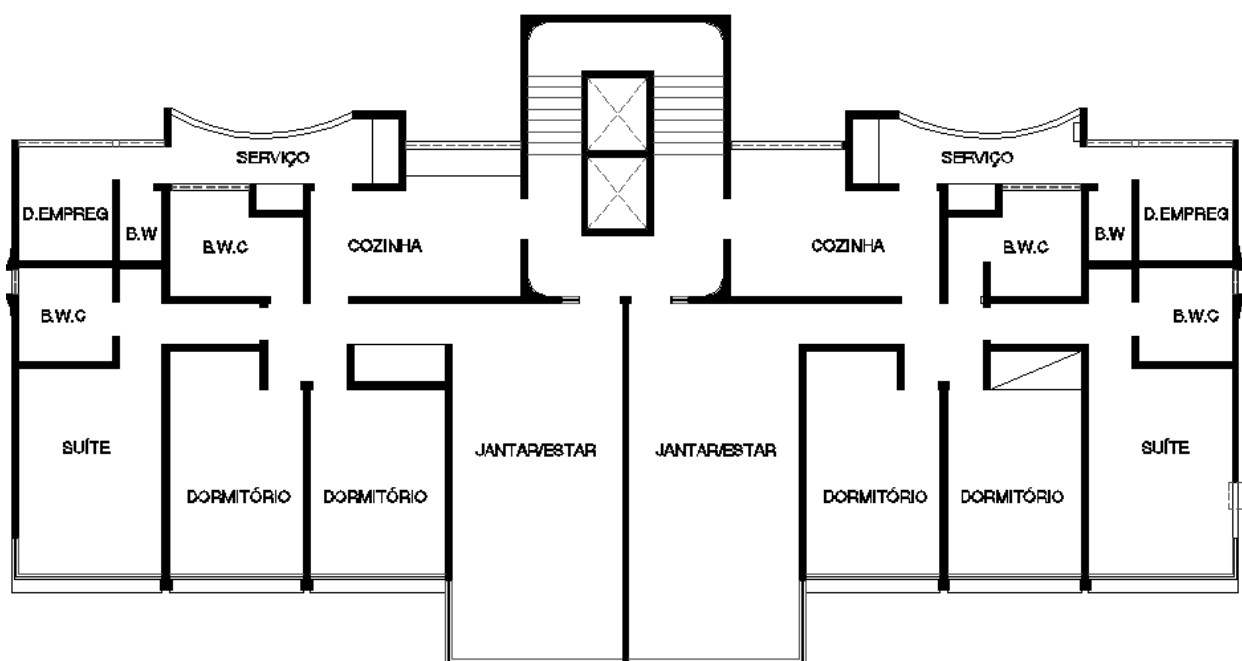
Número de apt/andar: 2

Dependência completa: Sim.

Número de dormitórios sociais : 3

Varanda: Não

LOCALIZAÇÃO



Planta baixa digitalizada do pavimento tipo do Edifício Donina Carneiro. Sem escala. Fonte: gEPA.

EDIFÍCIO 12 Apt. 15		ANO 1975	BAIRRO: PAJUÇARA
Edifício Lennie Nichols		Localização: Avenida Dr. Antônio Gouveia Construção:	
Arquiteto: Sem informação			
Número de pavimentos : 14 + pilotis		Número de apt/andar: 1	
Dependência completa: Sim.		Número de dormitórios sociais : 3	
Varanda: Sim			
LOCALIZAÇÃO			
	Planta baixa digitalizada do pavimento tipo do Edifício Lennie Nichols. Sem escala. Fonte: gEPA.		

EDIFÍCIO 13 Apt. 16	ANO 1976	BAIRRO: PONTA VERDE
Edifício Status	Localização: Lote 395 do Loteamento Álvaro Otacílio. Construção: PBP Empreendimento Imobiliário	

Arquiteto: Marcos Vieira, Simone Vieira e Leila Sarmento

Número de pavimentos : 10 + pilotis

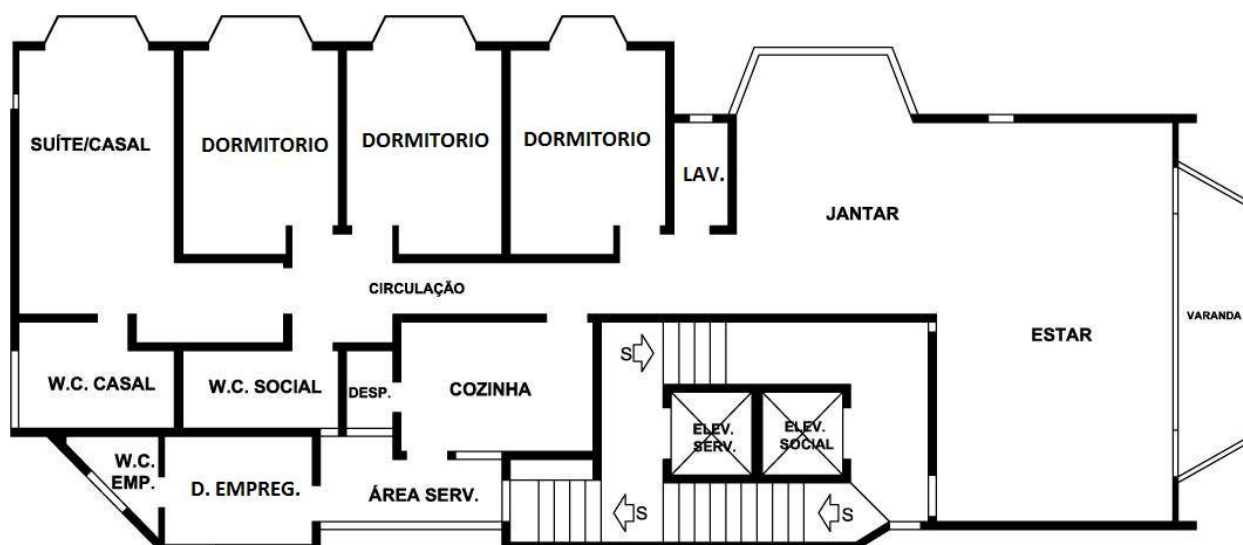
Número de apt/andar: 1

Dependência completa: Sim.

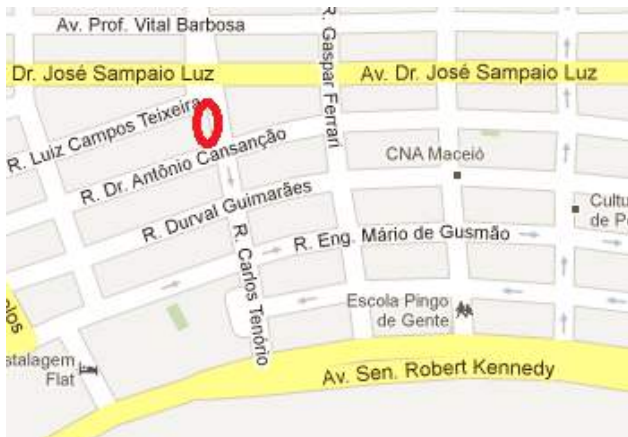
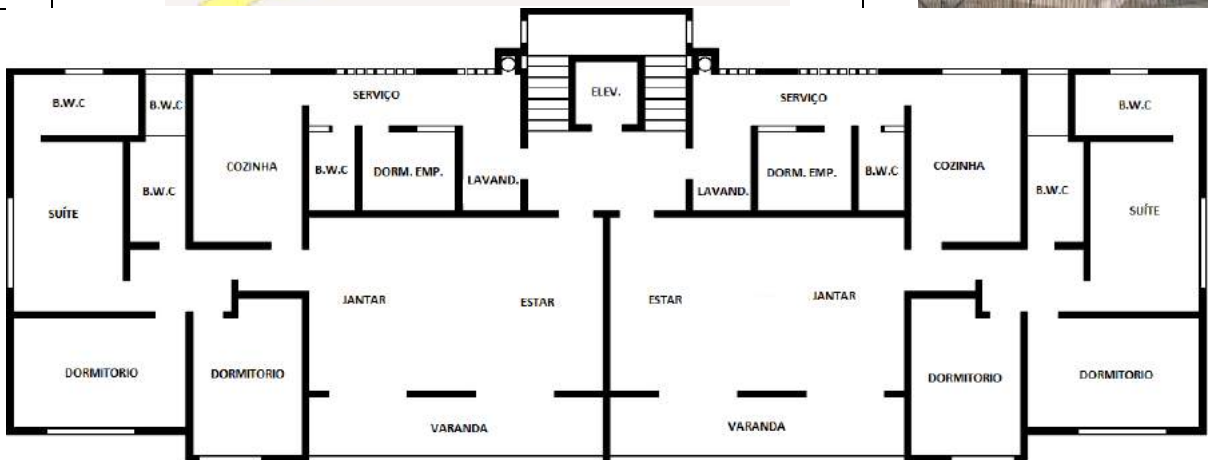
Número de dormitórios sociais : 4

Varanda: Sim

LOCALIZAÇÃO



Planta baixa digitalizada do pavimento tipo do Edifício Status. Sem escala. Fonte: gEPA, 2011.

EDIFÍCIO 15 Apt. 19		ANO 1976	BAIRRO: PONTA VERDE
Edifício Caravela		Localização: Rua Campos Teixeira Construção: Engenharia e Projetos LTDA	
Arquiteto: Sem informação			
Número de pavimentos : 5 + pilotis		Número de apt/andar: 2	
Dependência completa: Sim.		Número de dormitórios sociais : 3	
Varanda: Sim			
LOCALIZAÇÃO			
			
Planta baixa digitalizada do pavimento tipo do Edifício Caravela. Sem escala. Fonte: gEPA.			

EDIFÍCIO 16 Apt. 20	ANO 1976	BAIRRO: PONTA VERDE
Edifício Atlântida	Localização: Rua Durval Guimarães Construção: Sem informação até o momento	

Arquiteto: Alex Lomachinsky e Emmanuel Lins e Melo

Número de pavimentos : 13 + pilotis

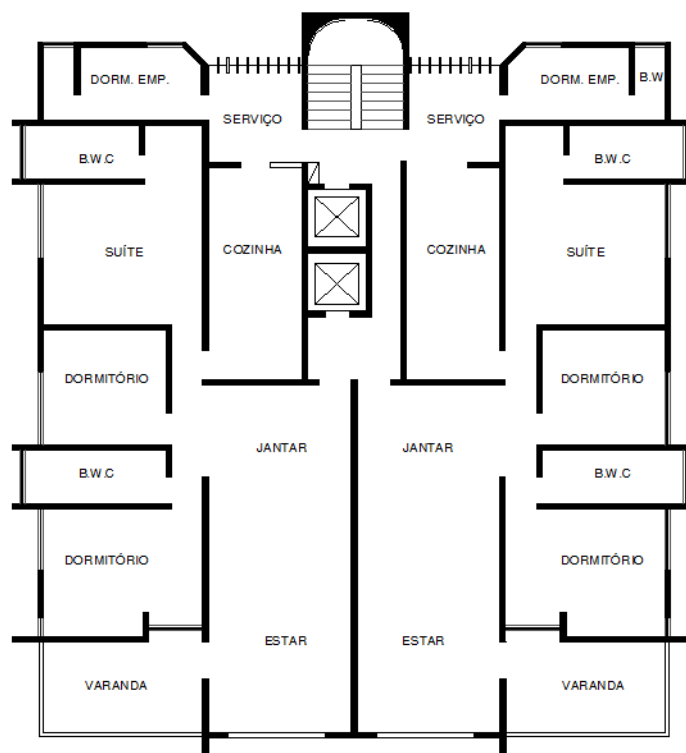
Número de apt/andar: 2

Dependência completa: Sim.

Número de dormitórios sociais : 3

Varanda: Sim

LOCALIZAÇÃO



Planta baixa digitalizada do pavimento tipo do Edifício Atlântida. Sem escala. Fonte: gEPA.

EDIFÍCIO 17 Apt. 21	ANO 1976	BAIRRO: PONTA VERDE
Edifício Biarritz	Localização: Rua Engenheiro Mário de Gusmão, 925 Construção: Construção Técnica Administração LTDA	

Arquiteto: Vera Cristina Tenório

Número de pavimentos : 10 + pilotis

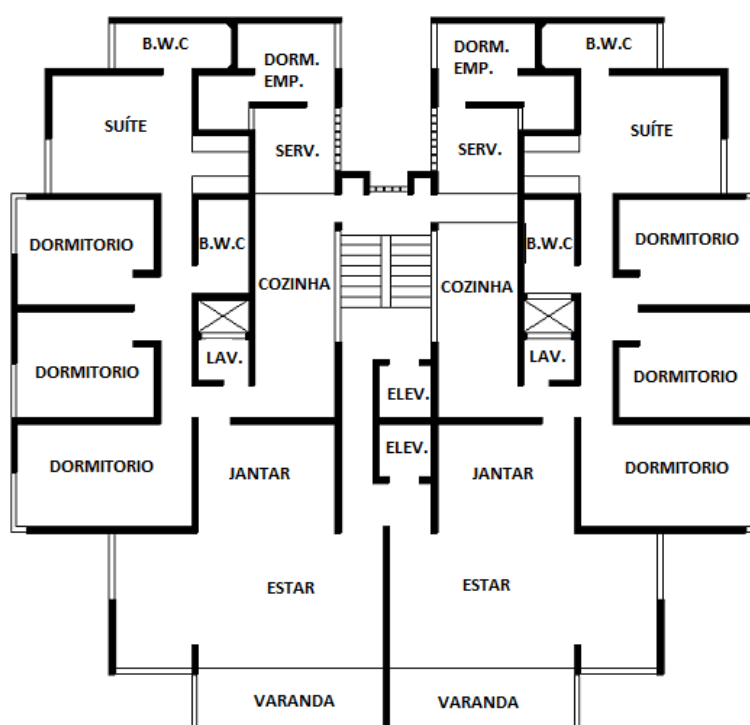
Número de apt/andar: 2

Dependência completa: Sim.

Número de dormitórios sociais : 4

Varanda: Sim

LOCALIZAÇÃO



Planta baixa digitalizada do pavimento tipo do Edifício Biarritz. Sem escala. Fonte: gEPA.

EDIFÍCIO 18 Apt. 22	ANO 1976	BAIRRO: PONTA VERDE
Edifício Kanandú	Localização: Avenida Antônio Gouveia, 1465 Construção: Construção Técnica Administração LTDA	

Arquiteto: Marcos Vieira, Simone Vieira e Leila Sarmento

Número de pavimentos : 10 + pilotis

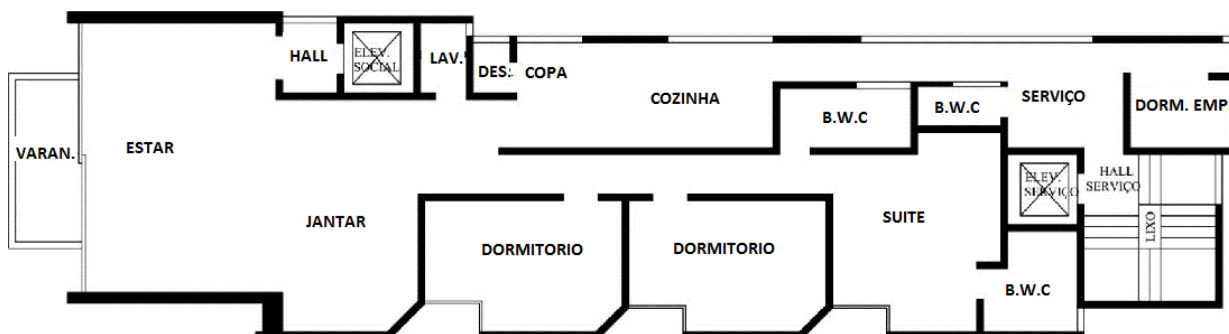
Número de apt/andar: 1

Dependência completa: Sim.

Número de dormitórios sociais : 3

Varanda: Sim

LOCALIZAÇÃO



Planta baixa digitalizada do pavimento tipo do Edifício Kanandú. Sem escala. Fonte: gEPA.

EDIFÍCIO 19 Apt. 23 e 24	ANO 1976	BAIRRO: PONTA VERDE
Edifício Solar Graciliano Ramos	Localização: Rua desportista Humberto Guimarães, 1081 Construção: Construção Vigasce LTDA	

Arquiteto: Alex Lomachinaky

Número de pavimentos : 17 + pilotis

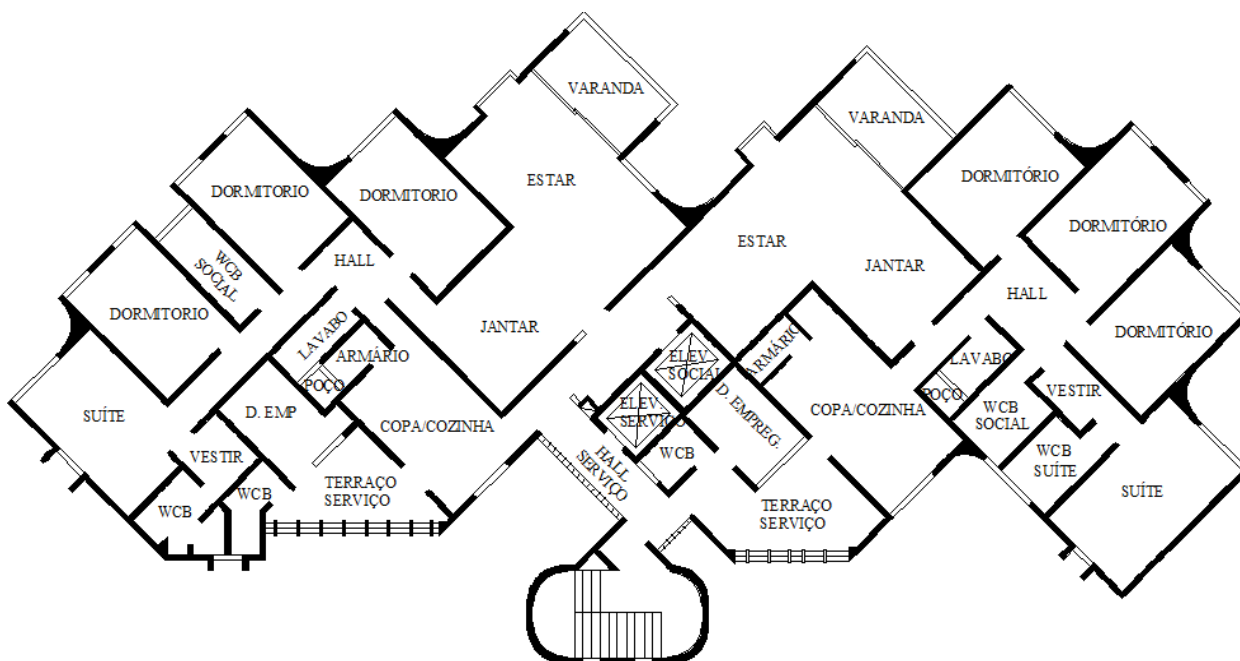
Número de apt/andar: 2

Dependência completa: Sim.

Número de dormitórios sociais : 4

Varanda: Sim

LOCALIZAÇÃO



Planta baixa digitalizada do pavimento tipo do Edifício Solar Graciliano Ramos. Sem escala.
Fonte: gEPA.

EDIFÍCIO 20 Apt. 25	ANO 1976	BAIRRO: PONTA VERDE
Edifício Versalhes	Localização: Avenida Robert Kennedy, 2429. Construção: Cinex	

Arquiteto: José Alberto Carnaúba

Número de pavimentos : 13 + pilotis

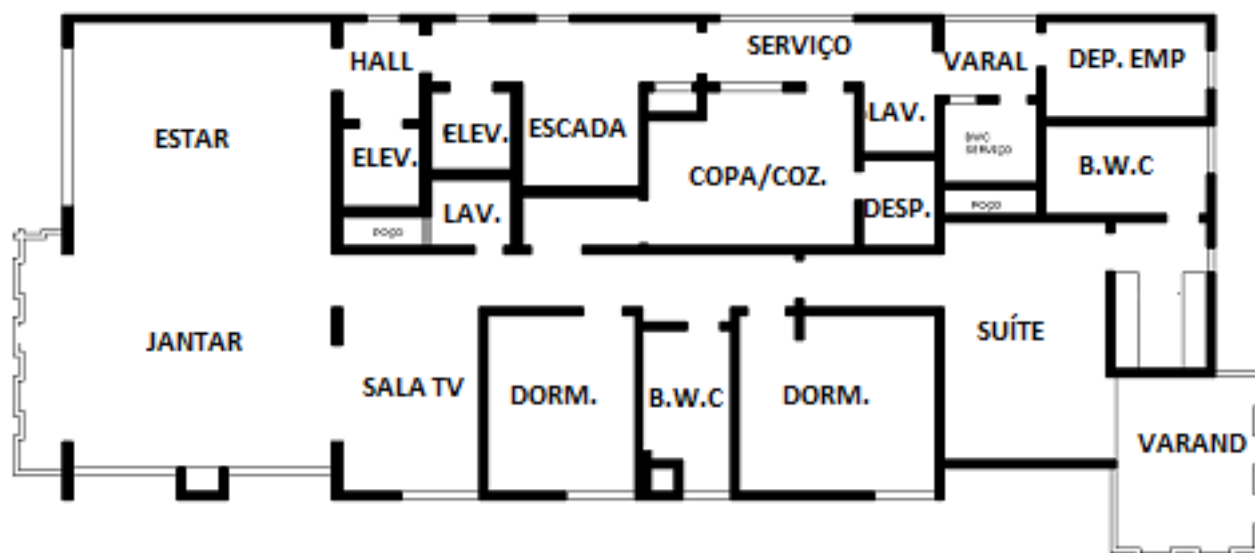
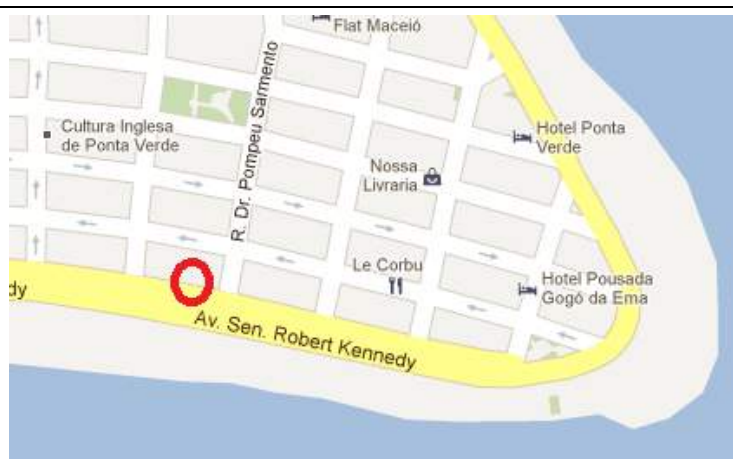
Número de apt/andar: 1

Dependência completa: Sim.

Número de dormitórios sociais : 3

Varanda: Sim

LOCALIZAÇÃO



Planta baixa digitalizada do pavimento tipo do Edifício Versalhes. Sem escala. Fonte: gEPA.

EDIFÍCIO 22 Apt. 27	ANO 1976	BAIRRO: PONTA VERDE
Edifício Saveiro	Localização: Rua Quintino Bocaiuva Construção: Gama Incorporações LTDA	

Arquiteto: Enrique Alvarez e Rodrigo Pontual

Número de pavimentos : 7 + pilotis

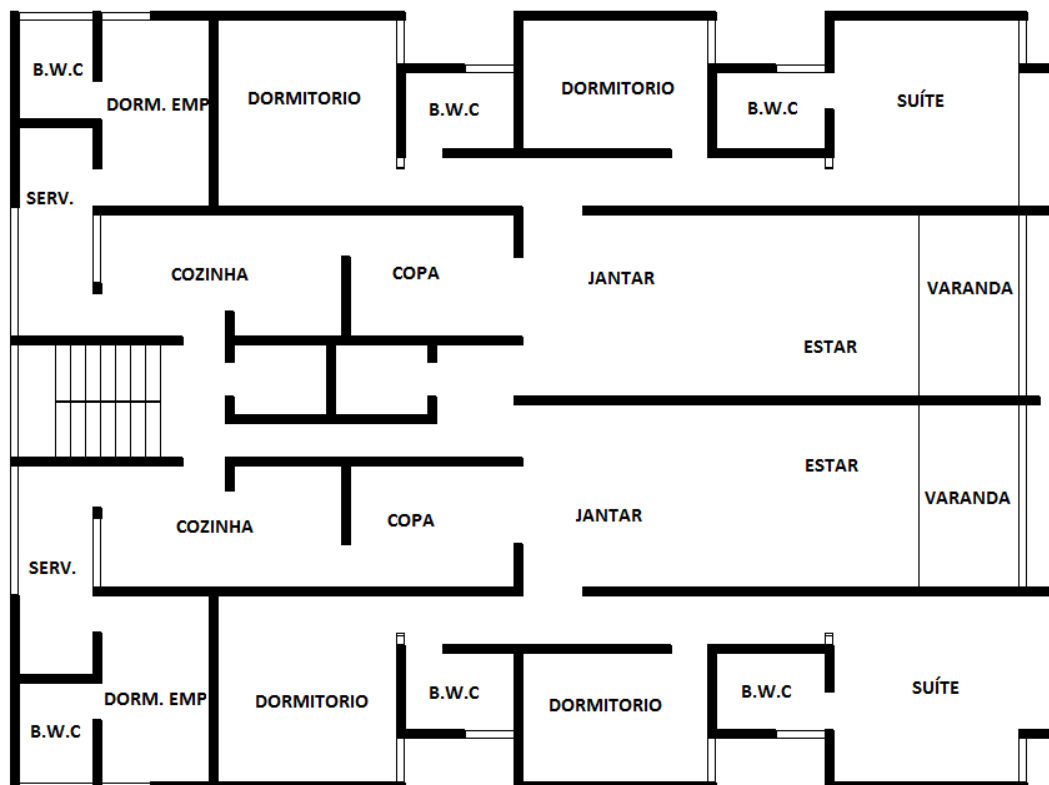
Número de apt/andar: 2

Dependência completa: Sim.

Número de dormitórios sociais : 3

Varanda: Sim

LOCALIZAÇÃO



Planta baixa digitalizada do pavimento tipo do Edifício Saveiro. Sem escala. Fonte: gEPA.

EDIFÍCIO 23 Apt. 28	ANO 1977	BAIRRO: FAROL
Edifício Benedito Bentes	Localização: Av. Fernandes Lima Construção: Construtora Civil e Industrial da Bahia	

Arquiteto: Júlio Ferreira da Silva

Número de pavimentos : 16

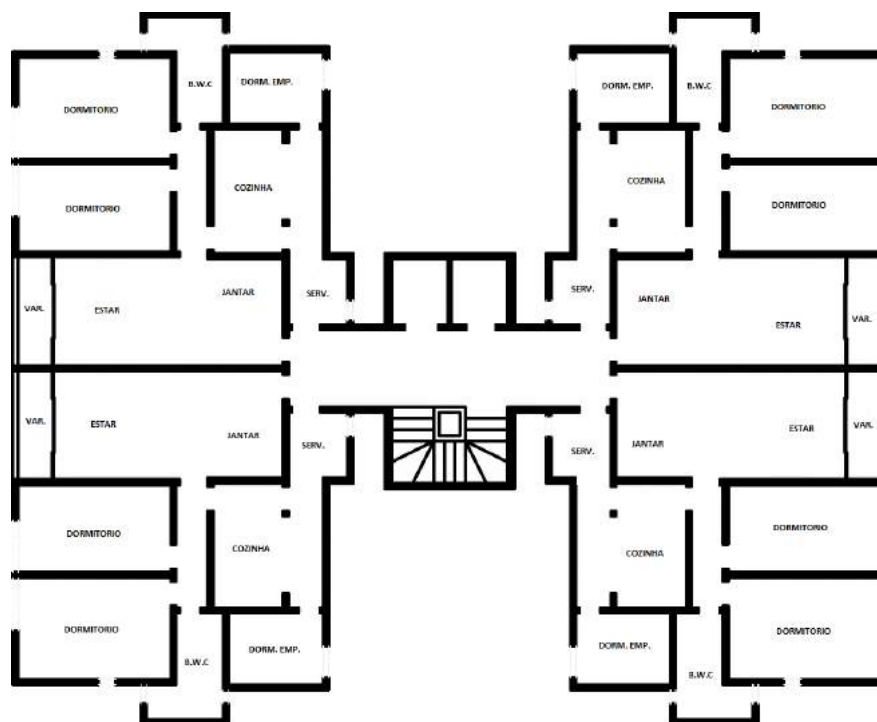
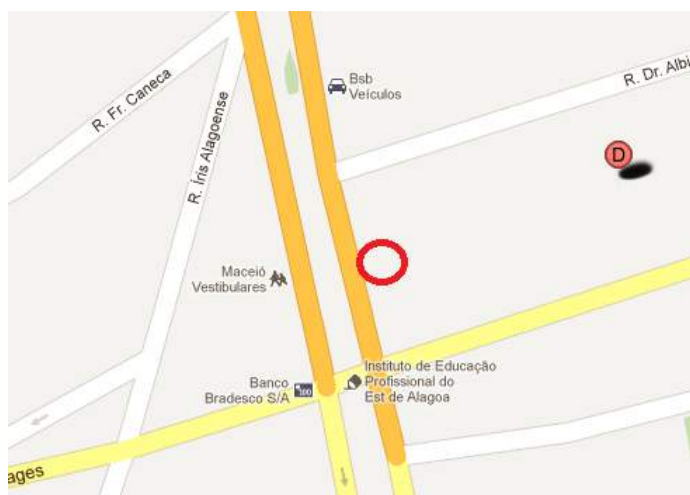
Número de apt/andar: 4

Dependência completa: Sim.

Número de dormitórios sociais : 2

Varanda: Sim

LOCALIZAÇÃO



Planta baixa digitalizada do pavimento tipo do Edifício Benedito Bentes. Sem escala. Fonte: gEPA.

EDIFÍCIO 24 Apt. 29	ANO 1977	BAIRRO: GRUTA DE LOURDES
Edifício Nina	Localização: Rua Belardo Pontes Lima Construção: EMPRIL empreendimentos imobiliários LTDA	

Arquiteto: Júlio Ferreira da Silva

Número de pavimentos : 7 + pilotis

Número de apt/andar: 2

Dependência completa: Sim.

Número de dormitórios sociais : 3

Varanda: Sim

LOCALIZAÇÃO



Planta baixa digitalizada do pavimento tipo do Edifício Nina. Sem escala. Fonte: gEPA.

EDIFÍCIO 26 Apt. 32	ANO 1978	BAIRRO: FAROL
Edifício Armando Lobo	Localização: Rua Goiás Construção: Humberto Lobo LTDA	

Arquiteto:

Número de pavimentos : 6 + pilotis

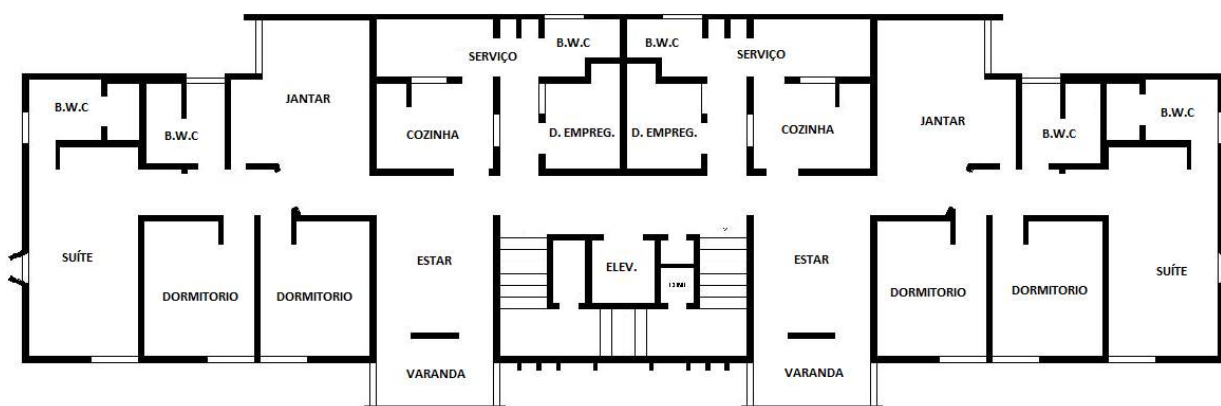
Número de apt/andar: 2

Dependência completa: Sim.

Número de dormitórios sociais : 3

Varanda: Sim

LOCALIZAÇÃO



Planta baixa digitalizada do pavimento tipo do Edifício Armando Lobo. Sem escala. Fonte: gEPA.

EDIFÍCIO 27 Apt. 33 e 34	ANO 1978	BAIRRO: PONTA VERDE
Edifício Costa Verde	Localização: Rua Vital Barbosa, 398. Construção: Cinex Comércio Industrial	

Arquiteto: Alberto Carnáuba

Número de pavimentos : 8 + pilotis

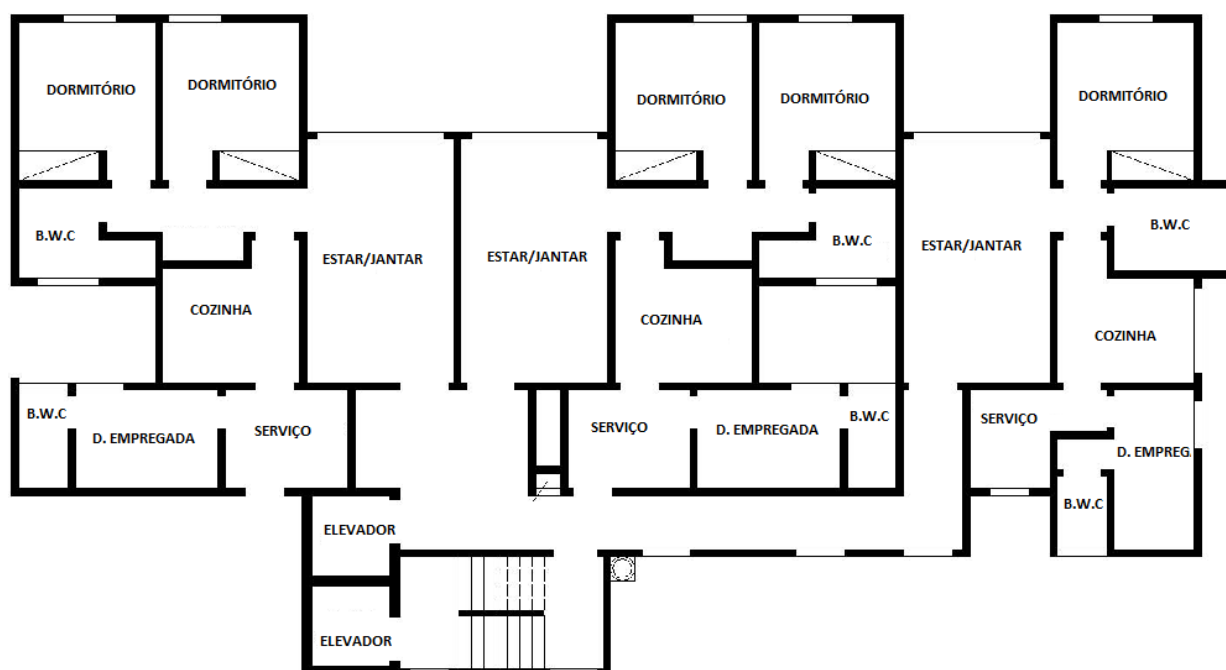
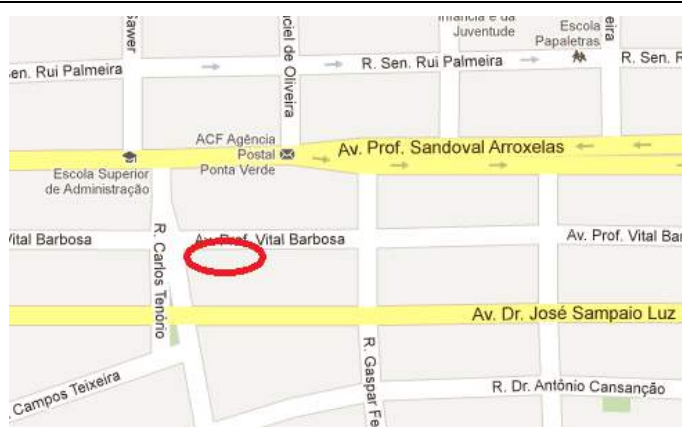
Número de apt/andar: 3

Dependência completa: Sim.

Número de dormitórios sociais : 2 e 1

Varanda: Sim

LOCALIZAÇÃO



Planta baixa digitalizada do pavimento tipo do Edifício Costa Verde. Sem escala. Fonte: gEPA.

EDIFÍCIO 28 Apt. 35	ANO 1979	BAIRRO: PONTA VERDE
Edifício Veleiro	Localização: Av. Robert Kenedy Construção: Gama e Incorporações LTDA	

Arquiteto: Petrúcio Teixeira Lima

Número de pavimentos : 5 + pilotis

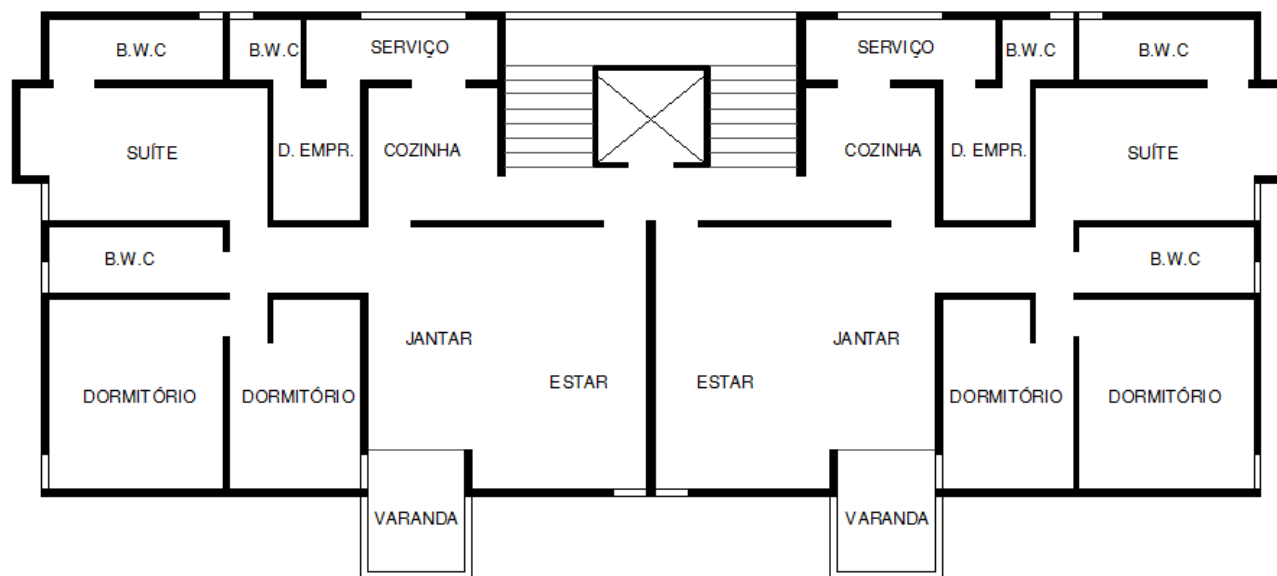
Número de apt/andar: 2

Dependência completa: Sim.

Número de dormitórios sociais : 3

Varanda: Sim

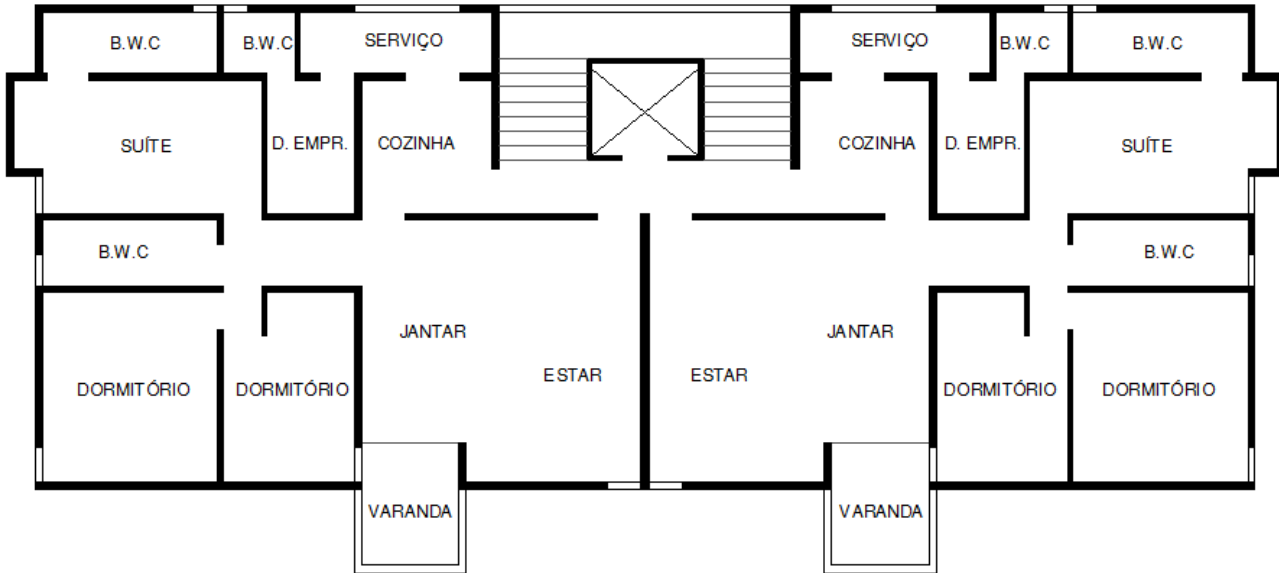
LOCALIZAÇÃO



Planta baixa digitalizada do pavimento tipo do Edifício Veleiro. Sem escala. Fonte: gEPA.

EDIFÍCIO 29 Apt. 36	ANO 1979	BAIRRO: PONTA VERDE
Edifício Fragata	Localização: Av. Robert Kenedy Construção: Gama e Incorporações LTDA	
Arquiteto: Petrúcio Teixeira Lima		
Número de pavimentos : 5 + pilotis		Número de apt/andar: 2
Dependência completa: Sim.		Número de dormitórios sociais : 3
Varanda: Sim		

LOCALIZAÇÃO		
-------------	--	--

											
Planta baixa digitalizada do pavimento tipo do Edifício Fragata. Sem escala. Fonte: gEPA.											

EDIFÍCIO 30 Apt. 37	ANO 1979	BAIRRO: FAROL
Edifício Boca da Grot	Localização: Rua Des. Tenório. Construção:	

Arquiteto:

Número de pavimentos : 15 + pilotis

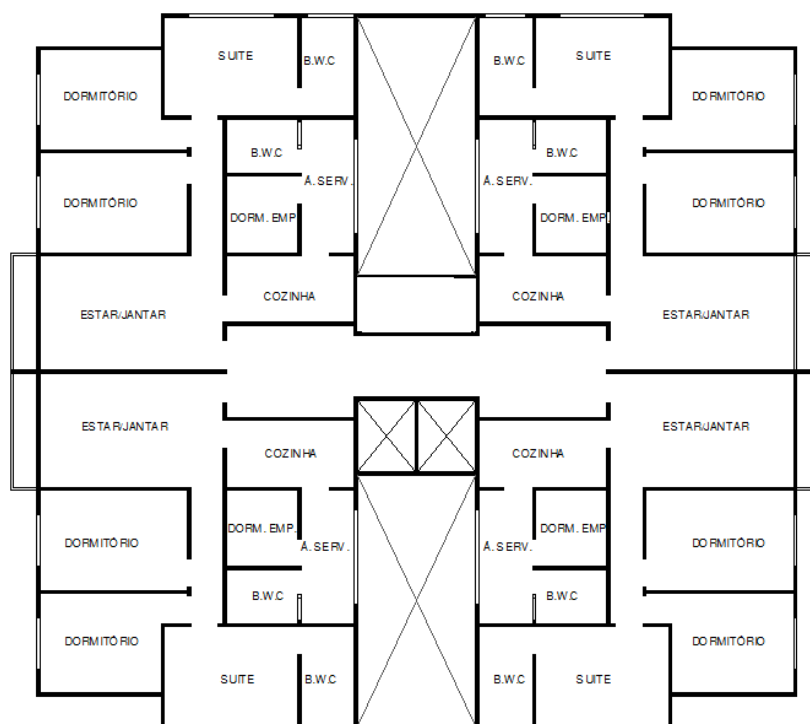
Número de apt/andar: 4

Dependência completa: Sim.

Número de dormitórios sociais : 3

Varanda: Sim

LOCALIZAÇÃO



Planta baixa digitalizada do pavimento tipo do Edifício Boca da Grot. Sem escala. Fonte: gEPA.

